

falar aos mudos faz o que sabe, desfatar com destreza o vinculo, & impedimento da lingua. Onde he de notar, que não se diz que cortou o Senhor o tal vinculo, mas que o desfato; porque não he este o nó Gordiano, q̃ a força da espada de Alexandre corta; porque não pode desfatar. Valentias são estas da força mundana; mas a destreza espiritual sabe desfatar o nó mais cego: & as mãos apostolicas desfatarão ao jumento, que fazia figura do peccador, segundo S. Ambrosio.

Matth. 21 n.
2.

Amb. Lib.
9. in Luc.

Peroração exhortatoria.

35 **P**Ois attēta tu, ò alma, se acaso te diuertiste do feruor, & conuersação celeste; quão de pressa te cõuem fazer a volta ao mar de tuas lagrimas, polia consideração de teus cuidados. Quanta cautela te he necessaria, para com os proximos com q̃ tratas, para que por culpa tua não seja algũ delles escandalizado nas circunstancias da bõa obra, que fizeres. Ordena teus pensamentos de maneira, que elles teleuem a teu Senhor, & medico, para que cure teus achaques espirituales, & sare teus sentidos lesos pollo peccado. Somettete debaixo da diuina mão, para que resignandote

todo nelle, a ponha sobre ti, & te cure. Deixate a partar do tumulto, & conuersação mundana, entre a qual não acharás faude: & se elle te fizer apartar per aduersidades da vida presente, sofreas de boamente, porq̃ esse he o caminho de elle te levar a si para curarte. Recebe os dedos da diuina operação, para o que em ti quizer fazer como Creador teu, & com humildade espera a maravilha, que for seruido fazer de esperar teus ouvidos, & apurar tua obediencia. Ouue attentamente suas inspirações, & palavras: & recebe a salua de sua graça, & sabedoria, de modo que engeites toda a do mundo, por saber sô a elle. Com elle traz sempre no Ceo os olhos de tua intenção: com elle geme, não somente tuas culpas, mas também compadece as alheyas miserias. Abre a elle todos teus affectos, & solta para elle todas tuas palavras: & ordena para elle todas tuas obras. Para q̃ quantos te virem, & trattarem, sejam mouidos a dar graças a o obrador das maravilhas. Foge com todo o cuidado os olhos humanos, & grangea os diuinos, que em ti tanta graça obrarão; para que mereças sô com elle o galardão da gloria. Amen.

REFEIÇAM SPIRITVAL.

CAPITVLO DECIMO QVARTO.

Do amor de Deos, & do proximo, com o exemplo do que cahio em mãos de ladroës



Viam os settenta & dous discipulos tornado das missoës, que lhes hauia ordenado o Redemptor Iesus Christo, muito alegres das bõas andanças, que nellas logram. E o mesmo Senhor despois de varios documentos, & prudentissimas aduertencias acerca da materia; ale-

grandose em espirito deu graças a seu eterno Padre, porq̃ escõdera aquellos mysterios aos grandes, & sabios do mundo, & os reuelara aos pequenos, & humildes fogeitos. Acrecentando a altissima noticia, que delles, & de si quizera reuelar, a quem por seus profundissimos secretos foi seruido.

Luc. 10 n. 21
Matth. 13 n.
16.

Matth.
21.

do. A qual acção de graças tinha feito quando os doze tornaram tambem das suas missoes.

LIÇAM I.

Da Ventura dos Discipulos de Christo.

1 E Nraõ conuertendo a pratica a seus Apostolos, & discipulos chamou a todos bemaventurados polia dita, que tiueram em o ver, & ouuir a elle, como em primeiro lugar conta o Euangelista S. Lucas em o capitulo decimo; polio q̄ se diz em o texto. *Bemaventurados os olhos que vem as cousas, que vós vedes. Porque vos digo que muitos Prophetas, & Reis quizeram ver o que vós vedes, & não o viram: & quizeram ouuir as que vós ouuis, & não as ouviram.* Esta pratica, que o Senhor teue com os seus depois dos settenta & doustornarem, não consta do lugar em certo onde fosse; mas polio tempo em que S. Lucas o lança em Iudea, parece que succedeo, pouco depois de Christo se sahir do templo onde os judeos o quizerã apedrejar na festa dos Tabernaculos, ou Scenopegia, a qual se celebraua por meyo do mes de settembro. E entre ella, & adas Encenias, que se celebraua per fim de Nouembro; lança S. Lucas este, & outros casos, de q̄ se não pode saber a ordem, como bẽ o aduerte Iansenio. Só podemos conjecturar, q̄ foi de Settẽbro ate Nouembro, seis ou quatro meses antes de sua sacratissima paixãõ. Como pois o Senhor tiuesse alegre dado graças ao Padre polio misterio altissimo da predestinaçãõ em aquelles humildes sogetos, aos quaes dera a conhecer o ineffauel segredo de sua Encarnaçãõ.

2 O mesmo aluoroço de espirito redundou aos que diante de si tinha em sua santa companhia. Não cabe dentro em huã sãõ alma hum gosto excessiuo, & huã alegria grande; mas como bem legitimo procura comunicarse, & naturalmente redunda, & abrá-

ge a quantos presentes se acham. Porque polio que tem de nobre não pode deixar de communicarse; & polio que tem de verdadeira, não sabe desmintirse. Segundo o que diz Symacho: *Simach. Lib. 2 epistolar. c. 7.* Não cabe em si a grandeza de huã excessiuã alegria; antes desprezandose de estar mettida nos escondidos do peito, de tal maneira toda quanta he se manifesta tão candidamente, que se deixa entender não ter mais de grande, que de verdadeira. Com este aluoroço passou o Senhor Iesus Christo o agradecimento em beatificaçãõ dos seus, dizendolhes: Bemaventurados os olhos, que vem o que vós vedes. Conuẽ a saber ao Filho de Deos feito homem, conuersando com os homẽs: & vós outros viuendo, comendo, & bebendo com elle: assistindo lhe de noite, & de dia; & ouuindo continuamente sua doutrina, de sua propria boca sem interprete, ou terceira pessoa. Em figura do qual dixe a Rainha de Sabã a Salamã: *3. Reg. 10. v. 8.* Bemaventurados os vossos seruos, q̄ estão diante de vós, & ouuem vossa sabedoria. Se não que este he mais que Salamã. *Matth. 12. n. 43.*

3 Grandes enuejas logo pode fazer vossa ventura a muitos Reis, & Prophetas, que tanto desejaram ver, & ouuir o q̄ vós tãõ de contino lograis. Muitos Prophetas, & justos dixe em S. Matheos. Porque assi como he desgraça nacer, & viuer em ruins tempos: assi declaram S. Cyrillo, S. Hilario, Chrysofemo, que foi ventura dos discipulos de Christo alcançarem tãõ ditoso tempo, em que vissem, & ouuissem cousas tãõ desejadas, & suspiradas de todos os antigos Prophetas, Iustos, Reis, Grandes, & pequenos: conforme a aquillo de Aggeo: *Agg. 2. n. 8.* Virã o desejado de todas as gentes. E o S. Iacob chamou a Christo, saudades dos montes eternos, que eram desses Prophetas, Reis, & Iustos. E Balã polio q̄ tinha de Propheta, ainda que mau, & simoniaco; dizia: Nacerã huã estrella de Iacob, & leuantar-

Tex.

Iansen. C. 44

Simach. Lib. 2 epistolar. c. 7.

3. Reg. 10. v. 8.

Matth. 12. n. 43.

Matth. 13. v. 16. Cyrill. in Cap. Luc. & Hilar. Cat. Math. & Chrystoff. Cat. Matth. hom. 49.

Agg. 2. n. 8.

Gen. 49. v. 26.

Num. 24. n. 17. feha hũa vara de Israel. Oh quẽ viue-
rà quando Deos fizer estas cousas? O
Rei Dauid: Abendiçoete Deos, desde
Psf. 127. n. 5. Sion, pera que vejas os bẽs de Ierusa-
lem. Nacerà em seus dias a justiça,
& a abundancia da paz. E Salamam
Cant. 8. n. 1. 2 ob. 13. n. 20. em seu bucolico poema: Quem me
dera veruos ja feito irmão meu. To-
bias o justo: Bemaventurado serei, se
de minha geração ficarem reliquias,
para verem a claridade de Ierusalem.
Assi que Reis, Patriarcas, Prophetas,
& justos; todos tiueram santissima en-
veja aos que lograram o tempo de
Deos feito homem, da conuersação,
& vista do Messias. Esta ventura in-
culcaua S. Paulo aos Hebreos dizen-
do: De muitas maneiras, & per mui-
tos modos falou Deos antigamente
aos Padres nos Prophetas; pore
nestes vltimos tẽpos nos falou no Fi-
lho. Naõ ja per interpretes, nem per
cartas, nem per reccados; mas per si
mesmo, conforme a aquillo de Isaias:
Porque eu mesmo, o que antigamen-
te falaua (por interprete) eisme aqui
estou presente. Mas esta ventura naõ
he de todos os olhos, que vem, nem
de todas as orelhas que ouem; se naõ
samente daquelles que vem com bõs
olhos, & daquelles que tem orelhas
de ouir, como tantas vezes a Escrit-
tura clama. Muitos, & muitos viam
a Christo corporalmete, & mais ne-
nhum delles ficou venturoso com sua
vista; se naõ o que soube estimar o q̃
via, & o que soube com o interior ou-
uido da Fé aualiar o que ouuia.

Math 16. n. 17. 4 Aquelle foi logo intitulado por
bemaumentado, que vendo hum ho-
mem, & ouindo hum homem, & cõ-
uersando hum homẽ; confessou a esse
mesmo por Deos, & Filho de Deos
viuo. Pollo qual o Senhor lhe tor-
nou logo: Bẽaventurado es tu, a quẽ
naõ a carne, nem o sangue ensinou,
mas meu Pae que està em os Ceos. E
desta bemaumentança, & ventura go-
zam per beneficio da Fé todos aquel-
les, que debaixo da humanidade cõ-

fessam a diuidade; como a S. Tho-
me se intimou: Bẽaventurados aquel-
les que naõ viram, & creram. Naõ só
porque creram sem ver, que era a di-
uidade de Christo, que naõ podiam
ver: porque deste modo tambem A-
braham vio, & se alegrou de ver o tẽ-
po do Messias. Mas porque creram
comprido ja o que Abrahã, & os ou-
tros antigos desejarã ver comprido,
que era o tẽpo da lei da graça; Deos
feito homem, o Messias no mundo.
E basta por bemaumentança, que so-
brepoja a toda a que em sua viuã fé ti-
uerã os antigos Padres; o crer que
se hauia comprido o desejo de todos
esses com o mundo legar a Christo;
a qual ventura gozamos nos outros,
os que o naõ vimos, & cremos. Don-
de diz S. Boaventura, que tres bem-
aumentanças se podẽ considerar; dos
que virã corporalmente; mais bem-
aumentados os que espiritualmente;
beatissimos os q̃ eternamente. Qual
bemaumentança seria daquellas dito-
sas pessoas que criã como nòs, & vi-
am, & conuersauã a esse Senhor, q̃
a nòs ordinariamente naõ acontece.
Senaõ a aquelles seus mimosos somẽ-
te, que merecem em seus appareci-
mentos vello, & conuersallo? Tal erã
por certo a fermosura, disposiçã, &
graça daquella pessoa em sua huma-
nidade, que bastauã para fazer ven-
turoso a quem com bons olhos o vis-
sem. Tal (que como Santa Ines affir-
maua) o Sol, & a Lua pasmaua de o
ver. Della escreue assi S. Lourenço
Iustiniano: Subindo o Senhor ao Ceo,
sahiam os Anjos, & se deleitauã em
ver a fermosura daquella humani-
dade; a galharda forma, o radiante
rostro, a imperial belleza, & a vene-
rauel estatura.

5 E naõ sera pequeno incentiuo da
deuocãõ (ja que nesta diuina fermo-
sura salames) pintar rudemente hum
retrato seu, que de qualquer modo q̃
seja, sempre serã agradauel aos de-
uotos, & amantes desse Senhor Iesus.

Que

Ioan. 8. 56

Per. 1. 1
L. 1. 1
D. 1. 1Iustinian.
ser. d. 1. 1

Que aos amantes, ate os mal copiados retrattos agradam; & as sombras somente, & muitas cores, enamoram. Porque não moue a affeição a mão do artifice, mas a noticia do original, q̄ como rayo com reflexão, que no espelho faz, que o figura; mais intende o amor, & acende as laudades. Quanto mais q̄ he tão benigno o Senhor, q̄ sabendo que não basta nenhũa prima arte a retrattallo, elle mesmo supre o defeito, por satisfazer à deuoção. Assi se le que lhe aconteceo com hum pintor, que de mandado de Abàgaro Rei de Edessa em Syria seu deuoto, vinha a retrattallo. O qual como de muitas vezes não pudesse effectuar, & estiuesse ja defenganado, de que não lhe era possiuel: pedindolhe o Senhor o pano, & chegando a seu diuino rostro deixou nelle estãpado seu retratto. E por escufar com as duuidas a prolixidade, baste copiallo pollo mesmo, que a Virgem Maria sua Mae, a qual melhor que todos o conhecia, referio a Santa Brigida, em huma de suas deuotas reuelações na forma seguinte.

6 Era meu Filho tão fermoso de rostro, que ningué lhe via a cara, que não ficasse consolado com sua vista, por mais intima dor, que em seu coração tiuesse. E os justos recebiam espirital consolação; & ate os maos se alleuiam de sua tristeza em quanto o viam. Por onde costumauam dizer os que estauam tristes: Vamos a ver o Filho de Maria, porque entre tanto nos alleuiaremos. Aos vinte annos de sua idade era perfeito em grandeza, & fortaleza viril, era medianamente grande entre os de seu tempo: não de muitas carnes, mas corpulento de nervos, & ossos. Seus cabellos, sobrance-lhas, & barba, tirauam de louros para pretos. A barba tinha hum palmo de cõprido, & huma mão traessa de largo. O rostro não leuãtado, nem baixo, mas direito. O nariz igual, não pequeno, nem grande. E os olhos as-

si eram puros, & claros, que ate seus inimigos se deleitauam em vellos. Os beiços não descorados, mas vermelhos claros. As faces bastantemente cheyas de carne: & sua cor misturada alua com hum corado claro. Sua estatura direita; & em todo seu corpo não hauia mancha algũa, como testemnharam aquelles que o viam totalmente nú, & atado à colúna o acontaram. Nunca sobre elle veyo bicho, nem seus cabellos criaram algũa imundicia. O que a esta copia pode faltar, que he pouco, podem suprir as muitas relações, & figuras que em aquelle tempo, ate ao proprio Emperador se mandaram a Roma. E he q̄ seus olhos eram de cor de azeitona, como dos da Virgem Santissima Mae sua se referem, com a qual todos cõcordam que se parecia por estremo no rostro, tirada a cor, em q̄ era elle mais aluo. Os cabellos castanhos, não mui espessos, corridos ate as orelhas, & dahi para baixo crespos ate os hombros, segundo o vso dos Nazarenos, que depois de homês os não cortauã. Pollo meyo da cabeça apartados com hum natural vinco: & a barba algũ pouco farpada. E todo elle em fim era dotado de fermosura digna de imperio do Ceo, & da terra.

7 Este he o formado sem pae humano pollo primor do Espirito Santo: este o mais fermoso de todos os filhos dos homês: este o escolhido entre os milhares infinitos dos filhos de Adam: Este o espelho dos Anjos: este o que ate no proprio Ceo à vista da essencia diuina claramente vista, & pleneriamente gozada; acrecenta com sua humanidade accidental gloria aos beaueñtados da gloriosa patria. Que muito logo que fizesse beaueñtados aos deste miseravel desterro? Todo o bem chamou a Escrittura a vista desta humanidade, sem lhe mostrar mais della a Moises que as costas: porque o rostro guardauã elle para seus discipulos. Para Moises deu somen-

te

Euang. Dom.
o a ij apud
Baron. Ann.
3. 65.

Lib. 4. Re-
uill. 6. 70.

Malon. de
stigm.
cap. 3. n. 7.

Niceph lib 1.
c. 23. n. 7.

Exod. 33. n.

PP. apud.
cit.

Maldon. n. 6

te esperanças, & faudades: aos Apóstolos posse, & deleitação. Mas hai, & como se apagou em os de Moises este desejo tão intenso de ver a Christo: E como resistiram a sua belleza, que obriga naturalmente a ser amada quando he soberana. Por o sentido da vista pollo que tem de mais curioso que todos, como dixé Aristoteles, manda a alma todas as perfeiçoens, q̄ descobre: & quantas mais acha, tanto mais obriga a amar. Nem Platam pode chegar a descreuer mais do amor, de que era força da fermosura, que cõ húa doce tyrania faz a alma tributaria como rendida. E quando não tiueira mais a diuina fermosura do Senhor Iesus, que a graça de seus olhos, que coraçãõ tão duro fora, & tão barbaro, que se lhe não rendera? Pois como affirmam todos com S. Ieronimo, delles, & de seu rostro sahia tão engraçado resplandor, & tão occulta força, que a S. Mattheos, & a outros, a que sua eterna determinaçãõ deixou logralla; obrigaua, & attrahia. A outros causauam respeito, & admiraçãõ os rayos, que de seus olhos sahiam em occasioens, de authoridade semelhante a aquella, em que lançou os q̄ vendiam no Templo. Com mais verdade que os rayos que a lizonja do soldado achou nos olhos de Augusto. E só em pessoa deste Senhor cabe, o que a Assuero dixé à fermosa Esther em figura da Igreja: Muito admirauel sois Senhor, & he vosso rostro cheyo de graças. Pois porque estas chouiam nelle, faziam bemaventurados aquelles que o viam: & ouuiam, & aos que despois, pollo que elles nos informará, o cremos, amamos & serui-mes.

L I Ç A M II

Da pergunta do Letrado sobre a saluação

EN carecida a vettura de seis discipulos, em respeito da q̄ carecerã tãtos antigos Padres; & ainda da desgraça dos q̄ não quizeram ter olhos para ver, & ouvidos para ouuir sua

doutrina: conta o mesmo Euangelista em segundo lugar o que aconteceu ao Senhor com hum letrado por aquelle tempo; pollo qual se segue é o texto. *Eis que hũ letrado da lei se levantou re-^{Tex.} tando, & dizendo: Mestre, que farei para alcançar a vida eterna?* Pollo modo de proseguir a historia, dà a entender S. Lucas (o qual sô cõtou este caso) que succedeo é o Senhor acabando de ter aquella praticar com os discipulos. Porém he mais de crer, q̄ aquella foi com elles em particular, & que esta seria em outra occasiãõ; se hẽ por aquelle tempo pouco mais ou menos; & em a Synagoga, ou nouo lugar publico, em que com semelhantes letrados se encontrasse. Outro caso semelhante aconteceu ao Senhor com outro Doutor em Ierusalem a semana da paixãõ que trata S. Mattheos, & S. Marcos: mas diferente deste no tempo, no lugar, & no estilo, & sô semelhante na materia, como abaixo se dirã no capitulo dezenoue. Leuantouse pois este letrado, ou por mouimento corporal, para ser melhor visto, & attendido: ou per arrogancia, & soberba, para deslustrar a doutrina, que o diuino Mestre deuia estar dando: ou per malicia, para o apanhar em algũa palavra; porque o accusasse; que era encimenda, que todos traziam entre si, em qualquer parte do reino, onde os Phariseos, & os outros emulos seus tinham amigos, & alliados:

9. Sobre o qual diz S. Cyrillo: Ha-^{Cyrrill. in} uia muitos Bachareis, que andauam ^{Cat.} per toda a regiãõ dos Iudeos malquistando a Christo, & dizendo que elle ensinava que a lei de Moises era inutil; & elle lhe acrescentaua certas nouas doutrinas. Pollo qual este letrado o tentaua, para lhe fazer dizer algũa cousa contra a lei de Moises. E porque Christo costumaua muitas vezes a tratar da vida eterna, falalhe polla sua mesma linguagem, & perguntandolhe: Mestre, que farei para alcan-

Arist. 1. Me-
taph. 12. c. 1.Plot. in
Conu.Hieron lib. 1
in Matth. c.

9. c. lib. 3. c.

21

Gloss. in
Matth. 9. c.

Abul. ibid.

9. 42

Ioan. 2. n. 1.

Id. Hieron.
apud. Seam.

Fol. 254.

Esth. 15. n. 7

Lud.
39.

Bon. hic

Lud. sup

Rom. 2. 27

Ezecl. 28.
14.

alcançar a vida eterna? Atequi são palauras de Cyrillo. E mui semelhantes são a este Phariseo, os que para lizongear, & se metter, & entremetter com aquelles a quem querem enganar, & trazer a seu intento, lhes fallam polla sua mesma linguagem, & cantam pollo seu mesmo toõ, fingindose de stramente, de seu mesmo natural, & seguindolhes o humor. Mestre lhe chama o que nenhũa tenção traz de ser seu discipulo, nem delle aprender doutrina algũa; porque todas as cortezias dà de barato, o que quer enganar: & qual o que quer fazer trapaça no jogo, com que faça perder, finge que primeiro perde elle, & perdendo engana, & faz perder ao outro. Assim este perde o titulo de mestre, fingindose querer aprender o que não sabe. Porem chama lhe, Mestre, & não Senhor, segundo Landulpho; porque quera saber, não servir: ouvir, & não obedecer. E taes diz que são os que louuam, & engrandecem muito aos Santos, & não trattam ja mais de imitallos.

10 Onde diz S. Boaventura: Era este letrado, & tinhase por tal; & porque se reputava por sabio, não perguntava pera saber, se não para provar. Mas porque era letrado, perguntava com boa ordem. Quer dizer segundo o Carthusiano: Não perguntava, que saberei para alcãçar a vida eterna? Se não, que farei? Porque, como diz Santyago, não são justos para com Deos os que ouvem a lei, se não os que a fazem: & não se vai ao Ceo per muitas letras, se não per boas obras: nem la perguntam, quanto soubeste da lei, se não quanto obraste na lei? A aquelle mayor sabio do Ceo, Seraphim por certo na ordem; não chamou depois Ezechiel, se não Cherubim: porque despojado do espirito do amor divino per sua soberba, & ambição; se ficou só com o espirito de sciencia, & com ella foi para sempre para as infernaes profundezas, a ser principe das treuas;

porque se lhe lograsse a ambição de dominar, no inferno, o que não quiz sogeitar-se no Ceo; segundo o que em Isaiasse escreue: Seràs lançado no inferno, no profundo do lago, ou carcer. Não se perde pois este letrado, nem os outros que cõ elle se perdẽ, por não saber o caminho do Ceo, pois aponta o verdadeiro, perque a elle se vai, que são obras boas, dizendo: que farei para possuir a vida eterna? Segundo aquelle santissimo cõselho de Jeremias: Estai sobre os caminhos, & perguntai das antigas estradas, qual seja a boa, & caminhaí por ella, & achareis refrigerio. Mas he o mal que ate o saber perguntar chega o letrado, mas não ao obrar para achar esse prometido refrigerio dos trabalhos incançaveis de seu estudo, & inuestigação da diuina sciencia.

11 E porque o Senhor sabia bem o entendimento, & mais a vortade daquelle Doutor; cõ n o a douo lhe respondeo com a lei mesma bem sabida delle; dizendo. *Em a lei como está escrito? Como ledes?* Quiz o Senhor que viesse per sua confissão delle, o caminho da vida eterna, que na lei estava determinado, & não inuentado algum outro de novo por elle: mas somente facilitádo, frãqueádo, & declarádo. E cõ isso se sorrou de palauras, q o letrado esperava. frustrando de seu intẽto. E em isto deferio o Senhor à vortade, cõ q vinha: & ao entendimento, remettendo à sua propria profissão, para que nella mesma com mais facilidade achasse o caminho da verdade, porque perguntava. Porque he a providencia diuina tal, que faz com que cada hum em seu estado ache a razão de seu aprobeitamento, & saúde. Por esta consideração diz Theophilasto, que chamou Deos aos pecadores para Apostolos em o mesmo exercicio de pescar; & aos Magos incitou a buscarem a Christo entre a mesma sciencia, q professauam; polla nova estrella, que suas obseruações

Ee des-

Isai. 14. n. 15

Hier. 6. n. 16

Text

Lus 5.

Theophilast. ibid.

Land. 1. p. c.

Bon. hic

Land. sup.

Rom. 2. n. 13

Ezeel. 28. n. 14.

descobrirá. E deste mesmo modo, se cada hum observar as inspiraçoens interiores, & os exercicios exteriores de sua mesma profissão, alli achará logo o caminho do Ceo. O qual Ceo tem a porta em toda a parte que nelle se cuida, & com elle se sonha; vigiando o coração per inspiração, quando o corpo dorme per descuido. Assi achou Jacob em hum deserto, & pobre lugar quando dormia, dizendo ao despertar: Certo aqui está a porta do Ceo. Mas como não daria de improuiso com a porta do Ceo, quem dormia com hũa pedra à cabeceira?

12 Saiba pois o pobre entre suas necessidades buscar a porta, & o caminho do Ceo, que alli o achará desembaraçado. Saiba o Religioso buscallo entre seus votos, preceitos, & clausuras; que alli o achará patente. Saiba o prelado, & o pae de familias buscallo entre suas occupaçoens, & desueltos; que alli o achará aparelhado. Saiba o letrado buscallo entre seus estudos; que alli o achará claro. Saiba finalmente cada hum em seu estado, considerar, & endereçar a Deos seus exercicios, & occupaçoens, nobres, ou mechanicas; religiosas, ou seculares; contemplativas, ou activas; q̄ é todas achará o caminho per q̄ se vai á vida eterna. Não se cace este letrado é perguntallo a Christo, va ao seu estudo, recorra a sua sciencia, que alli achará o que pergunta. Na lei como está escrito? Como ledes? Como se dixerá: Para q̄ me perguntais, o que em vossa profissão tendes? E assi elle conuencido desta razão, respondeo: *Amarás ao Senhor Deos teu, de todo teu coração, & de toda tua alma, & de todas tuas forças, & de toda tua mente (ou juizo, ou silo, que tudo se entende polla mente) & a teu proximo como a ti mesmo.* A primeira parte desta resposta tomou do liuro do Deuteronomio, onde diz o texto: *Amarás ao Senhor Deos teu de todo teu coração, de toda tua alma, & de toda tua força.* E a segunda do

amor do proximo, tomou do Levítico, onde diz o texto da Vulgata: *Amarás ao teu amigo como a ti mesmo.* Onde per nome de amigo, se entende de proximo, conforme aos Setenta, cuja versão no tempo de Christo andava mais corrente; & mais em S. Lucas, que esceeuia em Grego.

13 Onde he de notar, que este letrado tomou como discreto, a summa somente, & a recopilação de toda a lei, em aquellas duas cabeças dos mandamentos de ambas as taboas. Porq̄ amar a Deos se bre todas as cousas, he a summa de todos os da primeira; & o amar ao proximo como asi mesmo, da segunda; sem algum delles ser expresso mandamento da lei: como tambem noutra occasião o fez o diuino Mestre Iesus Christo, dizendo: Nestes dous preceitos consiste toda a lei, & os Prophetas. Do qual se tratará mais largamente no sobredito capitulo dezanoue. Amar pois a Deos de todo o coração, de toda a alma, & de todas as forças, & mente; he amallo sobre todas as cousas, com todo o amor, cuidado, & desuelo, das forças humanas ajudadas da graça diuina. Empregado em só Deos, todos os sentidos, potencias, facultades, fortunas, & doens da natureza, como ensina S. Gregorio o Niffeno. S. Anselmo exclama: Oh bom Iesus, não quero meus pés, senão para vos buscar: não quero minhas mãos, senão para vos servir: não quero meus geolhos, senão para vos adorar: não quero minha lingua, senão para vos louuar: não quero finalmente meu coração, senão para muito vos amar. Porque justo, & razão he, que me entregue todo inteiro a vós, pois vós vos guardais para todo inteiro vos entregardes a mi. E assi me amais com tanta familiaridade, como se a outrem, que amar mais que só ami, não tiueris. Pois se eu não tenho outrem mais q̄ a vos; porque a vós só não amarei muito?

14 E tanto Agostinho: Oh fogo, q̄

iem-

Leuit. 19. 18.

Gen. 28. 17

Matth. 22. 40

Niffen. de opif. hom. c. 8
Ansel. epist. ad Diaz. Cant. 1.
Dom. 17. Pent.

Text.

Deuter. 6. 5.

Aug. Soliloq. c. 28.

mandamento temos de Deos, que o que ama a Deos, ama tambem a seu irmão, como verdadeiro fiel. Hú & outro amor procede de hum só habito da charidade, como diz o Doutor Sutil. Por isso a lei acrescenta, & amarás ao proximo, como a ti mesmo. A este chama Christo em S. Matheos, mandamento semelhante ao primeiro, do amor de Deos, polla mesma razão, com que a materia delles são semelhantes. Pollo qual dando Deos a Noe o preceito da charidade, & aduirtindo o genero humano, de que se guardasse de tratar mal ao proximo, nenhuma outra razão deu se não; Porque o homem foi feito à imagem de Deos. Bastara para criar a mesma semelhança, que ha entre homem & homem; maior que em todos os outros animaes, pois se parecem mais por causa do discurso, & grau de racional, de que os outros carecem. Conforme a aquillo do Ecclesiastico: Todo animal ama a seu semelhante, & o homem ama a seu proximo. Quanto mais estando de permeyo a semelhança de entre ambos, o mesmo Deos: polla qual vem a ser huã só razão de charidade, segúdo aquillo do Apóstolo: O que ama ao proximo, cumpre toda a lei. E sobre tudo a razão, que o mesmo Apóstolo aponta, todos serem membros de huã mesma cabeça em Christo: Trattai (diz) verdade huns aos outros, pois sois membros todos de hum corpo. Pois qual membro não quer bem a outro membro de seu proprio corpo. A cerca do qual diz S. Ioaõ Chrystomo. Attenta como quasi com o mesmo excesso pede hum, & outro preceito. De Deos diz: de todo teu coração; do proximo; Como a ti mesmo. O qual, se bem guardara, não ouuera escravo, nem liure; vencedor, nã vencido; rico, nem pobre; nem seria conhecido o diabo, porque primeiro as palhas sustentaria o ardor do fogo, que o diabo o da charidade.

Scot. 3. d. 28.
q. un. per 10.
tam.

Matth. 22.
n. 38.

Gen. 9. n. 6.

Ecl. 13. 19

Rom. 13. n. 8.

Chrysof. in
Cat.

L. I. C. AM III.
Da determinação da questão.

Respondido que teve o Letrado, se poem em terceiro lugar a aprovação de Christo; pollo qual se segue em o texto. Bem respondestes, fazet isso, & viuireis. Como se dixerá. Falastes como homem letrado: executay o como virtuoso, & possuireis a vida eterna: polla qual, (ainda que maliciosamente) perguntais. Onde he de notar segundo S. Boaventura, q o Senhor approvou o que aquelle letrado dixerá, applicado he aquillo dos Proverbios em nome da sabedoria: Justas são todas minhas praticas, não ha em ellas cousa ruim, nem peruerfa: Direitas são, para os que as entedem, & arrezoadas, para os que acham sciencia. Poi q a palavra de Deos em qualquer parte, que se acha, se ha de estimar como tal: que he ouro em fim, que em todo o lugar tem valia: & rayo do Sol, a que não tira o resplendor a immundicia do lugar, em que muitas vezes se considera. Tal he a palavra de Deos na boca de hum vaõ sabio, & de hum letrado de má vida. Porque o uindo a hum destes, & obedecendo a hum ruim prelado; Deos, & não elles, he que se honra, ouue, & obedece. E he o que o Senhor dizia dos de seu tempo ao pouo: sobre a cadeira de Moises se sentaram os Escribas, Phariseos; fazei o que elles dizem, & não façais, o que elles fazem: porque dizem, & não fazem. Sobre o qual S. Ioaõ Chrysofomo: Se bem viuerem, interesse seu he; se bem ensinarem, he voffo: tomai pois o que voffo he, & não vos metais no que he alheyo. E por tanto aprovou neste lugar o que na verdade dos textos da lei referio este Doutor. Nem o arguhio de hypocrita, & falso, como a aquelles que lhe vieram a perguntar do tributo de Cesar: antes lhe aceitou o titulo de Mestre, que lhe deu, como tambem o a ceitou de bõa vontade a aquelle mancebo, que lhe dixe: Bom

Tex. in matth.
n. 21.

Bon. in Lat.

Proverbi. 8.
n. 8.

Matth. 23.
n. 2.

Chrysof. ibid.
hom. 41.

Idem. 18.
18.

Chrysof. Cat.

Vide opus
S. Franc.
rem. colla
19.

Id. 19. n. 16.

Bõ Mestre, que bem farei para ter a vida eterna? Ao qual elle benignamẽta respondeo: se queres entrar à vida guarda os mandamentos.

18. Donde parece que o Clementissimo Iesusnaõ reprovou em seu E-nãgelho, o honroso titulo de Doutor, & Mestre, se naõ a vanissima affecta-ção, com que se procura, ainda quan-do na verdade tem o tal grao mereci-da, & legitimamente; quanto mais por ambição sõmente, & vaidade se pre-tende, & vfa. Pollo qual segundo os Santos Padres, naõ reprendeo o Se-nhor, o chamaremse Doutores, & Mestres; governarẽ as cadeiras de Moyses, & receberem grao de ensi-nar sua doutrina: se naõ o amar, & pretender arrogantemente os taes ti-tulos, & graos, dizendo: Amam (& affectam, & ambiciam) os primei-ros assentos nas ceas (isto quanto à dignidade do lugar nos banquetes) & as primeiras cadeiras nas Synagogas (nos geraes, & aulas publicas onde se ensina, quanto ao grao procurando as melhores, & mayores cadeiras) & serem chamados dos homẽs Rabbi: q̃ quer dizer Mestre. Mas vos outros naõ queirais chamar os Rabbinos, porque hum só he o vosso Mestre, & vos outros todos sois irmãos. Nem queirais chamar os Padres sobre a terra; porque hum só he o vosso pae, que està em os Cços. Nem vos cha-meis Mestres, porque vosso Mestre he só hum Christo. O que mayor he en-tre vós outros, seja vosso ministro, ou seruo. Em as quaes palauras segundo S. Ioaõ Chrysofome, intentou o Se-nhor cortar aos discipulos, & segui-dores de seu Euangelho, toda a raiz de ambição, & soberba; apartandolhes o pensamento das cousas, que consigo facilmente a trazem, qual he a sabi-doria, que facilmente incha aos que desordenadamente a possuem. Por is-so lhes lembra que saõ todos irmãos, filhos de hum pae, para se naõ leuan-tarem a mayores, com o patrimonio

da Igreja: & condiscipulos de hum só Mestre Christo, para naõ despreza-rem aos outros como a idiotas.

19. Sobre o qual diz o Veneravel Beda: Naõ reprehende, nem vitupe-ra a aquelles, a quem estas cousas per officio competem; mas a aquelles, q̃ estas cousas auidas, ou naõ auidas amã, & appetecem indevidamente; o ani-mo reprova, & naõ o grao; a vontade vitupera, & naõ a obra. Porque sem causa se humilha no lugar, o que em seu coração se adianta, & levanta. Por onde naõ tolhe que os mestres se as-sentem primeiro, nem a doutrina, so-bre a cadeira, nem a cortesia, nos lu-gares publicos, nem o nome de Me-stre, ou de Padre, mas a ambição, & a vaangloria: para que ninguem ap-peteça estas cousas, nem em ellas se glorie. O de cima he de Beda. Do qual, & dos mais Santos Padres se cõ-clue, que nunca jamais o Senhor Ie-sus Christo mandou, que em sua Egreja se naõ vasse o titulo de Doutor, & Mestre, & muito menos de Padre. Antes elle mesmo aceitou o titulo de Rabbi com alegre rostro quando os discipulos de S. Ioaõ lhe perguntarã Rabbi (quer dizer Mestre) aonde morais? E assi mesmo se deixou tratar por Mestre de Nicodemus, & Marthã quando dixe a sua irmã Maria, q̃ o Me-stre a chamava. E aos discipulos, q̃ lhe foram aparelhar a paschoa, deu rec-cado da sua parte. Dizei que o Me-stre vai cear com elle. E depois de re-suscitado, a Magdalena no sepulchro lhe chamou Rabboni, que he o mes-mo que mestre. E mais expresso que tudo, entre os actos de mayor humil-dade a noite da Cea dixe o Senhor aos mesmos a quem lia a mais profun-da lição della: Vos outros me chama-is Senhor, & Mestre; & dizeis bem, porque assi o sou. E à imitação sua vsou sèpre a Igreja do titulo de Dou-tores, Mestres, com o chamauã a Ber-nabe, Paulo, & outros. E o mesmo a-cerca do titulo de Padre conuence lar-

Bed. apud. I. ana. 2. p. c.

17.

Ioan. 1. n. 38
Id. 3. n. 2.
Id. 11. n. 28.
Matth. 26. n. 18.

Ioan. 20. n. 16

Id. 11. n. 13.
1. Cor. 12.
2. Tim. 1. 11.
1. 4. n. 3.

Chrysof. Cai.
Vide opus. c. S. Franc. tom. 3. collat. 19.

August. &
PP. apud
Barrad. tom
3.º b. 8. c. 249
Rursu.

gamente S. Agostinho contra os Do-
natistas.

S. Ieron. in
Matth. 23.

20 Reproua pois o Senhor os ti-
tulos, & graos, que sô seruem na E-
greja, do que seruiam na Synagoga
aos Phariseos, do qual diz S. Ieroni-
mo: Ay tristes de nós, a quem tem
passado os vicios dos Phariseos. E ma-
is claramente que tudo o explica S.

Ber. ser. 36.
in Cant.

Bernardo, o qual apoz hum discurso
largo em louuer da santa simplicida-
de, & dos muitos, que sem letras al-
gúas, se saluaram a si & a outros; cõ-
tinúa desta maneira: Parecerei por vè-
tura demasiado contra a sciencia, &
quasi reprender aos Doutores, & pro-
hibir o estudo das letras? Em nenhúa
maneira. Não ignoro que aproueita-
ram á Egreja, & aproueitam seus le-
trados; ou para reprimir aos que são

ose. 4. n. 6

contra ella, ou para ensinar aos sim-
plices. Lido tenho: Porque tu engei-
taste a sciencia, te engeitarei eu a ti,
para que me não siruas de Sacerdote.

Dan. 12. n. 3.

Tambem li que os que doutos foirem,
luzirão como o resplendor do firma-
mento; & os que ensinam a justiça a
muitos, serão como estrellas em per-
petuas eternidades. Porem tambem
sei onde li, que a sciencia incha: & q̃

1 Cor. 8. n. 1.
Eccl. 7. 18.

o que ajunta sciencia, ajunta traba-
lho. Olha, como ha differença de
sciencias: húa que incha, outra que
aflige. E queria eu saber de ti, qual
destas te parece mais proueitosa, ou
mais necessaria. Mas não duuido, que
anteponhas a que doe, á que incha;

Rom. 12. n. 3

porque a faude que a inchação finge,
a dor a procura, & está perto de alcã-
çallo. E o Apostolo dizia: Digo os
olla graça q̃ me he dada, q̃ nenhú
entre vós outros saiba mais do que im-
porta saber, mas que saibais com tem-
perança, com moderação. Não prohi-
be o saber, se não o saber mais do que
importa. E que cousa he saber com
moderação? Attentar vigilantissima-
mente o que mais, & primeiro impor-
ta saber: porque o tempo he breue.
E em si, toda a sciencia he boa; mas

aquella que na verdade for fundada.
Porque ainda que consta que todos os
manjares, que Deos criou, são bons,
com tudo se em os tomar não guarda-
res o modo, & ordẽ, tu os fazes maos.
O que pois digo do comer, isto senti
tambem da sciencia. Ate qui he tu-
do de S. Bernardo.

Tex.

21 Approuou pois o Senhor a res-
posta do letrado dizendo: Bellamen-
te respondestes. Fazei isso, & viuire-
is. Como se dixe: Acompanhai ef-
sa vossa sciencia com boas obras, pon-
de por obra, o que entendeis, & taõ
elegantemente ensinai: & tereis vida
eterna, que com bem obrar, & não cõ

Matth. 19. n.

muito saber, se alcança. Assi o dixe
a outro mancebo: Se quereis entrar á
vida, guardai os mandamentos. Porq̃
na mesma lei se escreue: Amarás a

Deut. 6. n. 5

Deos de todo teu coração, & de toda
tua alma, para que possas viuer. E aos
mais seus dixe o mesmo Christo: Se
entendeis estas cousas, bemaventura-
dos sereis, se as fizerdes. Porque se

Ioan. 13. n. 17

a Fé sem obras he morta, sendo a Fé
o principio da vida: quanto mais sem
obras a sciencia, que de si não tem vi-
da? E se como diz o mesmo Apostolo

Iac. 2. n. 19

Santiago, pouco aproueita aos demon-
ios o crer, porque não obram: tãbem
lhes aproueitou pouco o saber muito,
sabendo tanto mais, que os scientifi-
cos do mundo; porque não sabem pa-
ra obrarem bem. Taes são os que não

Lyppom. l. 1.
per illud.
Gen. 3. cur
præcipit. ut
bis Delit.

tem mais letras, nem mais saber, que
para fazerem mal. O primeiro que no
testamẽto velho a Deos chamou Deos,
foi o demonio: & o primeiro que no
testamento nouo tambem chamou

Luc. 4. n. 11

Iesus foi o demonio. Mas que impor-
ta saber bem falar de Deos, ou pro-
nunciar bem a Iesus, sem fazer obras
dignas de taes nomes, & titulos? Mal
pode ter vida eterna para si, o que sô
para os outros a traz em si, como Me-
stre carpinteiro da Arca de Noe, que
fabricou para os outros, & elle se per-
deo: como sino que chama à Egreja, &
elle sempre fica de fõra. Caso chora-
do

Ifa
Ra
10m
Tex.
Matth.
n. 21. 24.
Luc. 16.
Glof. h.
Ben. in
bis.
Eyrill. Ca

do em Isaias, quando diz de seu pouo:
 Teus filhos andam afadigados como
 o Orix, que he cabra monteza, ou ga-
 zela de Africa: animal em fim, de que
 dizem os naturaes, que continuamẽ-
 re anda abrasado, sendo que dentro
 delle se gera hũa pedra, que he o me-
 lhor remedio que ha para apagar a
 sede. Faze pois como entendes, & vi-
 uirás: vive como ensinas, & alcança-
 rás a vida eterna.

L I S A M I V.

Da primeira parte da parabolã do proximo.

22 **A** Prouada assi a resposta
 do letrado com a doutri-
 na que della tirou o Senhor, replicou
 o letrado, como se diz em quarto lu-
 gar no texto. *E elle querendo justificar-
 se assi mesmo, dixe a Iesus: E quem he o
 meu proximo?* Quiz se justificar, porq̃
 se quiz mostrar justo, & que compria
 inteiramente com o amor do proxi-
 mo. Porq̃ por ventura era da opiniaõ
 de muitos daquelle tempo, que o pro-
 ximo era o amigo, ou o justo sómen-
 te; como de S. Mattheos se collige.
 Porque não ha duuida, que a questãõ
 de quem era o proximo, andaua em
 aquelle tempo mui controversa. Quiz
 se pois justificar, segundo a Glossa;
 cuidando que falaua diante de puro
 homem, que não via mais, que as ap-
 parencias de justiça; sendo elle Deos
 juntamente, que penetrava elle bem,
 a pouca, que dentro tirha, segundo o
 que a outros semelhantes dixe abaixo:
 Vós outros sois, os mesmos que vos
 justificais diante dos homens; porem
 Deos conhece mui bem vossos cora-
 çoens. Ou segundo S. Boaventura,
 querendo preparar-se para ser justo,
 como mostrando querer crer a Chri-
 sto. & estar follo que elle dixe em
 ordem à explicação de como se entẽ-
 dia a lei sobre aquelle preceito do a-
 mor do proximo. Mas tudo era hy-
 pocresia, & vaidade, de que se encheo,
 segundo S. Cyrillo, polla approvaçãõ
 que de responder bẽ, lhe fizera Chri-

sto diante de todo o auditotio. E assi
 deu de enganador em soberbo. E con-
 forme ao mesmo Cyrillo, pretendia
 mostrar arrogante, que nenhũ hauia,
 que pudesse ser proximo seu, nẽ igua-
 larselhe na justiça & por isso pegun-
 taua: E que he o meu proximo? Mas
 porque este nome de proximo tem di-
 uersas significaçõens nas escrituras,
 por isso como letrado queria exami-
 nar a Christo, do como elle entendia.
 Porque proximo se pode entẽder por
 parentesco de fangue, ou afinidade:
 ou por amizade, & conhecimento: ou
 por patria, & criaçãõ: ou per religiaõ,
 & fé, ou finalmente per homẽ da mes-
 ma especie, & natureza.

23 Todos estes saõ proximos, & se
 deuem amar naturalmente: mas como
 todo o amor, que traz consigo parti-
 cular razaõ algũa de parentesco, de
 criaçãõ, beneficio ou ainda dereligiãõ
 leue consigo de mistura algũa razaõ
 humana; & respeito creado; por mais
 politico, & justificado que seja, sem-
 pre fica suspeito, & aquelle só he le-
 gitimo, puro, & christaõ, que he me-
 ramente per respeito de Deos, em ra-
 zaõ de ser homem creado a sua imagẽ,
 & semelhança, & remido com o san-
 gue de Christo, capaz da mesma gra-
 ça, & da mesma gloria. Aqui cessa a
 razaõ de parente, de amigo, de bem-
 feitor, de natural, de christaõ, de re-
 ligioso: & fica só a de homẽ. Quer se-
 ja barbaro, quer grego; quer mouro,
 quer judco, quer herege, quer catho-
 lico: quer escravo, quer liure. Porque
 como o motiuo, & respeito he por
 Deos sómente, tudo o q̃ nelle he igual,
 se ha de amar igualmente; & quanto
 mais o amor em Deos, tâto mais pro-
 ximo ficará do proximo, & tâto mais
 vnido com Deos. A qual vniaõ pe-
 dia o Senhor ao Padre que fosse assi
 como elle, & o Padre, erã a mesma
 cousa. Esta proximidade declara S.
 Do theo com o elegante exemplo do
 circulo, ou circumferencia com o cẽ-
 tro. Deos he o centro do vniuerso: os
 hu-

Aug. 1. de
 doct. Chriſt
 e 30.

Ioan. 17. v. 21

Doro h.
 doct. in. 6

Isai. 51. n. 20.
 Ravis. Text.
 tom. 2. officin

Tu.

Matth. 5.
 n. 23. 24.
 Luc. 16. n. 15.
 Gloss. hic.

Ben. in Luc
 hic.

Cyrril. Cat.

humanos são as linhas, que do centro procedem; & cada húa vai buscar seu proprio lugar na circumferência. Quanto mais per húa linha se caminha para o centro, tanto mais se ajunta à outra linha: & se do centro se aparta, quanto mais delle se afasta, mais se afasta tambem da outra linha. Sendo q̄ em respeito do centro, todas estão na mesma igualdade, & proporção.

24 Desta mesma maneira he o amor do proximo em Deos, & per respeito a Deos: & todas as desordens do mundo nacam de que este amor não he igual, nem em nossas affeições, temos a Deos por centro: antes nos chegamos desordenada & demasiadamente per affeição a huns mais q̄ a outros. E de qualquer modo que procedemos, quanto mais nos afastamos da direita, & justa affeição do proximo; não só nos afastamos delle; mas quanto delle nos vamos afastando, tanto mais nos vamos apartando tambem de Deos. Bem mostra logo aquelle letrado, segundo S. Cyrillo, estar vazio do amor do proximo, pois está tão afastado delle, per soberba. E bem mostra o pouco que sabe de Deos, pois pergunta quem he seu proximo: que se bem soubera de Deos, nelle achara logo ao proximo. Porem quem fóra de Deos busca, per affeição desordenada ao proximo, per mais razoens que pretenda na policia, & natureza, para buscallo, & amalloy fóra de Deos está, & ainda fóra de si anda. E por mais que presume amar aquella pessoa affi tanto proxima sua, como a si mesmo; longe está de guardar a lei da charidade. Porque nem a si mesmo sabe amar, nem de feito se ama, pois anda fora de si polla desordem de sua affeição; & per cõsequente fóra de Deos; fóra do qual nada he verdadeiro, né legitimo. E o que ama o peccado, a si mesmo se quer mal. E conforme a S. Gregorio, como pode ser humano, com outrem, quem consigo mesmo he cruel?

25 E porque o Senhor conuenceuse mais apertada, & evidentemente aquelle Doutor, lhe propoz húa parabola, ou semelhança, em que per sua mesma determinação viesse a conhecer, & confessar, que coula era ser proximo. Pollo qual se segue em o texto. *E tomando Jesus a palaura (isto ^{Tex.} he lançando mão da pergunta) responde: Decia hum homem de Ierusalem para Ierico, & cahio em mãos de ladroes: os quaes chegaram a rouballo, & dandolhe muitas feridas, se foram, deixando meyo viuo. E succedeo decer hũ Sacerdote pollo mesmo caminho, & vendoo passou. E semelhantemente hum Leuita, estando junto do lugar, & vendoo, passou tambem. E caminhado por alli hũ Samaritano, veyo por junto delle; & veyo, se moueo de compaixão; & chegando a elle lhe atou as feridas, lançandolhes azeite, & vinho. E pondoo sobre sua caualgadura, o leuou à estallagem, & tene cuidado com elle. E ao outro dia temou dous dinheiros (ou dous reales) & deu os ao estallageiro; & dixelhe: Tende cuidado delle, & tudo o que mais lhe derdes, eu volo pagarei quando tornar. Qual destes tres vos parece, que foi o proximo daquelle, que cahio em mãos dos ladroens, & salteadores? E elle respondei: O que fez misericordia com elle. E Jesus dixelhe: Ide uos, & fazei tambem do mesmo modo. Com aqual parabola quiz o Senhor ensinar que não era seu proximo, o ser natural, como aquelle homem o era dos de Ierusalem: nem ser da mesma religião, como o era daquelle Sacerdote, & Leuita: nem ser amigo, conhecido. Mas que por mais differentes que em tudo fossem, qual eram os Iudeos, & Samaritanos: isso era ser proximo, o ter necessidade de vosso favor, ajuda, & compaixão. E que a todo o homem, só porque he homem, se hade acudir em sua necessidade, deixando outro qualquer humano respeito.*

26 Sobre o que diz S. Agostinho: ^{Aug.} Daqui vimos a entender, que aquelle he

Cyrill. Cat.

Ps. 10. n. 6.

Greg. in. Cat.

Matt. 23. 44.

Scri. 9. 27.

he proximo, ao qual se deue fazer o officio da misericordia, se tem necessidade; ou se houesse de fazer, seatiuesse. Do qual se segue, que tambem aquelle he proximo, que mutuamente nos faz o beneficio. Porque o nome de proximo para outrem he, nem alguém pode ser proximo, se não para algum outro proximo; & quem não ve, que ninguem se exceitua, a quem se haja de negar o officio de misericordia: Pois diz o Senhor: Fazei bem aos que vos querem mal. Donde fica manifesto, que neste preceito, com que fomos mandados amar ao proximo, até os santos Anjos são conteudos, dos quaes tantos officios de misericordia nos são feitos: pollo que até o mesmo Senhor se quiz chamar nosso proximo, significando que elle acodira ao homem, que jazia meyo viuo no caminho. E o Doutor Sutil diz explicando este mesmo texto: Aquella resposta de Christo ao Phariseo, se ha de entender desta maneira, que ao proximo diz relação mutua como amigo, ou irmão. Por tanto se o que faz misericordia he proximo, como consta da resposta do Phariseo, bem se segue que aquelle, com quem se fez a misericordia, era tido por proximo. Não era porem da sua gente, nem obrigado polia nação, mas estranho por patria. Por onde qualquer, por mais estranho que seja, aquem eu posso servir na necessidade, se ha de ter por proximo. E isto he o que o Salvador ahi diz: Vai tu, & fazeo semelhantemente, que he: Tem por proximo a todo aquelle, a quem podes fazer bem, ainda que te seja estranho. E não só he proximo o que faz bem, mas também o que de nós pode receber alguma coisa, que nelle fique, ainda que seja mui interior, como he o amor. E deste modo são nossos proximos os bemanenturados, aos quaes ainda que não podemos fazer bem, podem com tudo ser de nós amados. Mas Deos, ainda que bem he de nós amado, com tudo

nao lhe acrece algum bem, pollo amor de alguém: & por isso não fica comprehendido debaixo do nome de proximo. O de cima he de Scoto. E poem o Senhor a figura em hum homem, que decia de Ierusalem, para Ierico. porq̄ entre huã, & outra Cidade está huã grãde charneca, em q̄ ordinariamente, haia muitos ladroes. E se chamaua Domin, ou Doroyne, como diz a Glossa, que quer dizer saques pollo muito que os saltadores alli derramauam. E fica na estrada, que vai de Ierusalem para Iericó; & hoje se chama o deserto da quarentena; por quanto nelle passou Christo os quarenta dias de seu ieiun, & sagrada abstinencia, como fica ditto no capitulo dezanoue da primeira parte numero terceiro. E propriamente se chamaua Domyne huã venda, ou casal que ficaua quasi no meyo do caminho para a parte do Sul do deserto, como refere Landulpho, & he a que na parabola deu fundamento, para dizer que o Samaritano leuaua o ferido á venda, ou estallagem. E diz se, que decia de Ierusalem para Ierico, porq̄ Ierusalem fica mais alta em respeito de Ierico, & ribeiras do Iordaõ, & Ierico fica nas cãpinas mais baixas. Algũs quizeram dizer que isto fora historia verdadeira, & realmente acontecida; porem o certo he, que não he senão figura, & parabola. O litteral sentido da qual he mostrar quem he, ou se ha de ter por proximo, debaixo de cousas possiueis de acontecer, per satisfação da pergunta daquelle letrado.

27 Falando em sentido allegorico, o homem, que decia de Ierusalem (q̄ significa visã de paz) para Ierico, que quer dizer Lúa; he o genero humano em Adam, que por desobediencia se abaixou do estado da innocencia, & paz entre as potencias superiores, & inferiores; para o estado da miseria, & mudança continua, significada polia Lúa. Pois (como testemunha o san-

Job. 14. n. 1.

Eccli. 15.
n. 14.

to Job) viuendo taõ breue tempo, se enche de muitas miserias, & nunca permanece no mesmo estado. E cahio em maõs de ladroẽs, que foram os demonios, & suas tentaçõens malignas. E bem diz que cahio, ou se foi metter elle mesmo nellas; porque deixando pollo liure aluedrio, de que foi dotado, em a maõ de seu conselho, foi cair nas maõs da serpente sagaz, pollo consentimento do peccado. Peccado, foi despojado da honra do habito da justiça original, & da graça habitual; & apoz roubado foi ferido, ainda em as proprias perfeiçoens naturaes das sciencias infusas, que à Adã se tinham concedidas, de todas as cousas. E o genero humano seu descendente, na esparteza do juizo, sutileza do discurso, facilidade da memoria, & destreza de todas as potencias. Com o qual ficou o homem meyo viuo sòmente, sendo antes, & hauendo ser inteiramente viuo no entendimento, & sorgeiçaõ das potências todas à razaõ. Naõ ficou morto, porque sempre lhe ficou o lume da razaõ, para alcançar o conhecimnto de Deos, & que he hum, & remunerador, inuestigando pol-las cousas creadas: & o liure aluedrio, para escolher o melhor, que o entendimento lhe representasse. Porém meyo viuo, porque o lume ficou mui escasso, & a liberdade mais difficulosa para o bem, como facil para o mal.

28 Deste modo jazia o miseravel homem sem remedio natural, porque per si naõ podia levantar-se, nem curar-se do peccado actual, nem original. Passou o Sacerdote, pollo qual he denotada a lei escrita, & ainda q caminhaua pollo mesma estrada com seus preceitos, & sacrificios, & via o estado em que estaua o genero humano; o deixou ficar ferido, & enfermo, como antes; por quanto todo o sangue de seus cabritos, & bezeros, & cordeiros, todos seus mysteriosos holocaustos, grandiosos sacrificios, & santas

ceremonias; naõ bastauam para curar o genero humano das feridas actuaes, de que morria. Assi mesmo foi passando o Leuita, pollo qual se figuram os Prophetas, com suas reuelaçõens, doutrina, & pregaçoens. Passou finalmente pollo mesmo caminho, da casta de Daud, segundo a carne, feito em semelhança de peccado; & caminhando em forma de homem, Christo Iesus, entêdido pollo Samaritano, porq Samaritano quer dizer guarda, ou guardador. E elle he, o q como bõ pastor, guarda suas ouelhas. & como bõ Capitaõ, guarda sua Cidade: & como bõ Rei, guarda seu pouo. E mouido de misericordia sobre os males, q o mundo padecia, se chegou a elle, pol-la Encarnaçaõ, & pregaçaõ; & lhe atou as feridas. Isto he segudo S. Agostinho, fez parar a corrente dos peccados, lançandolhes o azeite da consolaçaõ pollo bõa esperança do perdaõ, & reconciliaçaõ: & o vinho da exhortaçãõ ao feruor do espirito. Ou segudo S. Ambrosio, apertar as feridas, he atallo pollos preceitos da lei da graça, lançandolhe o azeite das promessas da vida eterna, & vinho das ameaças do juizo. Ou segudo Chrysofostomo, o azeite do chrisma, & o vinho do seu sangue. Ou finalmente segudo Theophilo, o azeite da humanidade, & o vinho da diuidade, juntas em huã pessoa, que tudo applicou para saluaçaõ do genero humano. E pollo sobre seu jumento, que he sua sacratissima carne, sobre a qual tomou os peccados dos homens: & leuouo à estallagem, que he ao Caluario em sua Cruz: ou à Egreja, que adquirio cõ seu sangue, segudo S. Chrysofostomo. Aqual he significada per estallagem, porque o Espirito Santo ensina, que naõ temos aqui Cidade permanente; aqui he a via, & de passagem nos agazalhamos na Egreja: la no Ceo he a patria, para onde caminhamos. E teue cuidado delle, per sua paixãõ, morte, & sepultura;

Aug. Cat. lib
99. Euang.
19.

Amb. ibid.

Chrysof.
ibid.

Theoph. ibid.

Ao

29 Ao outro dia, conuem a saber em o dia de sua immortalidade, que se seguio ao dia de sua mortalidade; tomou dous dinheiros, isto he os dous testamentos; ou as duas especies, em que deixou seu corpo, & sangue sacramentado, para cura, & sustentação do genero humano, & deu os ao estalagedeiro; encommendandolhe, & encarregandolhe a cura della. Este he o Papa, vniuersal curador das almas, & governador da Igreja; & todo o officio episcopal, & sacerdotal, a quem encarrega a cura, dos que nella poz per sua fé. Por tanto lhes promette, que tudo o mais que fizesse por elle, lho pagaria, como quando diz: seruo bom, & fiel, porque em o pouco foste fiel, te constituirei sobre muitas cousas: entra em o gozo de teu Senhor. Este he o nosso verdadeiro proximo, que fez misericordia com nosco: a este como a Deos auemos de amar sobre todas as cousas, & a este como homem hauemos de amar como a nós mesmos. Com este nos hauemos de fazer a mesma cousa, para que como a nós mesmos, o amemos nelle: assi como elle se fez a mesma cousa com nosco, para nos amar, como a si mesmo em nós. Para poder ser nosso proximo, se fez homem como nós, para nos amar como a si mesmo. Pois olha tu, se tens obrigação, de te fazer com elle a mesma cousa, para que lhe pagues o amor em sua moeda diuina, ja que o não podes pagar em tua moeda humana.

LIGAM V.

Do moral da parabola.

30 **E**M sentido moral em vltimo lugar, se ha de dizer, q̄ o homem, que na parabola se diz, que deceo de Ierusalem para Ierico, he o peccador, que do estado da graça veyo torpemente ao estado da culpa: da paz da consciencia à inconstancia, & mutabilidade do peccado. Porque como o Espirito Santo diz: O tolo (que

he o peccador) se muda como a lã, que isso significa Ierico. Bem propriamente, diz que deceo, pois pecou, & peccando perdeo a dignidade da graça. E o mesmo foi ficar baixo, & vil, que ficar inconstante, & mudavel como a lã; & assi chora Ieremias de baixo da figura de Ierusalem, dizendo: Peccou Ierusalem, por amor disso ficou taõ inconstante, ou taõ pouco firme. Assi como a firmeza he significada polla palma, Rainha de todas as aruores; assi a inconstancia polla cana, a mais vil de todas as plantas. Tanto que Cain peccou, & se foi da presença, & graça de Deos, logo se foi a viuer ao lugar de Naid conforme a versão dos Setenta. O qual Naid, diz Philo hebreo, que quer dizer mudança, ou mutabilidade, que he final de malicia em huã alma vil, & baixa, Conforme à aquillo que escreue Santyago: O homem dobrado de animo, he inconstante em todos seus caminhos. Abate se pois muito, & dece, ou decae o peccador de Ierusalem para Ierico, que quer dizer lã, quando como aluado, fica logoito às mudanças, que a cerca de sua consciencia quer fazer o peccado, porque não ficando ja com firmeza para resistir, vem a cahir em mãos de ladroes, que são seus continuos, & desordenados appetites, que a cada passo o salteam, & o despojam de quanto cabedal tinha de virtudes, pode ser que junto muitas vezes cõ muito trabalho de seu antigo estado: do qual se não decera, nunca viera a tanta miseria. Por isso o que está em pé polla graça, olhe não caya; porque se cae em mãos de ladroes, o hão de saltear no caminho ruim, que leua para Ierico, que he symbolo da maldição. Segundo o q̄ o Psalmista pregoa: Malditos sejam os que declinam de vossos mandamentos.

31 Os ladroes, diz que o despojaram, & feriram; porque no ponto q̄ o peccador fica nas mãos de seus desordenados appetites, não se fica despi-

Ff ij do,

Matth. 20. 12.

Thren. 1. 8.

Gen. 4. 16.

Phil. de Cherub.

Iac. 1. 8.

1. Corint. 10. 12.

Ios. 6. 26.

Pf. 118. 21.

do, & despojado de toda a virtude: mas também fica ferido, & chagado per cõtrarias obras de vicios, as quaes o deixaõ meyo viuo, & meyo morto. Meyo viuo diz, porque segundo S. Agostinho, lhe fica sempre oliure aluedrio, para tornar a procurar a vida da graça perdida. Porque assi como aquelle, que tem o corpo atrauessado de feridas, & se estã vazando em sangue se poder valer se a si mesmo, se com tudo o coração estã sem lesam, viuo estã, & o pulso o mostra; porem nenhum outro sinal tẽ de viuo, mais q̃ o pulso, & se chama meyo viuo sõmente. Assi o que jaz em varios peccados mortaes, sem poder valer se, nem per si mesmo levantar se; meyo viuo se chama sõmente, porque lhe fica ainda oliure aluedrio, pollo qual ajudado da graça diuina, pode curarse. Porque oliure aluedrio he o coração da alma racional, & a que todas as feridas do inimigo ja mais podem chegar; posto que pode trãtãrã alma de maneira, pollo maõ costume de peccar, cegueira, & sono de mortal descuido; que pareça naõ mais que meyo viuo, o q̃ o estado de seus vicios estã desmentindo a vital facultade. Acerca do qual diz S. Ambrosio: Naõ sabemos nõs, q̃ o enuelhecido costume de peccar tem tanta força, que desmente a propria natureza, a qual sendo curauel, se vem a achar incurauel de suas paixoens, esforçada com o tempo? O ditto he de S. Ambrosio.

32 E nota, que naõ diz que ficou meyo morto, se naõ meyo viuo; porque quiz antes fazer menção da vida, que lhe ficaua em esperança, & em facultade ajudada da graça diuina; & naõ da morte, que ja per merecimento proprio tinha incorrido, se a diuina misericordia o naõ socorrera. Porque naõ quer o clementissimo Deos nõs a morte do peccador, mas antes quer, q̃ se conuerta, & viva. Quiz alentãrã esperança, com lhe deixar o nome da meya vida; & naõ

desmayãrã a confiança, com o nome da meya morte. Enganam se os que cuidã q̃ na continua ameaça de morte, consiste o remedio do peccador; antes no offerecimento da vida, & brandura da reprehensãõ, maiormente com os bem entendidos, & honrados. Dõde diz S. Prospero: Ensina o Apostolo que se saiba quem saõ os que se haõ de reprehender, para que pollo menos reprehendidos aproueitem. Os quaes se sofrem, para que algum dia se enuergonhem de suas culpas, & do aproueimento de sua correccãõ, dem gofio aos mestres, per cuja paciencia foram trãtãdos brandamente. E ponderando o que o mesmo Apstolo aconselha a Timotheo, que reprehẽda cõ toda a paciencia, & doutrina; torna a dizer, que o que brandamente he castigado, reuerencia a o que o castiga; mas aggrauado com a aspereza da demasiada reprehensãõ, nem reprehẽsaõ recebe, nem saude. Atẽqui he de S. Prospero. O Santo Iacob naõ deixou na hora de sua morte de estranhar a seus dous filhos Simeãõ, & Leui o castigo que fizeram no Principe, & Cidade de Sichem, per respeito de sua irmã Dina: naõ porque fosse injusto, mas porque sendo justo, foi com tudo riguroso. Dõde segundo Lyra, naõ dixe o santo velho: malditta seja sua maldade, ou iniquidade; mas sua indignaçãõ, & colera.

33 Pollo Sacerdote, & Leuita, que passaram pollo mesmo caminho, em que estaua o ferido, & naõ trãtãram delle; se entendem os maos ministros da Egreja, a cuja conta estã a cura, & remedio das almas. Os quaes entãõ passam se trãtãrã do necessitado, quando per sua negligencia, & maõ exemplo deixam estar em peccado mortal a alma, a que deuiam acodir com toda a diligencia, para que naõ perecesse. Queixa grãde, que delles faz Deos por Ezechiel, dizendo: Naõ esforçastes, o que estaua fraco, & naõ curastes, o que era enfermo, naõ concertastes,

Aug.in.Cat

Prosper. de Vit. com. temp. 63.

2.Tim.4. n.2.

Gen.49. n.5.

Lyr. ibid.

Ambr.in.Pf. 118.

Ezech. 34. n.4.

tastes, o que estava quebrado; & não reduzistes, o que andava botado alonge: nem buscastes, o que andava perdido; mas dominaueilos com austeridade, & com potencia. Esta queixa da diuina magestade houuera de ser muitas vezes repetida a seus sacerdotes, que são os que tem cura das almas; & a seus Leuitas, que são os q̄ tē a seu cargo o encaminhallas com suas palauras, & doutrina: para que não passaram tão secamente polla estrada deste mundo, sem tratar da cura de tantas miseraueis chagas, como nas almas andam canceradas, & podres. E o que peyor he, que como pestilenciaes corrompem com o mau cheiro de sua fama aos outros, & com o contagio de seu mau exemplo, se pegam a muitos. As ambiçoens, & as soberbas; chagas são: as simonias, & pessimas negoceaçoens, & mercancias; chagas são. As injustiças, & sobornos; chagas são: as cobiças, auarezas, onzenas & vsuras; chagas são. As deuacidoens, & deshonestidades, chagas são; as demasias, & gulosidades, chagas são. Os odios, as enuejas, & crueldades; que são se não torpes chagas? As murmuraçoens, os testemunhos falsos, & roiduras da honra do irmaõ; q̄ outra cousa são se não chagas, que ficando na consciẽcia propria, vão a ferir tambem a honra a lheya? Por todas estas passam o Sacerdote, & o Leuita sem fazerem mais q̄ ver com olhos de conhecimento ao ferido; mas não lhe applicado os medicamentos necessarios; nem se apeãdo de seu descanso, & interesse para tratar de seu remedio, com o castigo, com a reprehensãõ, com a piedade, & brandura, & os mais remedios necessarios.

34 Mas ainda mal, porque muitos hoje não fazem mais que gozar da dignidade, do titulo, do interesse, do respeito, do applauso, & do priuilegio; sem se lhes dar da cura que a Igreja, & Deos lhes encarregaram. Para que sem respeito de pessoa, onde quer que

visssem a chaga, a curassem com sua palaura, que tanta chaga he no grande, como no pequeno, & mais ainda que no pequeno, perigosa no grande. Contra os quaes clama assi S. Antonio de Padua, ou de Lisboa: Oh cegos pregadores, porque receais escandalizar aos cegos, por isso incorreis a cegueira da alma. Fazem vos estes a vos, o que a vaca braua montez faz o seu caçador. Da qual dizem os Naturais, que quando os caçadores a seguem, ella lhes lança sua bosta, com a qual detendo se elles, se acolhe a vaca. Por certo que assi fazeis hoje algũs (õ preclados,) vacas gordas nos montes de Samaria, vacas fermosas, & nedeas, apacentadas nas frescas heruagens; os quaes ao seu caçador, que he o pregador, dão coufas temporaes, para escapar de sua reprehensãõ. Donde diz o Espirito Santo: o priguicozo, & remisso foi apedrejado com pedra de lodo, & com bosta de bois. Por isso diz o Senhor per Isayas: Eu levantarei sobre elles os Médos (isto he pregadores) que não queirã prata, nem ouro; que firam com as settas da santa pregação. E S. Ieronimo diz sobre aquellas palauras de Oseas: Cõ vosco será o juizo, porque fostes laço para o officio de vigiar. Eu vos constitui atalayas, & principes, para que tiuesseis cuidado do pouo errado: poreu vós lhes seruiestes de laço; & não tanto vos deueis de chamar vigiadores, como caçadores. E S. Ioaõ Chrystomo compara bem os sacerdotes aos medicos, que com diuersas medicinas deuem curar ao que encontram enfermo, & chagado.

35 Porem assi como ha maos ministros, que não trattam do remedio das almas; assi proueo Deos a sua Igreja de outros bons que lhes acudam. Portanto introduz logo ao Samaritano, que compadecido do miseravel ferido, se apeou do reponso de sua casa, & recolhimento; & se poz a pé per humildade, & se lhe chegou per compa

Ff iij paixaõ,

Pad. ser.
Dom. 6. post.
Pasch. fin.

Eccle. 12. n. 1.
c. n. 2.

Isaias. 13.
n. 17.

Hieron. ibid.
Ose. 5. n. 1.

Chrystom.
hom. 10 in
Matth.

paixão, & lhe atou as feridas per santas amoeftações, & lauandolhas com vinho da representação da pena eterna, lha vntou com brando azeite da confiança da misericordia de Deos. Sobre o qual diz o Carthusiano: O Sacerdote, & o Leuita, que passaram por elle, são os maos ministros da Egreja. E o Samaritano he o Cõfessor, & o pregador, que mouido da compaixão ata as feridas, lançandolhes oleo de misericordia, & vinho de justiça. Atequi Landulpho. E bem quadra o nome de Samaritano ao confessor, pregador, & pastor, porque Samaritano quer dizer guardador, a cuja conta està o guardar a seu subdito, & encomendado, qual he o peccador ferido, & chagado pollo peccado mortal. Pollo qual Samaritano tambem entende S. Antonio a graça do Espirito Santo, que he a que guarda a alma, & a cura, segundo aquillo que o Santo Iob diz, & elle de peccador ja tornado em si moraliza: Quem me dera ser como fui nos meses antigos, quando Deos me guardaua; quando resplandecia sua luz sobre minha cabeça, & a seu lume andaua eu entre as trevas. Assi como fui nos dias de minha mocidade, quando Deos em secreto estaua em meu aposento. Quando o omnipotente estaua comigo, & ao redor de mi os meus criados. A saber os sentidos de meu corpo, que fielmente me seruiam. Porem como decia de Ierusalem para Iericó, da antiga perfeição da graça, para a mudança baixissima do peccado; esses mesmos que me seruiam, me roubaram, & feriram, & deixaram quasi morto. Acodio a graça do Espirito Santo, curoume, & tornou-me aos dias da graça primeira, pollo verdadeira penitência, que me inspirou por sua misericordia.

36 Pollo azeite que tem virtude de allumiar, entende o mesm o Santo Padre o conhecimento do peccado; & pollo vinho que tem força de alheyar

o juizo, as lagrimas da compunção, & arrependimento; por quanto o muito tambem dá as vezes em chorar. Os quaes dous effeitos de luz, & ardor faz a graça do Espirito Santo na alma, segundo aquillo de Deos a Iob: Per q̄ ^{Iob. 38. n. 24.} caminho se espalha a luz, & o calor sobre a terra? Ou se entende segundo o mesmo; pollo vinho a aspereza, & ^{Pad. ser. Dom. 2. qua. drag.} pollo azeite a brandura; para que huã com outra se tempere, & temperada cure. O que moralmente diz significar o apparecer com Christo transfigurado, Elias, & Moyses. Porque ao ^{Matth. 17. n. 3} homem ja transfigurado, & clarificado, assiste a austeridade, & a aspereza de Elias: & a brandura, & mansidão de Moyses. Donde diz S. Gregorio: Em o vinho se applica o mordaz do castigo, no azeite o brando da piedade: lauemse com o vinho as podridões, & depois para se sararem fomentemse com o oleo. Hase logo de misturar a brandura com a seueridade, & fazerse de huã, & de outra hum temperamento: para que nem com muita aspereza se chaguem mais os subditos, nem com a demasiada benignidade se relaxem. E Origenes vendo dar por final do arrazamento dos muros de Iericó, que o lóo das trombetas fosse interpolado, & não continuo; entendo pollas trombetas os prégadores: E ^{Ios. 6. n. 5. Orig. & Pelus. in Glosa} Isidoro Pelusiota pollos muros os peccadores. A melhor traça para destruir peccador, & render consciencias rebeldes, he interpolat, & entremeter ameaças, com promessas: nem pregar sempre rigores, nem encarecer sempre misericordias. Porque a continuação de hum extremo, virà a por em desprezo, & esquecimento ao outro, & se baldará a diligencia.

37 He de notar, que atadas as feridas do enfermo; & curadas o melhor que era possiuel, o poz o piedoso Samaritano sobre a sua mesma caualgadura em que hia. Não só gastou com elle o vinho, & azeite, que não alforge leuaua, mas ainda se desacomodou a si, para

Land. 1. p. 6. 49.

Pad. hic.

Iob. 29. n. 1.

Judi. 1. n. 1.

de Ier. 31. n. 1.

de Ier. 31. n. 1.

de Ier. 31. n. 1.

para accommodar, & remediar ao enfermo. Grande documento do que cõ o proximo por seu remedio, principalmente espirital, se deue vsar, gastando por sua saluação os bens temporaes, & desprezando as proprias commodidades por acodirlhe. Polla besta se entende o corpo, a qual se chama a jumento, como ajuda do homem: & assi o corpo he o que leuando a carga da penitencia, & dos trabalhos temporaes, ajuda a alma a caminhar à patria, se por ella vai gouernado, & refreado. E leuouo à estallagem, que he a Igreja, onde se dà o pasto da palavra de Deos, & a refeição da Eucharistia, & dos mais sacramentos. E tem cuidado delle per continuação do bõ proposito, que faz conseruar ao enfermo arrependido, & contricto dos peccados que o chagauam. Porque este he o maior perigo daquelle estado, que facilmente, ou pollo costume do peccado, ou polla enueja do demõnio, se torna a traz com a palavra, & tornam as chagas a pejorar, & vem a ser a recalhida mais perigosa que a doença. Pollo que he mui necessario aquelle cuidado, que o Euangelho aqui declara não sem muito misterio, que o piedoso Samaritano teue com o enfermo, a quem tinha começado de sarar, não o deixando hum ponto, ate que o entregou ao estallagedeiro para ficar com cuidado delle.

38 Por isso se segue em o texto, que ao dia seguinte, isto he, hauendose de partir o Samaritano a continuar seu caminho, deu dous dinheiros, ou dous reales ao vendeiro, para que tiuesse cuidado delle. Isto he, que hauendose de ir o pregador a outras occupaens, encatregou o enfermo a seu cura, & pastor, dandolhe duas aduertencias para cura do peccador; a saber que o tire da occasião do peccado, & que o faça continuar os sacramentos. Ouos dous dinheiros são duas promessas da paga, & retribuição temporal, & eterna, que huã, & outra terá por

ter cuidado das almas encomendadas; ou pollos dous dinheiros, se entende a dobrada honra, de que S. Paulo diz q̄ são dignos, os que trabalham na saluação das almas. E dizlhe em nome do Senhor, que tudo o que gastar mais pagará, quando tornar: que he quando o Senhor tornar ao juizo segundo S. Ambrosio. E segundo S. Agostinho, por isto que mais gastar se entendem as obras de supererogação, & de conselho, & perfeição, a que não està obrigado o tal, & estas são as que Deos mais promette pagar. Porque pouco faz o ministro da Igreja, que faz, o q̄ se não fizer, o castigará essa mesma Igreja; & o q̄ se não fizer ficará deuedor defazello, & sogeito à sentença, & castigo. E em certo modo recebe disso ca seu premio, quando faça o q̄ deue. Mas o q̄ faz mais do q̄ deue esse fica não deuedor, senão acreedor da diuina retribuição.

*Amb. in Cat.
hic.
Aug. i b. 8.
lib. 99. Euãg.
2. q. 19.*

Peroração exhortatoria.

39 **O** Lha pois bem, ó alma, tua grande ventura, & continuamente dà a teu Senhor eternas graças, pois te deu a vida, & o ser em taõ ditoso tempo, no tempo da lei da graça, no anno de sua benignidade. Que graças bastarão a darselhe por ter dado a tua alma os olhos, & ouvidos da fé, com que fosses taõ bemaumentado, que visses, & ouuisses o que tantos Reis, Prophetas, & Iustos desejarã tão ver, & ouuir, & não puderam? Medita de continuo, & desuelate sempre em a obseruancia da lei diuina explicada, & approvada por teu Mestre, & Senhor Iesus Christo, amando nelle a Deos, & ao proximo: a Deos sobre todas as cousas, ao proximo como a ti mesmo. Considera como miseravelmente caiste em mãos de ladroes, que te roubaram a graça, porque deeste da perfeição, & paz, para a variedade, & mudança da culpa; ficando despojado, & ferido, sem remedio algum mais que o da misericordia do piedoso Samaritano.

maritano Christo, que cõ seus merecimentos per meyo de seus sacramentos te lauou com o vinho da penitencia, & te vntou com o oleo da piedade, & te agazalhou em sua Igreja, encommendandote a teus pastores, para

que desgarrado te recolhessem, & ferido te curassem. Trabalha com todas tuas forças de fazer fructos dignos de penitencia, para que saõ, & inteiro possas dar a teu Salvador graças para sempre na gloria. Amen.

REFEIÇAM SPIRITVAL.

CAPITULO DECIMO QVINTO.

Dos dez Leprosos, que alimpou nosso Redemptor Iesus Christo.

Luc. 17. n. 11.

NVnca o diuino Sol de justiça pãraua nas influencias de sua misericordia. Ia pregãdo, ja ensinando, ja orando, ja curãdo, hia cercando a terra, & andaua a fazer beneficios a agradecidos, & a ingratos. E indo huã vez de caminho para Ierusalem, de huã só assentada alimpou misericordiosamente a dez leprosos; aqual marauilha propoem a Igreja nesta Dominga. Tomando a relação della do capitulo dezasette de S. Lucas, que só faz menção deste cazo; pondo em primeiro lugar o encontro dos dez leprosos com Christo. Pollo qual se diz em o texto. *Indo Iesus para Ierusalem, passaua pollo meyo de Samaria, & Galilea. E indo para entrar em hum lugar, ou pouoação, lhe sahiram ao encontro dez homẽs leproso.*

Tex.

L I Ç A M I.

Do encontro dos leprosos com Christo.

Diuersas vezes consta do Euangelho que Christo fosse, & viesse de Galilea para Iudea: & diuersas vezes tambem fez jornadas a Ierusalem, apartandote por varias occasioens, & tornando a ella. E poiã neste lugar, como em alguns cutros seus não guarda S. Lucas o tempo, nẽ segue o fio das historias, & acontecimentos, antes os poem dispersamente, como melhor lhe cahiam, pollo inspiração diuina: ficou lugar aos Dou-

tores de variar no tempo, & occasião deste successo. E sendo elle taõ marauilhofo, & a jornada para Ierusalem taõ expressa no texto, se persuadiram muitos; q̃ este caso a cõtecera naquella vltima, & celeberrima ida, que o Senhor fez a Ierusalem, quando se ausentara della para a charneca de Ephrem, pollo assento que no Concilio se auia tomado de sua morte. Pollo qual razão Landulpho, & outros assentaram este successo na primavera depois da morte de Lazaro, & do ditto Concilio, antes de chegar a Iericó: na qual volta deu tambem vista ao cego da estrada. Porém não attentaram de que desta vez, que per razão do Concilio se ausentou de Ierusalem, não tornou Christo a Galilea, antes de todo a hauia deixada por Setembro do anno passado, pollo festa da Scenopogia, partindose de todo de Capharnaũ para Iudea. E do texto deste Euangelho consta, que o Senhor, quando alimpou a estes dez leprosos passaua por Samaria; que he caminho forçado de quem vem de Galilea para Ierusalem, sem constar que depois daquelle mes de Setembro tornasse elle a Galilea.

2. Deuese pois assentar este milagre, & acontecimento no Outono de trãdeiro da vida do Senhor Iesus Christo, quando tornando se vltimamente de Galilea, para Iudea passou por Samaria.

Land. 2. p. 19.
Gut. Trejo lib. 8. c. 7.
Postill. Guilhel. bis

Joan. 7. n. 1.

Joan. 4. n. 4.

San. Concor. 2. 74
Stell. bis

Joan. Luc. 9

1. Reg. 16

maria. E desta vez he que se foi à festa da Scenopogia depois de partidos para ella seus parêtes, por não parecer que hia com elles persuadido das razões de vaidade, que elles lhe aconselhauam em ordem a se fazer famoso em aquella Corte. Hia pois o Senhor em aquella mes de Setembro para Ierusalem, & passaua pollo meyo de Samaria, & de Galilea. Buscando hia a quem fazer bem por aquellas partes, sem reparar nos ruins termos, & ingratitude dos Samaritanos, que daquela vez o não quizeram recolher em sua cidade, hauendo agazalhado, & festejado outras vezes. Taes são muitos, que primeiro recebem, & festejam a Deos, & depois como desaproueitados o desprezam, & a seus diuinos mandamentos, & conselhos. Ficam perdendo a Deos, & fazendo com que sua diuina bondade não venha a elles, que he o maior castigo que pode ter sua ingratitude, & pouca perseuerança. Daqui veyo que vendo Santiago, & S. Ioaõ o ruim termo, que os Samaritanos com seu Mestre tinhã, leuados do zelo de seu seruiço lhe dixeram: Quereis que façamos vir fogo do Ceo, que os consúma? Não lho permitio o Senhor, antes (qual outro Daud a Ioaõ, que queria vingar as injurias do villaõ Semei) os reprehendeo grauemente. Como quem lhes dizia: Ainda quereis mais castigo, & desventura sobre elles, que ficarem sem mi, & fazerem com que eu os deixe? Maior castigo, & danno he ficar sem Deos, & expostos ao fogo do inferno, que ser do fogo do Ceo consumidos & abrasados. Taõ longe estava o Senhor de consentir, que se usasse aquella rigor contra os ingratos, que antes foi entre elles mesmos a buscar occasião de lhes fazer beneficios. Por isso dizendo aos dous zelosos irmaõs, que não viera a perder almas, se não a saluallas, foi buscar outro lugar, em que se agazalhasse; para que na entrada delle encontrasse

a quem beneficiaffe.

3 Vinha pois o Senhor para Ierusalem, & passaua pollo meyo de Samaria, & Galilea: Isto he que atraueffaua ambas aquellas provincias vindo de Capharnaü, donde partira. Mas quando foi o caso dos leprosos, ja caminhaua polla de Samaria, aqual era mais de gentios, que de Hebreos; porque os possuidores primeiros della depois da trãsmigração dos dez Tribus, huiam sido gentios, que das partes do Norte tinham vindo, se bem, depois vieram a tomar a lei de Moises, se circumcidauam, & guardauã a lei dos Iudeos entre mil erros gentilicos. Nê de balde se aponta que atraueffaua huã, & outra regiaõ de Hebreos, & de gentios; porque segundo S. Ambrosio; a isso hia a Ierusalem, a fazer huã sô parede de ambos os pouos, & a por em paz aos discordes, & que entre si se não trattauam. Este era o fim mais glorioso de sua paixãõ, & do excessõ que hia a cumprir a Ierusalem, a pacificar com seu sangue aos que andauam discordes. E este deve ser o fim dos varoẽs apostolicos, em que deuem empregar suas passadas, suores, & desuelos, em trattar da paz dos pouos, & dos proximos. Quão fermosos são os pês dos que euangelizam a paz, diz o Santo Isaias: & quão feos, & torpes são os pês dos que trattam da discordia. Não são os pês destes bem encaminhados afeetos; pês direitos como aquelles dos quadruplicados espiritos de Ezechiel, que no Apocalypse eram todos cheyos de olhos formosissimos de direita intençãõ. Pês são de pauãõ, que parecẽdo cheyos de olhos nas penas de suas apparencias religiosas, & fantas; a sua intençãõ he torta de ambiçãõ, & seu tratto de quem deseuan geliza discordias. São os pês, & os afeetos destes, como pês de maldiçãõ; pês da serpente, que tem por pês ao proprio peito, sobre que anda a malditta: & a cada passo que daõ, produzẽ agudas espinhas, q̃ lastimã, & escaldalizam.

Amb. lib. 8.
in Luc. c. de
virtutedei.

Isai. 52. n. 7.

Ezech. 1. n. 7.
Apoc. 4. n. 16.

Gen. 3. n. 14.

Ioan. 7. n. 7.
Luc. 9. n. 53.

1. Reg. 16. n. 10.

dalizam. Pés ligeiros para derramar sangue de proximos, que não souberam ja mais o caminho da paz, como diz o Propheta.

4 Pés de vento são, cujas cabeças amaldiçoou o Deos da paz, segundo o que escreue o Santo Abacuc: Amaldiçoastes aos seus cetros (quer dizer aos seus governos) a cabeça dos seus guerreiros, que vinham como pé de vento, a destruirme. Bemditos os pés do Salvador Christo que a cada passo que daõ, produzem flores de laude, & de saluação. Por onde quer que passa, vai produzindo remedios, faudes, & vidas. Assi o pregaua o Apostolo S. Pedro, delle, dizendo: que passou bem fazendo, & sarando. Porque como he aruore da vida, della se escreue no Apocalypse, que suas folhas (seus designios, & occupaçoës) são para laude das gentes. Moralmente falando, o que tratta de endereçar suas acçoës, & desueios para Ierusalem, que he visão de paz, & figura da gloria; ha de passar por Samaria, & por Galilea. Samaria quer dizer guarda, & Galilea significa cousa que dà volta: porque ha de tratar de fazer guardar os mandamentos da lei, & de fazer dar volta à vida. Porq; sem esta guarda, & se esta volta, não pode chegar ne fazer chegar à verdadeira gloria, em q Deos se goza. Do primeiro, diz o filho de Deos: Se queres entrar à vida, guarda os mandamentos. Da segunda o Esposo das almas: Volta, volta Sulamites para que te vejamos. De tudo junto o Propheta: Iraõ de virtude em virtude. Será visto em Sion o Deos dos Deoses. Recusado pois dos cidadãos de Samaria, se hia o Senhor a agazahar á outro lugar da mesma Prouincia, do qual se não declara o nome. Nem do que diz que era em Latim, Castello; se collige mais, que fosse algũa pouoação, ou aldea do termo de Samaria, que isso quer propriamente dizer, Castello, diminutiuo de Castro, que he villa cercada, como fica ditto

no capitulo vinte & quatro da primeira parte. Ou (com o ahi mesmo fica aduertido) se toma por nome generico de qualquer pouoação. Dizem q este lugar se chamaua Iannim, & era huã legoa dentro de Galilea.

5 E se aldea, ou pouoa, era pequena (como neste lugar parece ser) bem facil he de entender que mais accomodadamente he Deos, & sua palavra recebida, nas pequenas terras, que nas cortes, & populosas Cidades. O priuilegio da humildade, que he ser ella só capaz de Deos, abrange às pequenas pouoaçoës, para o ficarem de recebello. E a maldiçaõ da soberba pollo contrario abrange aos grandes povos, & maiores pouoaçcões, onde se resiste a Deos, & Deos lhestesiste, porque costuma resistir aos soberbos. De poucos dias era elle nacido, quando ja na grande Corte de Ierusalem era polla fama samente, que delle deram os Magos, perseguido. Quando no mesmo tempo o humilde arrabalde do pequeno Belem o recolhia, & abrigaua. Pouca, ou nenhũa estrella tinha o Senhor em a Corte; toda tinha na aldea. Alli estaua fixa sua estrella, que nos grandes ponos, era para elle taõ errada. Castello, ou aldea, era tambem Bethania, onde era seruido da deuoação: & logo na Cidade real era crucificado da emueja. E agora, como pagando de ante maõ este acolhimento, quiz illustrar este lugar sem nome, com taõ famosa marauilha como dar de huã só vez saude a dez leprosos. Os quaes lhe sahiram ao encontro ao entrar daquelle lugar: quer dizer só a delle, antes que o Senhor entrasse. (Porque conforme a lei do Leuitico, não podiam morar no pouoado, mas fóra eram detidos, & faziam sua habitação; em quanto lhes duraua sua miseria) Perem não eram prohibidos conuersar, & tratar hũscõ os outros: antes segundo Tito, se juntauam, & communicado o mal, se alleniauam da pena, & trattauam do remedio. E de

Ps. 13. n. 3

Abac. 3. n. 14

Ab. 10. n. 38.

Apoc. 22. n. 2

Matth. 1. n. 17.

Cant. 6. n. 12

Ps. 83. n. 8.

St all. b. i. c.

Matth. 1. n. 9.

Leuit. 13. 44

Tit. in Cast.

Luc. 1. Chryf.

Aug. 7. 45 in

de crer he que estes dez leprosos fossem todos os que per aquelle contorno entaõ havia, hum Samaritano, & os noue Iudeos. Os quaestodos andauam esperando ao Senhor, que por alli passasse, para lhe pedirem remedio. E sem embargo de serem de leituras taõ diuersas, andauam taõ vnidos para acõmetter todos juntos ao Senhor, & como que o lisongeauam cõ a concordia, se vniam para o obrigarẽ à piedade.

6 Na diligencia andaram estes leprosos mui prudentes, assi como eram mui mysteriosos no numero. Porque diz que lhe sairam ao encontro, como aquelles que andauam de vigia; que lhes naõ escapasse aquelle medico diuino, que tantas terras atraueffaua em busca dos necessitados, para dar lhes o remedio conueniente. Por conta de nossa diligencia està aproueitarnos das occasioens da fãde, & naõ dormir, quando passar o medico das almas, que sempre anda, & passa por ellas por auxilios, & inspiraçoens interiores, & por exemplos, & successos exteriores. Sempre o encontra quem o quer buscar, porque elle vem sempre primeiro, como quem anda em busca de nossos males, para curallos.

Luc. 15 n. 21
Chrysol. ser. 3

Primeiro vio o pae ao Prodigio, que delle fosse visto; porque (como diz S. Chrysologo) para que o Prodigio o pudesse ver, o vio o pae primeiro a elle. Ia quando o filho vinha, o pae o tinha visto, & se hia a elle; & por isso o encontrou o filho, porque o pae o hia ja buscando; naõ só com os pés, mas tambem com os braços. Tristes daquelles, que encontrando cõ Deos a cada passo, se naõ aproueirã delle, antes o perdem muitas vezes dentre si mesmos. Muitos ha que saõ como os letrados dos Iudeos, de quem diz S. Agostinho que em quada letra soauã a Christo, & em quanto liam o encontrã; & mais tendo presente o naõ conheciã, nem se aproueirãuam delle. Letrados o descontrauã os

Aug. Tyri. 45 in Ioan

Phariseos: & deuotos encontrauã com elle os leprosos. Dez eram estes leprosos em numero, & era numero de mysterio; porque o numero de Dez he de vniuersalidade, por quanto nelle se reuolue toda a sorte de numeros. Eram dez os leprosos, porque as lepras delles eram figura de todos os peccados, que contra os dez preceitos da lei se cõmettem. E segundo a Glos-
sa, contra toda a lei peccã os que deixã de amar a Deos, de quem mal sentem; & ao proximo, de quem se diuidem.

Gloss. hic.

7 E he de saber com o Doutor Seraphico que desta vniuersalidade da lepra, saõ quatro as causas, conforme a outras tantas lepras, de que se faz mençaõ na Escrittura. A primeira causa he o temor baixamente humilde, q̃ abate polla resistencia, & murmuraçoã, de que se arma. E esta lepra se significou em a de Maria, que depois que murmurou de seu irmaõ Moises, appareceo cuberta della, taõ branca como neue. Porque tal he de ordinario a culpa da murmuraçoã, & pouca sogeiçaõ aos superiores, que sempre se apparencias, ou de zelo, ou de razã. E esta naõ se cura se naõ com a retractaçoã, & restituicao da fama do irmaõ offendido. Pollo qual se diz, que foi mandada estar Maria separada da gente sette dias. A segunda causa da lepra he o amor sensual, aqual he significada na lepra de Naaman Syro, de quem se escreue que era homem forte, & rico, mas leproso. Porque esta lepra da sensualidade procede ordinariamente da robusteza da carne, & abundancia do regalo da vida. E esta se cura com grandes lauatorios de lagrimas, & penitencia: assi como aquelle leproso caualleiro foi limpo, lauandose sette vezes no Iordaõ. A terceira causa da lepra he a cobiça, significada na lepra de Giezi. Ao qual pollo interesse, & simonia, com que se houue na cura daquelle leproso, foi ditto: A lepra de Naaman ficarã contigo,

Bon. hic.

Num. 12. n. 10.

4. Reg. 5. n. 21.

ibid. n. 27.

rigo, & tom tua geração. Desta não se poem remedio proprio no lugar da quella escriptura, mas tomao o mesmo Doutor Seraphico, doutro em que se diz da mão de Moyses, que era leprosa dentro do seyo; foi remedio o tirarse fora delle, & estenderse. Conuem a saber per obras de misericordia com os pobres, que he o remedio da lepra da avaricia. A mão encolhida, & auarenta he leprosa: estendida para a esmola, & restituição, se cura. A quarta causa da lepra he a soberba, & arrogancia, que se significa em a do arrogante Rei Ozias, que intentou usurpar o officio sacerdotal, & offerer incenso, pollo qual foi cuberto de lepra. O remedio desta lepra da ambição, não se lê outro, se não a separação, & deposição do governo, como se fez com Ozias. Em figura destas quatro causas da lepra se diz, que estauam quatro leprosos junto da porta de Samaria. Quatro eram então, para significar as quatro cabeças; & dez agora no Euangelho, para denotar a vniuersalidade, que dellas nasce. Ou segundo a mesma moralidade, quatro são as cabeças dos leprosos da Religião, que a contaminam, & desacreditam. A saber, os desobedientes murmuradores com Maria, os relaxados sensuaes com Naaman, os cubicosos pecuniarios com Giezi, & os ambiciosos arrogantes com Ozias. Ou finalmente segundo allegoria, conforme a Glossa, são quatro as castas de lepra contra a Igreja; os Pagaões, que lhe resistem; os hereges, que a sujam; os Iudeos, que a profanam; & os Scismaticos, que a sobranceam.

L I § A M II.

Da Oração dos leprosos.

8 **S**Ahidos pois os leprosos ao encontro a Christo, se refere em segundo lugar a oração, que lhe fizeram. Pollo qual se segue em o texto. *Os quaes estiueram em pe (& esperaram) de longe, & leuantaram a voz*

dizendo: *Mestre Iesus, hauei misericordia de nos outros.* Parauam tendo vista do Senhor, a quem estauam em lugar certo aguardando que passasse, confiados em sua misericordia, que os cutaria. E pararam de longe, porque conforme à lei não podiam chegar perto da gente; parecer dolhes que o Senhor teria nojo delles, como os mais homẽs. Do Publicano tambem se diz, que oraua de longe, & era final de respeito de Deos, que lhe causaua o reconhecimento de suas culpas, como a estes leprosos o de sua immundicia. De modo que o estar de longe na oração, he symbolo da humildade, com que o peccador se achatao confuso como indigno de chegar perto de Deos, onde estão somente seus amigos. Donde diz Theophilo, que estiueram os leprosos de longe, como enuergonhados da immundicia, que polla lei se lhes imputaua. E que por isso pararam, ficando longe no lugar, mas perto, polla oração; porque perto está o Senhor de todos, os que por elle chamam, & em verdade o inuocam. Prerogatiua he da oração por ao homem perto de Deos, como engenho, & machina de levantar; porque a oração he hum levantamento da mente a Deos. E a oração do que se humilha, diz o Espirito Santo, que penetra os Ceos. E quem penetra os Ceos, perto fica de Deos, pois ja está aos pés de seu trono, ende não pode escapar a seus olhos. Donde dixe o mesmo Deos a Moyses: O clamor dos filhos de Israel me tem chegado, & eu tenho visto a tribulação delles. Então a vio, quando o clamor da oração lha poz a seus pés diuinos, porque subio desde a humildade dos adobes, & penetrando os Ceos lhe ficou perto.

9 Considera pois como as cautelas, que a lei antiga vsaua com aquella contagiosa infirmitade corporal, vsa agora a Igreja com a espiritual doença. Ia se não tratta com tanto cuidado de separar, & euitar os leprosos, de fugir, &

Bon. ser. 1.
h. uis. Dom.2. Par. 26.
n. 19.4. Reg. 15.
n. 5.

Glossa hier.

Tex.

Luc. 18. n. 13.

Theophil.
in Gal.Ps. 44.
n. 8.

Exod. 18. 9.

& fazellos estar longe da gente, & do pouoado. Antes os mais perfeitos e b-servantes do Evangelho buscaram a esses leprosos, & gafos, para os seruirem, & curarem. Fundamse hospitaes para elles, doamse, & seruemse com muitas curiosidades, & regalo da charidade. Outra lepra he a que se estranha, & a que se acautela, para que seu contagio naõ inficione aos outros. Esta he o peccado mortal, principalmente o que causando ruim exemplo vem a ser contagiosa doença, que se pega na cõmunidade. E chamase lepra o peccado, segundo quatro propriedades, & semelhanças, que aponta Landulpho. A primeira porque ao leproso se faz a voz fraca, & a fala delgada; porque para como Ceo a voz do peccador he fraquissima, & pouco aproveita para Deos ouvir. Saben os que aos peccadores naõ ouue Deos; dizia o cego de nascimento aos letrados dos Judeos. Antes dos taes dizia o Propheta: Sua oraçaõ lhes seja feita, ou tornada em peccado. A segunda porq̃ no corpo leproso ha muitas chagas miudas, que crecem; duras, & redondas. Assi no coraçãõ do peccador ha muitas magoas, & chagas de diuersos peccados, & circumstancias, que de muitas partes o atormentam: diminuindo sempre na afeicãõ do bem, & fazendo duro, & rebelde, & inabalho de curar, contra Deos, & seus mandamento: A terceira porque ao leproso se corrompe o bazo, & com o mau cheiro delle saõ os outros inficionados: Assi o tratto, & conuersaçãõ do peccador, he causa nociva & as palavras de sua boca corrompem os bõs costumes, & cheiram logo a cõciencia corrupta. A quarta, porque a lepra quanto mais sollicitamete se quer encobrir, & fazer metter para dentro, tanto mais torpe, & danosamente sae para fora. Assi o peccado quanto mais se quer encobrir, tanto mais cresce, & faz a consciencia torpe, & feya.

10 Outras tres propriedades, ou

semelhanças como peccador tira Esichio do estado do leproso. O qual conforme a lei andava com os vestidos desaperitados: com a cabeça descuberta: & com a boca tapada com a ponta da vestidura. Porque o peccador traz a consciencia larga & desaperitada de todas virtudes, que o podiam abrigar, & ornar. Carece daquelle saudavel cinto, com que o Evangelho manda cingir, & apertar; para que nem se derrame per afeicões carnaes, nem se demasie per cobiças illicitas; nem se alargue per costumes relaxados. Traz a cabeça descuberta, porque perdido, & desprezado o amparo da graça, anda exposto a quantos golpes o inimigo quer metter em sua cabeça de ruins pensamentos. Porque o que huã vez perdeu a graça, facilmente consente em maos pensamentos, & instinctos peccaminosos. Traz a boca tapada, naõ só (como explica o sobre ditto Esichio) porque se atalhe com isso o mau cheiro, que de suas palavras sae, com que os outros saõ inficionados. Mas tan bem, porque naõ acaba consigo de chegar a confessar inteira, & fielmente suas culpas. Antes as calla, & encobre com huã torpe vergonha, ou com hum vergonhoso descuido do remedio de sua alma. Por outras muitas condições, & castas de lepra, que a lei assignava se colhem outras muitas semelhanças moraes de diuersos generos de peccados. Onde diz o mesmo Esichio, que ha lepra, que cobre em todo o corpo, & significa a auareza, que mancha a todo o genero de gente. Outra diz que se acha vermelha com amarello, ou pallido; & significa a ira com o furor colerico, & fraqueza do juizo. Porque he covardia, & de pusillanimes o agastarse por leues causas: & logo juram, & mentem. E o pallido he symbolo da lingua mentirosa, & uizo fraco. Outra diz S. Ieronimo, que se chama florecer, & esta significa a sensualidade, & gala mundana, que tudo ostenta

Esich. in
Gloss. Leuit.
13. n. 45.

Luc. 12. 35.

Land. cit.
c. 19.

Iuan. 9. n. 31.

Es. 108. n. 7.

Esich. ub.
sup.

Hieron.
ibid

Gloss. hic.

flor, & he contagiosa, & finissima lepra da alma. Finalmente segundo a Glossa, ha outra, que se chama adusta, ou que faz nodos, & chagas como de queimadura: & significa os peccados dos Religiosos que entre os rigores da mortificação, & adustos da abstinencia, & disciplina, contrahem diuersos vicios, com que botam a longe, & mancham o aproueitamento, & limpeza de seu estado.

II Se todas estas, & outras muitas castas, & circumstancias de lepra fazia a lei fugir, & desuiar, por se não pegarem aos saõs: com quanto mais cuidado se deue na Igreja vsar de grande cautela para a lepra espiritual? Por isso aquelles leprosos estauam de longe dando satisfação à lei; porem ja tinham principio de saúde em se porem de longe, como reconhecendo se por immundos. Porque (segundo S. Agostinho) o principio das boas obras he o conhecimento, & confissão das más obras. Os que de longe se punham, por leprosos se confessauam. Estauam ja como começados a levantar da immundicia, em que jaziam: qual o Prodigio, que propoz de levantar se, & ir se a seu pae; como de feito se levantou, & foi final de que antes jazia, pois propoem de levantar se. Onde S. Pedro Chrysologo: Iazia o que dixeu: levantarmehei. Entendeo a cahida, sentio a ruina, vio q̄ jazia no perigoso da torpeza; & por isso exclama: levantarmehei. E nouro lugar diz o mesmo Chrysologo: Leuantouse da queda da alma, & do corpo; leuantouse do profundo do inferno, chegando às alturas do Ceo. O estarem de longe estes leprosos, era o estarem reconhecidos de sua miseria; & o estarem reconhecidos della, era o leuantarem se, & irem se ao pae, & medico de seus achaques. E leuantaram a voz, porque o affecto, com que procurauam seu remedio, lha fazia esforçar, posto que nos leprosos costuma ser esta voz delgada, & fra-

ca. Leuantaram a voz, não tanto exterior da garganta, como interior do desejo, que no coração se forma; & he a que mais a Deos obriga. Porque he Deos dos espiritos o Senhor, & só ^{Ioan. 4. n.} ouue aos que adoram em espirito, & ^{24.} verdade. Donde diz o Propheta: ^{Is. 9. n. 37.} Ouio o Senhor o desejo dos pobres, & a preparação de seu coração, ou o temor (como se pode ler) do coração delles: aquelle temor do Senhor, que he principio da sapiencia, pollo que se vem à verdadeira penitencia. Santissimo he o adorar, & orar com vozes exteriores approuadas polla Igreja: mayormente em communidade, & nos clamores, & deprecações publicas: porem ha de ser espirito, o que lhe ha de dar o ser, & o valor.

12 Os q̄ oram cõ altis, & estrondosas vozes de fóra, se outra tãta grãdeza de deuoto affecto de dentro; mostrã orar a Deos surdos, como os sacerdotes de Baal, aos quaes o Santo Elias ^{3. Reg. 13. n. 27.} escarnecia dizendo, que gritassem cõ mayor voz. Aquelle oraua tãto forte como legitimamente, que posto no ventre da Balea, onde a voz corporal ^{Ion. 1. n. 5.} não se podia formar grande, dizia: clamei de minha tribulação ao Senhor, & ouuiome. E aquella afflicta ^{1. Reg. 13. n. 13.} matrona Anna, q̄ no tẽplo de tal modo oraua, que sos os beiços se viam mouer. E esses ainda, porque a demasiada afflicção fazia saltar a oração do peito à boca. Tal vez se vai a voz apos o affecto, & entã he licito leuantalla, como fizeram estes leprosos, valentes oradores de seu remedio. E leuantaram a voz todos juntos, para fazerem mayor aballo nas entranhas do Senhor, porque o clamor de muitos costuma mouer mais a compaixão, & fazer mayor ruido. Assi como as aguas juntas se ouuem de mais longe, & fazem mais ruido nas orelhas, que as percebem. Pollo qual muitas vezes no Apocalypse se introduzem ^{Apocal. n. 15} comparações de vozes a muitas aguas. E ^{Ps. 92. n. 4.} no Psalmo se diz: leuantaram os rios suas

Aug. Tract. 12. in Ioan.

Luc. 15. n. 28.

Chrysol. ser. 2.

Id. ser. 3.

Ma
n. 12

Ad.

Tit. in

4. Reg.

Apocal. n. 15
Ps. 92. n. 4

suas vozes, & leuãtarã suas ondas, pol-
las vozes das muitas aguas. Assim estes
dez rios abriram as bocas, & todos
juntos requereram seu remedio, como
atroando, & fazêdo ruido, para que
o Senhor os ouuisse. Nem ha duui-
da, que a oraçaõ de muitos congrega-
dos em charidade, he tanto pollo tão
mais poderosa para com Deos, que a
que se faz pollos particulares. Onde
naceo o santissimo costume das ora-
çcões publicas da Egreja, & o religio-
sissimo modo de orar juntos no Coro,
& nos outros lugares deputados para
a oraçaõ de muitos juntos, & congre-
gados, no meyo dos quaes promete
estar o mesmo Senhor, em cujo nome
se ajuntam. Hũa mesma era a causa
de todos, por isso todos juntos leuan-
taua suas vozes, & poi ventura suas
maõs, ou prostrados por terra, como
de outro leproso lemos que prostrado
por terra pedio ao Senhor que o alim-
passe.

13 E a petiçaõ q̄ fizerã, foi: Mestre
Iesus, hauei misericordia de nõs. Bem
acertadamente allegauam o imperio-
so nome de Iesus, pois que debaixo do
Ceo não se concedeo outro nome
aos homẽs, em que conuenha serem
saluos. Ia podiam ter confiança, que
posto que de longe orauam, teriam no
meio de si ao medico de suas enfer-
midades, pois se ajuntauã em seu nome
santissimo de Iesus, & o allegauam pa-
ra o despacho de sua petiçaõ. E na al-
legaçaõ do nome do Salvador Iesus se
ganharam, segundo Tito Bostrense.
Pollo mesmo caso que acodem ao Sal-
uador (que isso significa Iesus) podẽ
esperar saude, aqual se alonga muito
dos que não acodem a esse Salvador
em seus apertos, & necessidades; se
não ao Deos de Accaron, como a
defallimada mulher de Ieroboã pol-
la saude do filho, aqual não podia dar
aquelle Deos; que nem vida tinha,
quanto mais saude. E como dará al-
guem aquillo que não tem? O Salua-
dor Iesus, he o que tem a saude, & que

se chega, & faz perto a aquelles que
em verdade de fé o inuocam. E no
que acrecentaram no nome de Me-
stre, he verdade, que firuiram ao cõ-
mum termo de falar daquelle tẽpo,
que por honrar aquelle maravilhoso
obrador de tantas, & tão prodigiosas
coufas, lhe chamaua todos Mestre;
atẽos mesmos Mestres, & Doutores
da lei. Porem tambem não carece
de mysterio, que sendo muitos os ter-
mos, & vocabulos, com que lho cha-
maua; com tudo estes leprosos o fi-
zeram per termo, que (como o ad-
uertio Theophilo) mais propriamen-
te significa mandador, ou imperante.
Em o que segundo o mesmo Theo-
philo mostraua confessar sua diuin-
dade, & que como verdadeiro Deos
podia mandar, & ser feito sem dila-
çaõ, o que elle mandasse. E nisto con-
cordou bem seu pensamento com o
outro leproso, que hauia allegado
ao Senhor o mesmo poder dizendo:
Senhor, se quereis, bem me podeis
alimpar. Porem estes andaram ainda
mais discretos, & mais agudos, porq̄
ajuntaram o poder ao nome de Iesus,
& pollo mesmo caso que diziam Ie-
sus, o nomeauam mandador, ou im-
perante; como vinculando o titulo
ao poder, & segurando o effeito do
poder na allegaçã do titulo. E pro-
fessandose juntamente verdadeiros
penitentes; porque os que nelle reco-
nheciam a virtude do mandar, ja se
obligauam a obedecerlhe de bóamẽ-
te, & a sogeitar-se ao que seu Senhor,
& medico lhes ordenasse.

14 Nem diz cada hum de per si, &
por si. Hauei misericordia de mi; se
não de nõs, para mostrarem que pro-
cediam em charidade, & que nenhũ
trattaua do seu particular, mas todos
do commum. Porque a charidade,
diz o Apostolo S. Paulo, que não
tratta do seu, se não do de Iesus Chri-
sto. E muitas pretensões perdem pera
com Deos, sua valia, porque (como
diz o mesmo Apostolo) todos procu-
ram

Math. 8.
v. 12.

Act. 4. v. 12.

Titin Cat.

4. Reg. 17. v. 16

Theoph.
Cat.

Math. ubi.
sup.

Stell. hic.

1. Cor 13. v. 5.

ram os seus particulares, não o que he de Iesus Christo: todos, aquillo que para o seu particular lhes conuem, não o que para o bem commum importa. Estes alcançaram facilmente despacho de sua petição, porque cada hum trattava de todos, sem tratar algum do seu particular procuravam todos polla cõmunidade, & cõmum remedio. E assi ficava cada hũ remediado, & provido. Segundo aquillo de Santiago: Orai huns pollos outros, para que sejais saluos. Nem se cançaram em fazer grandes arengas de oração, mas em quatro palauras a concluiram; porque o vsar com Deos de muitas palauras, he fazello desentendido, segundo aquillo que o Senhor Iesus Christo diz no Euangelho: Quando orardes, não tratteis de falar muito, como fazem os gentios: porque vosso Pae celestial sabe o que lhe pedis. O qual se entende da oração vocal, que a mental bem he que seja comprida, & larga, para trattar com Deos mui deuarar seus negociõs, sem estrodo de muitas palauras, que mais embaraçam ao espirito, do que aproueitam a alma. Não tem o verdadeiro Deos necessidade de relaçoens, mas de affectos; & a estes sõmente pede, sobejandolhe aquellas. Acerca do qual, diz S. Ieronimo: Não somos narradores, mas oradores; porque não narramos a quem ignora, mas rogamos a quem sabe. E S. Agostinho diz, q̃ quando a Deos rogamos hauemos mister piedade, não verbosidade; porque huã cousa he o falar largo, & outra o cõmprido affecto. Porque este negocio, mais se faz com gemidos, que com palauras; mais com chorar, que com falar. Donde o Doutor Seraphico diz, que estes leprosos se houueram como mui discretos pertencentes para o despacho de sua petição com o Rei soberano. Porque primeiramente se mostraram religiosissimos na postura, & gesto, porque com humildade falaram de longe, respeitando

do a magestade, com quem requeriam. Secundariamente se mostraram deuotissimos no prologo, & louuor com que entraram allegando a vozes o nome excellētissimo de Iesus, que he o principio da humana faude. Terceiramente se mostraram prudentissimos na proposta, & petição, manifestando a propria falta que padeciã, & procurando confiadamente o remedio.

LIÇÃO III.

Do despacho dos Leprosos.

15 **O** Vuida a petição dos leprosos se refere em terceiro lugar o despacho della; pollo qual se segue em o texto. *Aos quaes como vio dixit: Ide, mostrauos aos sacerdotes. E aconteceo que em quanto hiam, foram limpos.* Todo o ruido da petição hauia sido de vozes, com que grãdemente gritaram por misericordia: & pertencendo estas ao tribunal das orelhas, lhes veyo a sahir o despacho no tribunal dos olhos. Não diz, q̃ tanto que os ouuio, gritando elles tanto; se não tanto que os vio estando elles tão longe. Quiz o clementissimo Iesus, que ficassem os leprosos deuedores a seus olhos, para credito de sua compaixão; porque a vista costuma ser mais o tribunal della, que o ouuir. Porque não moue tanto o que se ouue referir, como o que se vé representar; segundo aquillo de S. Bernardo: O que o olho não vé, o coração não doe. O ouuir as queixas, & os gemidos do pobre, acção he de justiça, cõforme a aquillo que o Rei santo canta: Ouuiu o Senhor o desejo do pobre, & a preparação (ou apertõ) do coração delles ouuiu vossa orelha. Mas o ver de mui longe a infirmitade, & a necessidade, he acção de misericordia. Porque a compaixão, & charidade he oculo de longe, que faz ver como a necessidade do que padece; segundo aquillo do mesmo Propheta: Ouhou o Senhor desde o Ceo, & vio a todos

Iac. 5. n. 16.

Matth. 6. n. 5.

Hieron. apud Land. 1. p. c. 36. Aug. apud eund. lib. 2. de ser. Dom. in mont. c. 7.

Bon. ser. 4.

Tex.

Ber. ser. 2. de omnib. sctis

Ps. 9. v. 16.

Ps. 12. v. 7.

dos os filhos dos homẽs. De sua morada preparada (& armada sempre de figuras, & lanços de misericordia) olhou sobre todos os que moram na terra (porque todos necessi taõ de remedio.) vio os para tirar da morte suas almas, & para os sustentarem em sua fome. Aos olhos do diuino esposo gabou a esposa, naõ as orelhas: olhos de pomba, daquella pomba, de que tomou a figura o Espirito Santo. Porque o Espirito Santo he amor, & he dom da vontade; & os olhos de pomba, saõ olhos de charidade, que influem beneficios, & naõ descobrem faltas, como os olhos de homem. Porque da pomba se diz que quando come, naõ esgarauata, & só apanha o que ve simplesmente.

Cant. 5. n. 12.

Job. 40. n. 4.

16 O Santo Job estranhaua em Deos, que para attentar por suas culpas, tiuesse olhos de homem, & naõ de pomba. Por ventura tendes vos olhos de carne, ou vedes como vem os homens, para andar buscando minha maldade, & esgrauatando meu peccado? Taes deuem ser os olhos do prelado para com o subdito, & do grande, para com o pequeno; por mais que se vejam no Ceo alto da dignidade, & no leuantado da temporal felicidade. Naõ só deue ouuir de longe per administraçaõ de justiça, mas ver de perto per compaixaõ de misericordia. Estas saõ as entranhas de misericordia, que o Apostolo manda vestir, para com os proximos; as quaes saõ talhadas daquella mesma peça das entranhas daquelle Senhor, que pollo mysterio da Encarnaçaõ poz no genero humano seus olhos diuinos. De quem diz o Cantico de Zacharias: Pollas entranhas da misericordia de nosso Deos, nas quaes nos visitou, o que nace do alto. O qual tudo he em significaçãõ do abalo dessas entranhas, que polla vista he mais certo: assi como para significaçãõ da ira desse mesmo Senhor, se vya da metaphora de negar sua vista, & de

Luc. 11. n. 28.

apartar seus olhos. Donde diz por Isaias: Quando leuantardes vossas maõs, apartarei de vós meus olhos. Como que saõ elles taõ benignos, que naõ se atreue Deos a fiarse delles em seus rigores; porque se no meyo delles puzer seus olhos na miseria, & fraqueza humana, lhe haõ de abalar as entranhas, que saõ em fim de misericordia seus interiores, se saõ seus exteriores de justiça. Por isso a misericordia chama entranhas, & a justiça chama escudo, armas que só andam no exterior, & que facilmente se de-poem, & tiram do braço. Pouco tem desta diuidade dos olhos, aquelles Deoses da terra, cujos olhos saõ taõ humanos, ou taõ deshumanos, que feruem com sua mã catadura de instrumentos de morte, de uendo ser instrumentos de vida. Algũs dizem que o sinal que Deos poz em Cain de precito, foi que mattaua, ou pollo me-nos fazia mal com a vista. Como ef-creuendolhe na catadura a sentença da condenaçaõ, a aquelle, que taõ cruel para com o irmão hauia sido. Cains saõ dos irmãos alguns ainda hoje com olhos de basilisco, naõ esposos da Igreja com olhos de pomba.

Isai. 1. n. 15.

Sap. 5. n. 20.

Gen. 4. n. 15.

Gom. Hen-riq. Traç. de

Samuel. c. 1.

v. 3.

17 Vendo pois assi a clemencia do Senhor a necessidade dos leprosos, mandouos, que fossen, & se mostrassem aos sacerdotes. He de notar o differente termo, com que farou a estes dez leprosos, do com que hauia farado a aquelle só ao pé do monte. Porque a aquelle estendeo a maõ, & com ella o tocou physicamente, & dizendo que queria, mandou que fosse limpo. A estes, nem os tocou, nem chegou a elles, nem dixepalaura acerca de sua saude; mas somente os mandou aos sacerdotes. A aquelle alimpou logo alli, & ficou saõ de todo: a estes naõ farou logo, se naõ indo elles para se mostrarem aos Sacerdotes, foram limpos. A aquelle mandou que offerecesse o sacrificio, & testemunho delles: a estes naõ fez mençaõ do sacrificio.

Matth. 8.

n. 3.

Hh cio:

Leuit. 14. n. 4

cio. Porem supoz que huã vez, que se presentassem aos Sacerdotes hauia de ser, segundo a lei como o sacrificio dos dous passaros, hum viuo, & outro largado liure tinto no sangue do morto. E tambem porque huã vez que os leprosos la se presentassem limpos, os Sacerdotes teriam cuidado de os não declarar por taes, em quanto elles não satisfizessem com o sacrificio obrigatorio; & puxariam por elle por não ficarem sem o interesse, que dahi lhes resultaua. A razã pois de serem no primeiro leproso mais expressos os contactos, & mais materiaes, & sensiuéis as acçoês; foi porque como era mais no principio da pregaçã, importaua fazer mais expressos, & circumstancionados os milagres, como feitos ainda a gente rude, & grosseira. Porem depois que a gente andaua mais instruida & corrente nelles; importaua ir leuantando mais de ponto a Fè, & ir escusando tocamentos materiaes dos sentidos grosseiros, por requintar a Fè na delicadeza espiritual. Não os alimpar logo, como fez ao outro, mas mandallos primeiro por ao caminho, para se mostrarem aos Sacerdotes: foi querer experimentar sua fé. Porque a terem elles essa fé fraca, puderam vacillar na acçã, & dizer murmurando huns com os outros, como lemos que consigo murmuraua o outro leproso Naaman. O qual vendo, que o Propheta Eliseo o mandaua lavar sette vezes no Iordaõ, & o não saria logo, dizia: eu cuidaua que falaria elle para mi, & posto alli inuocaria o nome de seu Deos, & tocaria com sua mãõ o lugar da lepra, & me curaria. Por ventura não são melhores as aguas do Abana, & do Pharphar, rios de Damasco, que todas as aguas de Israel?

4. Reg. 5. n. 11

18 Assi poderiam dizer estes leprosos entre si (& mais sendo gente junta, onde a murmuraçã he mais prompta) Não pudera este Senhor estender

sua mãõ para nós, & dizernos que ficassem limpos, & entã mandarnos muito embora a desobrigar com os Sacerdotes: se não, que sem nos curar nos remette a elles? Por ventura não tem elle mais poder, que os nossos Sacerdotes, que não tem mais alçada, que para nos julgar por desterrados do pouoadõ? Que nos haõ de fazer os nossos Sacerdotes, que não sabem nisto mais que levar as offeras, se fomos limpos; mas indo com a mesma lepra, que vamos la a fazer? Mas estes leprosos indo com fé viua, & obediente, nada disto dixeram, & nada duuidaram, fiados na palavra, & clemencia do Senhor, a quem tinham humildes, & cõstãtes inuocado. Mandou os pois o Senhor aos Sacerdotes (alem das razoês apontadas no capitulo onze da primeira parte na cura do primeiro leproso) por ensinar, que não basta para alcançar saude a fé sómente, & o crer que ha Deos, & que pode sarar; porque, como diz *Sant* *Iacob. 2. n. 19.* tyago: os demonios o crem, & estremecem. Mas que he necessario acompanhar essa fé com obras direitas, & reguladas por Christo, ou por quem seu lugar tem na terra, qual he o Pontifice Romano em todo o vniuerso, & os particulares prelados em as Congregaçoês particulares. Obedecerã, & obedecendo obraram, & obrando fizeram frutuosa, & vtil a fé, que sem obras he morta. Pouco lhes importaram crer, se não fizeram crendo, o que mandaua aquellea quem criam, & que aos seus diz: *Ioan. 15. n. 14.* Vos fereis amigos meus, se fizerdes o que vos eu mando: & não só se credes o que vos eu digo. E o que guarda meus mandamentos, esse he o que me ama, & não o que sómente crer o que digo. Leproso ficaras como dantes, & desterrado da pouoaçã angelica, tu, que jaçtancioso da fé do medico diuino, te deixas estar priguioso sem fazer o que elle te manda, para tua saude. Que importa ao ensino ter grande cre-

Gen. 22. Olanf.

Ioan. 2. n.

credito do medico, & louvar muito as admiraveis curas que faz em outros, se elle não quizer fazer, o que lhe ordena esse medico?

19 Estes leprosos fizeram bom negocio, porque obedientes fizeram, & promptos obraram o que lhes ordenaram o medico celestial, a que se recorreram. Fizeram tão bom negocio, porque a obediencia he moeda, que corre em toda a parte, nem ha acção alguã, em que a obediencia não seja de proveito; ella val por tudo, & sendo huã causa só, suppoem por todas as cousas. Quando Deos quiz encarecer a Abraham a obra que fizera em arremeter a sacrificar o filho, nem lhe chamou sacrificio, sendo tão sagrado o titulo; nem lhe chamou valor, nem fortaleza, nem fé, nem parece, que conforme a advertencia de Oleastro, que achou nome algum digno daquella obra. Sòmente lhe chamou cousa, dizendo: Porque fizeste esta cousa; com o se só aquella obra fora huã cousa transcendente, que em toda a obra val, & a toda a obra dà valor; porque era obra de obediencia. A obediencia, com que os leprosos foram onde o Senhor os mandava, parece que estava necessitado a lhes dar a desejada saude. Por isso diz que indo (a fazer o que lhes mandava) foram limpos. Não aguardou que acabassem de ir, se não que em obedecendo elles, ficou necessitado para os alimpar, & remediar. Traça foi q̄ ja parece q̄ vsou a Virgem Mae do mesmo Senhor, quando vêdo se nas vodas de Canã, no aperto da falta do vinho; & que o filho mostrava em sua primeira resposta não querer por então fazer milagre; ella com tudo isso advertio aos ministros, que fizessem obedientes tudo quanto seu filho lhes mandasse. Como que com aquella obediencia, o empenhasse a elle a fazer o milagre, & a codir a aquella falta. He como se entendesse a prudentissima Senhora, que era em certo modo

mais poderosa com seu filho, a obediencia prompta, que a intercessão materna. O que parece que confirma S. Chrysostomo, em quanto diz q̄ Christo se empenhou no milagre, depois da primeira resposta, por quanto a Mae tinha ja mettido nisso aos ministros, & não quiz o filho que ella padecesse afronta para com elles.

20 Moralmente falando, por estas duas sortes de cura da lepra, se entendem duas castas, que ha de penitencia; em quanto aquelle só leproso foi limpo logo antes de ser mandado aos sacerdotes, & os dez não o foram, senão indo a elles. Conuem a saber que hús penitentes ha que são limpos do peccado polla contrição, a qual ainda antes do Sacramento, he bastante para que a culpa se perdoe, & se infunda a graça justificante. Se bem sempre depois he necessario sacramento, quando o preceito delle obriga: & por isso aquelle leproso posto que ja limpo, foi mandado aos Sacerdotes. Outros são limpos polla attrição com o Sacramento, sem o qual ella não basta, porem basta com esse Sacramento, que supre o defeito da disposição propria, & justifica ao peccador. Por isso mandou estes aos Sacerdotes, primeiro que os a limpasse, & não foram limpos ate irem. E se a estes aconteceu; que indo foram limpos antes de chegarem aos Sacerdotes, he porque muitas vezes acontece que indo o penitente para a confissão sòmente attritto; depois cuidando melhor em seus peccados, & na bondade diuina, ajudado o Espirito Santo; ou tambem começando ja a referillos ao Confessor, he ch'yo do espirito de contrição, & pollos actos della he limpo, recebe a graça antes da Sacramental, que polla absoluição dalli apouco se lhe acrescenta. Mas assi como aquelle leproso limpo em continente foi hum só, & os outros foram dez: assi são mui poucos, & rara vez acontece que o peccador (maiormente em occasião de

Chrysost.
hom. 21. in
Ivan.

Gen. 22. n. 16
Olas. ibid.

Ivan. 2. n. 5.

aperto, & perigo repentino) forme esse acto de contrição bastante a limpar a lepra da culpa sem o Sacramento. Mas commumente se faz essa justificação pollo Sacramento da penitencia, com a disposição da attrição; o qual he significado no numero de dez, que he numero de communidade. E muitas vezes acontece que attenda Deos a conceder esta graça de contrição polla obediencia, sujeição, & bõa vontade de chegar ao Sacramento, segundo aquillo do Propheta: Dixe, confessarei contra mi minha culpa ao Senhor, & vós me perdoastes a maldade de meu peccado.

Ps. 31. n. 6.

LITANIA IV.

Do lanço do Leproso Samaritano.

21 **D** Espachados assi os leprosos, se conta em quarto lugar o lanço, que hum delles teve com Christo; pollo qual se segue em o texto. *E hum delles vendo que fora alimpado tornou se, magnificando a Deos com grande voz, & debruçou se sobre sua face ante os pes delle, dandolhe as graças. E este era Samaritano.* Caminhãdo hiam os dez, cheyos de fé, & por ventura falando da bondade, & benignidade de Christo, da fidalguia de sua condição, & da facilidade de seu bem fazer. Mas que bem podia faltar a aquelles que hiam falando de Deos, & tratando de sua condição, & beneficios? De improviso se achou cada hum delles liure do mal que padecia, & olhando huns para os outros se viram todos marauilhosamente limpos. Mui possivel seria, que vendose assi limpos, conferissem entre si o que deuiam fazer: & do texto consta que hum delles que era Samaritano, se resolveo em tornar atraz, & vir a dar as graças a seu medico. Por ventura que os outros como eram Iudeos, & naturalmente oppostos aos Samaritanos, vèdose ja limpos não quereriam seguir o voto do Samaritano, mas seriam de

Txx.

parecer que se fossem direitos aos Sacerdotes. Para isso tinhã por si o preceito de Christo, & a pontualidade na obseruancia das ceremonias da lei, das quaes tinham por desprezadores aos Samaritanos. E ja pode ser que folgassem com a occasião da faude, & diuersidade de pareceres a cerca della, para se separarem do Samaritano, com quem sô se juntavam em quanto padecedores do mesmo mal, & necessitados de remedio. Que assi ha muitos que no tempo da infirmitade, necessidade, & perseguição se juntam, & trauam amizade com os semelhantes: porem como se vem liures do trabalho, & postos em prosperidade, buscam achaques, & meyos para se apartarem dos que na aduersidade lhes faziam companhia, & poem todo o cuidado em se desfazerem delles, & ficam se sôs cõ os de sua conueniencia. Quando leprosos não achauam incõueniente em conuersarem juntos com o Samaritano. Logo que foram saõs, achariam que era contra a religião conuersar com elle.

22 O certo he que o Samaritano leuado da força do agradecimento os deixou seguir sua opiniaõ, & seu caminho, & se tornou a Christo. E declara o Euangelista ser este que tornou, Samaritano; por quanto o Senhor depois lhe chamou estrangeiro a respeito dos noue que não tornarã a darlhe as graças. E diz que magnificaua, ou engradecia a Deos com grande, & alta voz: porque o affecto grande, & espirito de agradecimento lhe não cabia no peito, & rompia em vozes altas, com que desejava que todos soubessem, como Deos era bem feitor, & como elle era agradecido. Segundo aquillo do Psalmo: Vinde, ouui, & contarei a todos os que temeis a Deos, quãõ grandes cousas fez a minha alma: a elle clamei com minha boca, & engrandeci com minha lingua. E noutro Psalmo: Cantarei ao Senhor, que me deu os bens, & festejarei

Ps. 115. n. 17

Ps. 115. n. 17

stejarei ao nome do Senhor Altissimo. Donde como mestre dos affectos do agradecimento, dizia o Anjo aos Tobias: Bemdizei ao Senhor, & diante de todos os viuentes, por que fez com vosco sua misericordia. Bem ensinou este discreto Samaritano a correspondencia que hauia de haueer entre a petição, & fazimento de graças, porque se a petição foi com voz alta, com que junto com os outros noue pediu remedio; tambem a voz com que deu as graças, se diz que foi alta, & grande. Algũs ha que para a petição, & pretenção tem fortes peitos, & alta voz. Como os Hebreos quando fizeram vir a Arca ao arrayal, para lhes dar vencimento contra os Philisteos. Mas para a gratificação são roucos, & de vozes fracas: Moises, & Aaron eram ambos irmãos, hũ tinha a voz muito delgada, & fraca; o outro clara, & forte; assi ha muitos, que para pedirem, & pretenderem são Aaiões. Mas para a gratificação, são Moises na voz. Aquelles tinham verdadeiro espirito de agradecimento, que no Apocalypse diziam a vozes altas, & engrandeciam ao Cordeiro, dandolhe graças pollos grandes beneficios, que de seus merecimentos reconheciam. Com esses entoaua este leproso, magnificando a Deos: no qual algũs aualiam a si a fé por excelente, porque ao mesmo Christo homem reconhecia elle por Deos, pois engrandecia ao Deos, que lhe dera a saude. Se bem he facil de explicar, que elle magnificaua ao Deos, que entãõ conhecia explicitamente, que era hũ só Deos; assi como no Cantico diz a Virgem Senhora: Magnifica, ou engrandece minha alma ao Senhor.

23 E acrecentase, que o leproso se lançou por terra sobre sua face prostrandose ante os pés de Christo, para lhe dar as graças; por declarar sua humildade, & affecto de agradecimento reuerente. Lanço foi de agradecimento a humiliação, porque como diz

Philo, o animo agradecido he alheyo de arrogancia, como proprio ser arrogante o ingrato. Nem ha acção tão propria do affecto do agradecimento, como a reuerencia, & demonstração de fogueição, & humilhação; como o que se reconhece obrigado pollo beneficio se fogeita, & rēde ao bemfeitor. E porque a cabeça, & cara he o principal, que entre as cousas sensiuéis o homem pode offerer: por isso se diz que se lançou sobre seu rostro. E tambem, porque pollo rostro (segundo S. Gregorio) he cada hum conhecido: o offercelo aos pés do bemfeitor, he protestar que quer ser conhecido por fogeito, & obrigado ao que lhe fez bem. E segundo o Bostrense, ganhou o leproso confiança de chegar aos pés do Senhor, pollo merce da saude, que ja delle tinha recebido. Porque o recebimento do beneficio não ha duuida, que dá confiança ao beneficiado, para se chegar, & familiarizar com seu bēfeitor. Essa foi a causa que apontou o Mestre Lyra, para que Moises da segunda vez que subio ao monte, pediu maiores fauores a Deos, que da primeira. Porque como da segunda vez procedia, como quem tinha recebido o perdaõ para o pouo, andaua ja confiado, & familiarmente falaua cõ seu Senhor benigno. Muitos ha que ao pretender pedem de perto, prostramse, & abraçamse com os pés; mas ao agradecer falam de longe. Este discreto leproso ao pretender humilde, & reuerente, pediu de longe; mas o agradecer foi de perto: entãõ se lançou aos pés de Christo, entãõ chegou confiado como agradecido. Porque o mesmo agradecimento dá confiança, & gera familiaridade; como a ingratitude faz desconfiar, & afastar do acredor do beneficio.

24 E lançado assi por terra em postura de reuerente, daua graças ao medico soberano. Este era o effeito do reconhecimēto do beneficio, romper

Tob. 12. r. 6.

1 Reg. 1. n. 5.
Exod. 4 n. 10

Apoc. 5 n. 11.

Maldon. hic.

Luc. 3. n. 46.

Phil. lib. de
Charitat.

Greg. hom. 3.
in Ezech.

Tit. in Car.

Exod. 33. n. 19
Lyr. ibid.

Psf. 39. n. 3.

Aug. Ibid.

Senec. 1. de
benef. c. 3.

Marc. 7. n. 37

Phil. lib. de
Plant. Noe.

Psf. 18 n. 1.

em louvores do bemfeitor. Ouvi meus rogos (diz o Rei Santo) & tirou-me do lago da miseria, & do lodo da immundicia. E logo se segue: E metto em minha boca hum nouo cantico, verso composto ao Senhor. Para que logo, segundo S. Agostinho, pudesse dar graças a Deos pollos recebidos beneficios, a mesma mão com que Deos faz o beneficio solta a lingua, desata a voz, forma palauras, compoem versos, ensina letras, faz o compasso para se cantarem ao bemfeitor soberano. O ingrato diz Seneca, que he, ou suspeito de ingratidão, ou que differe o agradecimento, podendo affectuosamente pronunciallo logo. Porem não se declara que forma de palauras foram as com que este leproso daua ao Senhor graças, como noutro lugar se exprime, que diziam outros: Bem fez todas as cousas, fez aos surdos ouuir, & fallar aos mudos. Mas nem importa o declarallo, porque o affecto lhas ensinaria, & o espirito de agradecimento lhas infundiria na forma sobreditta. Quanto mais que a mesma postura, o mesmo reconhecimento, a mesma cõfissão de hauer ficado limpo, eram vozes mais proprias, & expressiuas viuamente das graças, que pretendia. Porque de sentença de Philo, a mesma narração das obras de Deos, he louuor sufficientissimo. Por ventura que estaua o Rabino com o pensamento no que David cantaua: Os Ceos narram a gloria de Deos, & o firmamento relata as obras de suas mãos; que he o mesmo que dizer, que o mesmo seu movimento, claridade, & influxos dos Ceos, commudas vozes per bocas de Planetas, & linguas de estrellas estão de noite, & de dia dando graças ao Senhor, que para gloria sua os separou do inculto das aguas, do escuro das trevas, & do baixo dos elementos, & do caduco dos mistos; & os fez tão limpos, tão illustres, tão altos, & tão perpetuos. Acerca do qual diz o so-

bredito Philo: Toda a virtude he santa, o agradecimento he santissimo; ^{Phil. paulo sup.} o qual não daõ a Deos legitimamente aquelles que cuidam que elle se satisfaz com edificios, doës, & sacrificio; sendo que nem o mundo todo bastara por templo para sua honra. Mais acertado he honralo com louvores, hymnos, não cantados com voz sonora, & entoada; mas modulados no animo puro, a quem Deos só attenta.

25. Sacrificio de louuor ensinou o Propheta, que era só o que Deos estimaua, não carnes de touros, nem sangues de cabritos, nem as elegantes pinturas das aues, nem as galantes diuersidades das flores, & boninas do campo; porque tudo com elle, & nelle, & delle era. E chamase sacrificio o louuor do agradecimento, porque assi como para o sacrificio, não só da lei noua, onde he necessaria polla materia delle a sũma pureza; mas ainda na lei antiga era necessaria a limpeza, & precedia expiações: assi para o agradecimento ser legitimo, ha de proceder de hũ coração humilde, & de huã cõciencia pura. A huã magestade humana o respeitaua assi Ennodio dizendo: ^{Ennod in paneg. ad Theodorica.} Do sacrario do peito limpo deue proceder o principal louuor, nem só a elegancia da lingua requere a celebração de vossa magestade: a consciencia he a que se ha de adornar. Pois se este nos limites da moral virtude, entendeo, que para louuar huã magestade humana, & terrena, se requeria hum peito puro, & huã consciencia ornada: que deue entender a virtude religiosa, que he necessario de limpeza; & ornato da alma, para louuar a magestade diuina, & soberana? Não leproso, & immundo, mas saõ, & limpo deues chegar na oração a teu Senhor, & offercerlhe o sacrificio de louuor, & graças, no Altar de tua alma composto, & adornado como para tão excellente sacrificio. Mas nem sempre he obrigação que seja prostrado corporalment-

te,

te, nem humilhado de face, & geolhos; senão que lhe contentam o sacrificio na postura, que o espirito o ministra, a deuoção o dicta, & a Igreja o ordena. Donde vemos que nas orações publicas, tem a Igreja assina- dos diuersos modos de postura no orar, hora de geolhos, hora inclinada a cabeça, hora em pé direitos. E na ora- ção dos particulares vemos outros di- uersos modos, que o espirito ensina a- lem dos sobre dittos, hora em cruz estendidos, hora cruzados os braços, hora lançados por terra, hora prega- dos os olhos no Ceo.

Land. cit.
19.

26 Sobre o qual diz Landulpho: Algũas vezes (a exemplo deste) ora- mos prostrados por terra, em o que pretendemos quatro cousas. Baixeza do corpo, porque fomos feitos de pò da terra: fraqueza do animo, porque tendo de nós o cahir, não temos se não de Deos o levantar: vergonha dos males, porque polla multidão dos pec- cados não ousamos levantar ao Ceo os olhos: prudencia, porque vemos onde cahimos, que he nas terrenas affeições. Algũas vezes oramos de geolhos, como Salamam, mas direi- ta a cabeça, & levantada a face, como dizendo pollas saudades da patria: Leuame a poz vòs. Algũas vezes tambem oramos estando em pé, dan- do a entender, que temos nossa espe- rança em as cousas celestiaes. E como dizendo: Nossa conuersação he no Ceo. E tambem aquillo: Alegrei- me no que me dixeram: Iremos á casa do Senhor. No primeiro pois declaramos nossa condição, no segun- do nosso desejo, no terceiro nossa es- perança. O de cima he do Carthusia- no. De todos os quaes modos de orar, se acham facilmente exemplos na Es- crittura: como tambem se acham de orar assentado. O qual modo vemos vsar, ou permittirse nos lugares com- muns da oração mental entre religio- sos mui perfeitos, & em communi- dades mui bem instituidas nas cousas

1. Par. 6.
23.

Philip. 3.
10. Ps. 121
24.

de espirito, & acções religiosas. Por- que a fraqueza humana com os mes- mos alliuos, que parece tomar, está confessando, & protestado sua impo- tencia. E facil he ao Varam spiritu- al meditalla, & humilhando se ao Cre- ador, formar actos de reconhecimen- to da propria fraqueza, & merecer muito nesse mesmo fraco alliuio, q̄ para poder aturar a oração, se lhe per- mitte. Moises orou assentado na pe- dra de Oreb: mas era de cançado, por- q̄ importaua aturar a oração em quan- to duraua a batalha contra os Amale- citas. Este era o effeito da fraqueza: & o acto da humildade, nos propoem Ie- remias em seus Threnos dizendo, que os anciãos de Israel se sentaram na terra. Tambem se sabe de algum reli- gioso, que tinha particulare espirito de orar, & meditar passeando em algum lugar escuso, & recolhido. E não lhe faltaua exemplo no Santo Isaac, de quem se escreue que sahia á tarde a me- ditar no campo. E diz Ieronymo, que era exercicio quotidiano, que fa- zia todas as tardes.

Exod. 17. n. 6

Thren. 2.
n. 10.

Gen. 24. n.
63.
Ieron de qq.
Hebr in
Gen. 24.

27 Acrecentase finalmẽte, que este, que tornou a dar as graças era Sama- ritano; porque como o Euangelista hauia de referir que Christo lhe cha- maua estrangeiro, ou estranho, quiz deixar sabido que era de nação, & de religião Samaritano. Venturoso ha sido sempre este titulo de Samaritano no Euangelho, ja por symbolo de mi- sericordia auentejado aos Sacerdotes, & Leuitas: ja de agradecimento ne- ste lugar, superior aos noue Iudeos descuidados d'elle. O mesmo Senhor Iesus Christo não se deu por afronta- do de ser chamado Samaritano, na o- piniaõ commun de S. Gregorio; an- tes foi visto consentir nelle, não res- ppondendo que o não era, como fazia ao outro, que blasfemos lhe dauam. O qual não deue ser por outra cousa (como aponta o mesmo S. Gregorio) se não por sua significação, por quan- to Samaritano, quer dizer custodio,

Luc. 10. n. 33

Ioan. 8. n.
48.

Greg. hom.
18. in. Euãg.

ou

Esf. 39. n. 3.

n. 4.

n. 6.

Colof. 3. n. 17

ou guardador, ou pessoa que guarda: como Samaria quer dizer Cidade de guarda, ou de custodia, como a alma fica declarado. E sem duvida o agradecimento he a guarda de todas as virtudes, & a custodia do sacrificio da oração, conforme aquillo de S. Paulo: Vossas orações se apresentam a Deos com acção de graças. E noutro lugar: Tudo quanto fizerdes na palavra, ou na obra, tudo fazei em nome de nosso Senhor Iesus Christo, dando graças a Deos Padre por elle. O agradecido he hū espelho, a quem se enfeita, & gloria o bemfeitor; porque assi como o espelho pollo terso de seu corpo, em que recebe o beneficio do rayo do corpo luminoso, o torna outra vez em continente a esse mesmo, de quem o recebeu: assi o agradecido tornando as graças do beneficio. Mas ainda mal, porque os que mais deuiam ser espelhos claros, & puros, para seu creador, & para seus proximos; andam tão escurecidos, que nem a Deos tornam o devido, nē aos homens contribuem com o esperado. Castigo he do pouo ameaçado por Isaias quando diz: Tirará o Senhor o ornamento, & enfeites; & declarando per si cada peça das joyas, brincos, & enxouaes, mette entre elles com muita razaõ os espelhos. Os quaes se faltaõ em sua pureza, não são de menos prejuizo ao pouo, que o escurecerse o ouro, que tambem chora Jeremias em seus Threnos com viuas lagrimas.

Isai. 3. n. 18.

E. 23.

Thren. 4. n. 1.

LIÇÃO V.

Do que sentio o Senhor dos leprosos.

28 **A** Vista do lanço, que o leproso agradecido teue; se conclue em ultimo lugar o que o Senhor sentio d'elle, & dos outros, que nelle hauiam faltado. Pollo qual se segue em o texto. Respondendo dixe: Não foram dez os alimpados? Pois os noue onde estão? Não se achou quem tornasse, & desse gloria a Deos, se não este

Text

estrangeiro? E dixelhe a elle: leuante-te, anda (ou vaite) que tua fé te fez saluo. Posto que o responder se toma muitas vezes na escriptura por falar absolutamente, & dizer o que se offerece: com tudo neste lugar bem se pode tomar por responder em termos. Conuem a saber que o Salvador responde à fé, à deuoção, & ao affecto, com que o agradecido Samaritano reconhecia, & regaçava o recebido beneficio. Porque aos agradecidos responde a diuina benignidade, por mais alta, & separada que seja. Sacrificio offereceo Noe em saindo da Arca, sacrificio foi de agradecimento segundo S. Chrysostomo, pollo hauer liure, & aos seus, & a todo o vniuerso do geral diluio. E logo aquella diuina magestade do Altissimo se humanou tanto com elle, que se introduz como alienado de si mesmo com o fumo daquelle sacrificio. E como respondendo ao agradecido patriarcha, lhe fez outras maiores merces, que elle não cuidaua; quaes eram as de perpetua amizade com o genero humano; concertos; & promessas de que não mandaria outro diluio de agua. Onde diz o mesmo Chrysostomo, que aquelle sacrificio (por ser de gratificação) fez ao fumo de carnes de animaes mortos, parecer ao diuino olfacto, insenso suauissimo. E o dos ingratos, sendo de suauissimo insenso, o faz parecer de abominaueis corrupções; & como tal o engeita por Isaias, & lhes não responde a ingratos. Isai. 1. n. 11.

29 Assi tambem em seu tanto, se deixou obrigar do sacrificio deste, com ser Samartano, mas agradecido; reprehendendo os lououres, & gabos (que por ventura os outros noue lhe iriam consigo dando) que eram Iudeos, mas ingratos. Pollo qual diz: Não eram dez os que foram limpos? pois onde estão os noue? Nem perguntou onde os noue estauam por ignorar o lugar, & acções delles, se não

Gen. 8. n. 21.
Chrysof.
ibid.Plin. jun.
lib. 8.

Gen. hic.

Gen. 1. n. 9.

Rup. ibid.

Gloss. ibid.

Math. 25.

n. 11.

naõ conforme ao Doutor Seraphico, reprovando a ingratitude, & pouca cortezia delles. Assi como quando pollo paraíso perguntava onde estava o ingrato Adam: & que por ingrato, & mudo a tantos beneficios incorreo, segundo Ruperto, tamanhas desgraças. Dondo diz a Glossa, que pollos ingratos pergunta Deos, como por gente, que naõ conhece; & he gente desconhecida. E o naõ conhecer em Deos, he o mesmo que reprovar, como parece daquellas virgês tontas, a quem mandou dar com as portas na cara dizendo: Em verdade que vos naõ conheço. Tal foi o perguntar pollos nove, reprovando seu ruim termo, que depois que se viram remediados, & limpos nem tiueram boca para agradecer tendo dantes para gritar; nem pés para tornar a dar as graças do beneficio, tendo dantes para o andar esperando pollas estradas. Pollo qual diz o Senhor: Naõ se achou quem tornasse, & desse gloria a Deos, se naõ este estrangeiro? Naõ se achou outro, porque os outros nove como ingratos, ja naõ se achavam, antes se perdiam da approvaçaõ diuina. Sõ hum era achado, porque fora agradecido. Perdidos hiam da vista de Christo, os outros, porque foram ingratos.

30 Hum só foi achado agradecido, sendo nove os ingratos, porque sempre os ingratos saõ os mais no mundo. Anoueadado paga sempre a ingratitude em esquecimento, por isso saõ nove os ingratos, por hum só agradecido que foi achado. E este era estrangeiro, para condemnar ainda mais ingratitude dos naturaes: & estrangeiro Samaritano mal instruido na policia religiosa, em que os nove, que eram Iudeos, deuiam andar mais atilados. Porque (como bem dixeu Plinio o moço) tanto mais torpe he o deixar de agradecer, quanto mais honesta foi a causa de agradecer. Os que mais obrigaçaõ tinham de corresponder, foram

os que mais culpavelmente faltaram. Acerca do qual nota Landulpho, que aquelles que deuiam ser mais agradecidos, & mais familiares a Deos, como os letrados, prelados, & ricos, que de Deos receberam a sciencia, o poder, & a riqueza: estes saõ muitas vezes mais ingratos, & se afastã delle, nem lhe daõ as devidas graças, como o fazem os simples, & pobres, que naõ deuem tanto. Aquelles saõ os que dizem como que Deos lhes deve ainda: Nossos saõ os beiços quer dizer (a sciencia que por elles ostentamos, o poder, & as riquezas) quem he nosso Senhor? Como querendo dizer, a ninguem deuemos cousa alguã, para que, como a Senhor nos reconheçamos a elle obrigados. Os que empregam o sentido todo no logro de beneficio, de pressa perdem a memoria do recebimento delle: & por isso diz Aristoteles, que a cousa que mais de pressa enuelhece, he o beneficio. Muito de admirat he, que o Anjo pedagogo de Tobias o moço lhe aduertisse, que quando chegasse a casa tiuesse cuidado de dar graças a Deos, sendo Tobias

Arist. apud. Diog. lib. 5.

Tob. II. n. 7.

tambem instituido em semelhantes accões religiosas, que naõ seria possivel esquecerlhe aquella taõ obrigatoria. Porem achou que fora entaõ necessaria a aduertencia, porque como hia ja noutro estado de rico, prospero, & poderoso; poderia, enpregado no logro de seus bens, esquecerse do beneficio.

31 Assi se poderia esquecer Tobias, quando prospero, como se esquecia Saul, quando seruido, & quando curado, pois perguntava a David de que

1 Reg. 17: n. 58.

Plin. jun. lib. 3.

2. Paral. 24.
n. 22.
Hieron. in
Matth. 23.

de guardar, & constituir na coroa o Summo Pontifice Iojada, attribue S. Ieronimo o ruim termo, que o Rei ingrato teue com seu filho o Santo Zacharias. Os pequenos, & simples são os que mais memorias fazem de qualquer beneficio; assi como a experiencia ensina, que aquelles que não sabem escrever, fazem mais memoria do que se lhe emcomenda. Donde dizem os naturaes que a arte do escrever, deminui a memoria aos homẽs por quanto fiados da arte se descuidã, da natureza. Hum só, & esse Samaritano, mal instruido nas letras diuinas, & não algum dos noue Iudeos, se achou, q̃ se lêbrasse do beneficio, & tornasse a dar a gloria a Deos. Seguindo aquillo que ja Ezechiel lhes hauia lançado em rostro: Não pecou Samaria ametade de teus peccados; mas sobrepojasteos em tuas maldades, & justificaste tuas irmaãs (as Cidades Samaritanas) nas abominações, que obraste. Dar gloria a Deos, não he sómente acclamalla com a voz, & pronuncialla com a lingua: mas tambem tornar-se a sua companhia, por absoluta perseuerança, na guarda de sua consciencia, o qual não acontece a todos. Por isso era hum só entre dez, & esse era estrangeiro; que segundo S. Boaventura quer dizer, homẽ que hauendo nacido em hũa parte, viue noutra fóra della. Tal he o que nacido, & criado entre os peccados como filho de ira, leproso per casta desde o ventre; vem a ser morador da Igreja, filho da graça, & são pollos merecimentos de Christo. De quem diz S. Pedro: Rogouos, como a estrangeiros, & peregrinos, que vos abstenhais dos appetites carnaes, que pelejam contra a alma.

Ezech. 16.
n. 51.

Bon. hic.

1. Petr. 2.
n. 11

Gen. 12. n. 1.

32 Em figura disto foi mandado Abraham sahir da sua terra, & ir a peregrinar à estranha: mas esse peregrinar era o tornar-se a Deos, ante quem era mandado andar perfeito em sua companhia. E no mesmo sentido se amo-

esta a alma perfeita: Esquecete filha, ^{Ps. 44. n. 11.} de teu pouo, & da casa de teu pae, & estimará o Rei tua fermosura. Mas isto he hum Abraham entre muitos Caldeos, hũa filha entre muitas escrauas, hum Samaritano entre muitos Iudeos, hum agradecido entre noue ingratos. Acerca do qual diz Landulpho: ^{Land. sup.} Dez são os limpos, mas hum só torna a dar graças; porque muitos são na confissão limpos, mas não todos louuam ao Senhor; porque os que como caes tornam ao vomito, estes são os noue, que depois da saude recebida, não louuaram a Christo. E porque respectiuamente são poucosos agradecidos dos beneficios da diuina largueza, & perseueram na reparada saude: por isso hum só he o que tornou a dar gloria a Deos. Porque dar a Deos gloria, he recebida a saude, perseuerar em boas obras. O sobre ditto he do Carthusiano. Espiritualmente falando, segundo S. Agostinho, os leprosos são limpos polla palavra de Christo, & virtude de sua doutrina, & Sacramentos. Os que depois de limpos, não tornaram a dar lououres a seu Alimpador; são os que instruidos na verdade, com tudo não se humilham diante delle. Dos quaes diz o Apосто- ^{Rom. 11.} lo: que conhecendo a Deos não o glorificaram, nem deram graças. Por tanto são noue os taes, como os que ficaram imperfeitos, porque o numero de noue ha mister hum, como vni-
dade, para ficarem dez, que he numero de perfeição. Aquelle que tornou, foi approuado em figura da Igreja: & porque eram Iudeos os noue, foram estes reprovados como soberbos, que não quizeram vir lançar-se aos pés de seu Messias Christo. Aquelle hum, era Samaritano, q̃ se interpreta Guardador; por quanto soube guardar as graças da merce, para aquelle de quem a hauia recebido; guardando todo o bem na humilde deuocão cõ q̃ se ouue, cõforme a aquillo do Psalmo. Para vós guardarei minha fortaleza. Con-

Aug. de 99.
Euange. lib.

2. c. 40

Matth.
n. 4.

Ps. 119.

Ioan. 1.

Tex.

33 Concluese em o texto. E dixe-
lhe, conuem a saber ao agradecido Sa-
maritano: Leuantate, & vaite, por-
que tua fé te saluou. Aquelle breue
discurso, hauia o Senhor Iesus Chri-
sto feito em quanto o dito humilde
estaua lançado a seus pés diuinos; dos
quaes ninguem sae se não honrado.
Por isso lhe manda que se leuante, à
maior honra, & gloria; à maior per-
feiçãõ de vida; & dalhe licença que se
vã, não de sua graça, & amizade; mas
de sua corporal presença, a fazer o que
importa á sua vida temporal. Deulhe
honra, & liberdade: honra, como
Dario a Daniel: liberdade, como Sal-
manazar a Tobias, para que fosse pa-
ra onde quizesse. Ambos humildes,
pollo cattiveiro, & este humilhado,
polla gratificaçãõ. Ou segundo S.
Boaventura, em o mandar leuantar
lhe deu brios, & alteza de espirito; &
em o fazer ir, lhe deu merito de obe-
diencia. A qual como nobillissima
parte da justiça, esteue em Christo, se-
gundo aquillo: Vai o filho do homẽ,
como està delle escrito. E o que del-
le està escrito he na cabeça do liuro,
que faça a vontade do Padre. Porque
segundo o mesmo Doutor Seraphico,
ir polla obediencia, he ir de Deos para
Deos, & segundo Deos, & por amor de
Deos; conforme ao que delle diz o E-
uangelista: Sabẽdo que saho de Deos,
& que vai para Deos. E assitudo fica
sendo Deos na obediencia, & tudo
acertado como diuino, & obediente.
E attribuilhe à virtude da fé, a saude,
que alcançara (como outras vezes
costumaua) por authorizar a fé, que
he principio de toda a saude. Assi co-
mo a Esperança he augmento dessa
saude, & a Charidade seu complemẽ-
to. Por onde a fé gera, a Esperança
cria, a Charidade consumma. Mas
nem com o Senhor confirmar a sau-
de deste, com aquellas benignas pa-
lauras, quiz declarar que os outros
noue huiam perdido: nem dar a en-
tender, que não hiam curados os ou-

tros na alma, & no corpo juntamen-
te, como costumaua, & liberal fora
àquelles a quem por sua misericordiã
curaua. Porque não se ha de cuidar
facilmente que os outros noue deixa-
ram de ir limpos na consciencia, por-
que nem consta, nem elles peccaram
mortalmente por razão de não torna-
rem a dar as graças.

34 Antes he de crer que em seus
coraçõs, & com suas linguas, as de-
ram desde la onde hiam: & tambem
polla fé, que com o Senhor tiueram,
alcançaram sua saude. Porem o ex-
primirse neste mais, que nos outros a
virtude de sua fé; foi premio de seu
mais expresso agradecimento, & tam-
bem foi esforço que se daua aos que
presentes eram, para semelhantes ac-
çõs de fé, & agradecimento aos be-
neficios de Deos; porque noutras oc-
casioẽs se alentassem os que os rece-
bessem, para virem dar as graças por
elles. Nem cuidassem que bastaua ao
beneficiado, agradecer de longe, nem
se descuidassem em negocio de tanta
importancia. Antes segundo o Ve-
nerauel Beda, pollos actos da humil-
dade se augmenta a fé, & se assegura
entre os merecimentos do reconhe-
cimento pessoal, quanto he possiuel.
E essa mesma fé se arrisca entre os des-
cuidos da humildade, porq̃ o descuido
gera izençaõ, & a izençaõ gera soberba,
& a soberba gera ingraticidãõ, & a in-
graticidãõ gera perdimẽto do beneficio.
Donde diz S. Bernardo, que a sober-
ba he a represa da graça, que a faz pa-
rar, & impede, que não corra das fon-
tes da vida. Ainda aquella soberba,
que por subtil, & delicada se não sente
na consciencia: mas a que tu não al-
canças, Deos a conhece. E noutro lu-
gar diz, que logo cessã o curso das gra-
ças, tanto que faltou o recurso do
agradecimento. E noutro finalmen-
te: A ingraticidãõ he hũa cousa acaba-
dora, inimiga da graça, inimiga da sau-
de, ou saluaçãõ. Por ventura não se
esperdiça o que se dà ao ingrato?

li ij

A

Dan. 6. n. 2.
Tob. 1. n. 14.

En. hic.

Math. 26.
n. 4.

Pf. 119. n. 8.

Joan. 13. n. 3.

Bern. ser. 55.
in Cant.

Id. ser. 1. in
cap. i. i. jun.
Id. ser. 1. de 7
panib &
apud. Land.
ubi sup. in
fine.

Land. vb.
sup. fine.

A ingratitude he inimiga da alma, escotamento dos merecimentos, dissipação das virtudes, dispersão dos bens, perdimento dos beneficios; vento que abraza, & seca a fonte da piedade, o orvalho da misericordia, as correntes da graça.

Peroração exhortatoria.

35 **P**ois considera agora bẽ ò alma deuota, quantas castas de lepra padece esta miseravel carne sojeita aos peccados: & examina bem na tua alma qual, ou quaes padeces. Espera a teu Senhor, parando na carreira de tuas culpas, & com humildade, & reconhecimento dellas, te poem de longe, como indignissimo de chegar perto daquella soberana pureza. Examina, & busca os caminhos mais certos, em que este Senhor se acha daquelles que com espirito de contrição o buscam, & levanta a elle a voz de teu desejo pedindolhe como á Salvador remedio, como a Mestre luz, & ensino, & como a pae misericordia. Auiue tua deuocão ao compaço de tua oração & representa no coração tua necessidade, com affecto maior, que a voz de fora, que Deos não estima, se não quando procede da abundancia

da força de dentro. Valhase tua oração dos merecimentos da communiidade santa, para que, o que per ti não podes, mereças por ella. Confia muito da benignidade dos olhos de teu Iesus, que a elles quer elle que deuas o remedio de tuas necessidades. Baixate, & abatete per humilde, para que elle te veja de perto per misericordia. Vai a fazer, o que elle per tua faude tem ordenado na Igreja. Vai per arrependimento do passado, & per proposito do futuro: mostrate per confissão a seus Sacerdotes, & ministros. Cre firmemente, que em seus Sacramentos deixou elle teu remedio, para que tua fé com seus merecimentos te alimpe. Olha bem quão indigna he tua vida de tão admiraveis misericordias, & com o peso de tamanha carga de merces, cae rendido, & prostrado aos pés de teu Senhor, dandolhe continuas graças. Foge, acolhido sempre a esses pés divinos, do vicio infame da ingratitude, para que o Senhor, & Pae das misericordias as continue, & confirme em tua humildade, per tua viua fé, com que mereças sua graça, que a ingratitude faz perder; & sua gloria, que o agradecimento grangea. Amen.

—————

REFEICAM SPIRITVAL.

CAPITULO DECIMOSEXTO.

Do pouco cuidado das cousas temporaes, & da muita confiança na Providencia diuina.

Matth. 6.

Luc. 16.
v. 12.

Lição da Dominga presente he hũa parte daquelle altissimo sermão, que chamam do monte, em o qual sobretodos os Euangelicos documentos, que o Senhor Iesus Christo nelle entregou aos seus, he este discurso o de mais alta perfeição; & por isso dirigido propriamente aos Apostolos,

& aos seguidores da vida apostolica. A estes he que amoesta o Euangelico Legislador ao pouco cuidado das cousas temporaes, & a muita confiança na providencia diuina. Tinha o diuino Mestre no discurso antecedente reprovado o estudo da cobiça, & aconselhado que não tratassem de fazer tesouros na terra, mas no Ceo, onde estão

estaõ seguros. Outrosi immediatamente antes, tinha tratado da intençãõ em materia do obrar. Por isso conforme a S. Ioaõ Chrysostomo, disputou contra o estudo, & desuelo do adquirir bens temporaes. Ou conforme a Glossa, quiz leuar de ponto a perfeiçãõ, & naõ permittir o cuidado desses bens, nem ainda governando polla bõa intençãõ de sua dispensaçãõ. Porque o que hũa vez he perigoso, nem a bõa intençãõ o pode fazer seguro. Quem aspira à perfeiçãõ, ha de cortar pollo licito, para que se fique no seguro, & no meritorio. A todos pertencia o naõ fazer tesouros na terra, porque era estudo de auareza; mas aos espiritos perfeitos importa, nem da menor superfluidade curar, nem ainda do precisamente necessario ser folicitos. Naõ ó inteiro, mas indiuisivel, & sem partilhas quer Deos o coraçãõ dos seus seguidores, porque naõ podem doutra maneira ser seus amadores.

L I S A M I.

Da impossibilidade de seruir a dous Senhores.

2 Por isso ensina conforme o escreue S. Mattheos em o Capitulo sexto prouando em primeiro lugar a impossibilidade de seruir a dous senhores. Pollo qual se segue em o texto. *Ninguem pode seruir a dous senhores: porque ou a hum aborreçerã, & ao outro amará; ou a hum sofrerã, & ao outro desprezarã.* Por isto ningue pode seruir a dous senhores; quer dizer que ninguem pode seruir a dous cuidados diferentes, nem satisfazer a duas obrigações encontradas. Ou seja este ditto do Senhor tomado como de adagio, de que ninguem pode seruir a dous amos; ou seja discurso, & sentença doutrinavel do mesmo Senhor, que hia ensinando a seus discipulos cõ estas palavras; sempre he certo que os dous senhores, são os dous cuidados. Hum de seruir a Deos de todo o coraçãõ, & outro de grangear bens tempo-

raes, ajuntallos, & conseruallos. Porque se bem he verdade que o coraçãõ humano he a maior cousa do mundo na capacidade, pois cabe nelle ate o proprio Deos, que em nenhum lugar cabe; & ate a propria bemauenturança, que nenhum tempo, nem potencia esgota; todavia he mui estreita no emprego. Naõ se pode repartir por muitos cuidados, nem satisfazer a obrigações diuersas. Neste sentido explica o mesmo S. Chrysostomo, o seruiço dos dous senhores, conueni a saber diuersos, & encontrados no que querem, & no que mandam. Que se são conformes, ou subordinados, bem pode hum mesmo criado seruir a dous, como ao marido, & à mulher; ao pae, & ao filho. Naõ assi ao espirito, & à carne, que per sentença do Apostolo sempre andam encontrados; nem à virtude, & ao vicio, que naturalmente são oppostos: nem à perfeiçãõ & ao interesse, que moralmente são incompativeis. Assi como hum soldado naõ pode obedecer a dous Capitaes discordes: nem com hũ mesmo olho enxergar juntamente o Ceo & a terra. Se estreito he o leito, naõ cabem nelle duas pessoas; hũa dellas he força que delle caya: breue he o manto, & naõ pode cobrir a dous; he força o ficar hum desabrigado; sentença he do Santo Isaias. *Leito he o coraçãõ, onde a esposa buscaua ao amado: manto he o coraçãõ, de que esta mesma foi despojada na noite que perdeu ao esposo.*

3 Quer Deos que o coraçãõ humano seja feito à medida da porta, por onde se entra a gozallo, aqual he estreita, como a mesma verdade afirma. Nem quiz fazer larga a essa porta, porque quiz que naõ coubesse por ella mais que a alma. De tal modo esteja a alma ajustada, & empregada na porta, & feita hũa mesma cousa cõ ella per amor, que nada mais caiba de affeiçãõ, que a alma, & porta. Bastante he para hũa alma qualquer porta.

Ioan. 10. n. 9.

Eu sou porta (diz Christo) se alguém por mi entrar será salvo. Se a alma for carregada com affeições diferentes, não caberá polla porta estreita, vaze a buscar a porta larga da perdição, que por essa cabem todas as cargas de cuidados. As portas do Ceo diz o Apostolo Propheta que eram muitas, & eram doze; porque muitos são os caminhos da perfeição, principalmente na diuersidade das religioes. Mas tambem diz que cada porta, ou portal era cada hum de hũa só pedra preciosa. Estreito postigo podia fazer hũa esmeralda, ou hũ diamante, por isso para significar a estreiteza da porta, comparou a hũa só pedra preciosa o portal della. Como a vinha, plantou Deos o coração humano, & o creou para si; porque a vinha não consente em si outra sementeira. E ate polla diuina lei era prohibido semearse nada na vinha.

Deut. 22. n. 9
Rup. ibid. c. 17

Porque per consideração de Ruperto, repartida a virtude, a nenhũa das partes basta. Tal o coração com dous señores, & com dous cuidados, a nenhum delles pode satisfazer cabalmente. E para declarar-se melhor, o Redemptor diz: *Não podeis servir a Deos, & ao Mamona.* Este he o espirito da cobiça, da auareza, & do interesse, como ja fica ditto no capitulo decimo, quando o mesmo Senhor lhe chamou de maldade, pollas muitas que faz cometer aos humanos. Este he aquelle espirito peruerso, que por Cetro tem o dinheiro, com que se governa o mundo, ou (para melhor dizer) se desgoverna, & tyraniza.

Tex.

Sup. Cap. 10

Chrysol. ser.
126.

4 Donde diz S. Pedro Chrysologo: Se algum se achar liure do cativeiro deste Mamona, & descarregado do peso do dinheiro; ponhase na celestial atalaya, & dahi olhe para baixo, vello-ha dominar com tyranico furor ao mundo, & aos mundanos. Impéra sobre as gentes, manda aos Reinos, governa as guerras, ajunta os soldados, vende o sangue, nego-

cea as mortes, entrega as patrias, vexa aos cidadãos, preside nos Tribunaes, desfaz o direito, confunde o justo, & o injusto. Ate qui he de Chrysologo. Per mi reinam os Reis, per mi impéram os Principes, & os poderosos determinam a justiça; pode dizer este tyranno, setenta Reis comem debaixo de sua mesa deste barbaro Adonibesech Rei dos Cananeos. Rei se jacta dos Reis, & senhor dos señores, com Sesostris Rei insolente de Egypto. Todo o que não tratta de adorallo, & de seruillo em sua estatua manda o potentissimo Nabuco lançar na fornalha ardente da pobreza, onde só por milagre se escapa de sua insolencia. Elle em fim he aquelle per quem tudo se faz, & sem elle nada he feito entre os mundanos. Porque ao dinheiro obedecem todas as cousas per definição do Sabio. Tal senhorio tomou este espirito peruerso sobre o mundo miseravel, que polla sojeição que lhe fizeram os humanos, se veyo a levantar contra o mesmo Ceo, & a vsurpar o titulo de diuino. | E qual outro Antichristo chegou a levantar-se contra tudo, o que se chama Deos, ou como tal se honra. Com tal extremo, que se atreue a entrar no lugar santo do Templo, & por nossos pecados dominar aos Ecclesiasticos, altares em que Deos se honra, & santuarios em que Deos habita.

Prov. 8. n. 15

Iud. 1. n. 7

Dan. 3. n. 6. 11.

Ioan. 1. n. 3

Eccel. 10. n. 19

2. Thess. 3. n. 4.

5 Quando na primitiua Igreja polla perfeição Apostolica desterrou a Euangelica pobreza a este espirito immundo, andaua elle pollos lugares secos, & pobrissimas dignidades, sem achar descanso nem entrada, quanto mais veneração, nem acolhimento. Mas depois tornaram a admittillo cõ a confiança da paz da Igreja, que gerou descuido em seus ministros, que no tempo da perseguição se contentauam com pouco para a vida, que sempre andaua nas mãos offerecida ao martyrio. Então tomou outros espiritos peyores que si mesmo, & entrou

com

com maior força, & violento imperio, a dominar a muitos, que se lhe quizeram fogeitar. Donde se conta que quando a piedade de Constantino Magno fez liberalmente ricos de rendas aos Ecclesiasticos, se ouiu no ar húa voz que dizia: Hoje cahio a peçonha sobre a Egreja de Deos. Peçonha lhe chamou, porque não faz mal se não a quem a toma; mas a que espalha, & reparte pollos pobres as riquezas, não pode fazer algum dano. A esmola he o mais prouado contra-veneno desta peçonha, & a Charidade a mais fina triaga. Ditoso o que não adorou a imagem desta Besta fera, que engana o mundo, fazendo se intitular por Deos, em que idolatrem os auarentos, aos quaes o Apostolo chama seruidores dos idolos; porque segundo S. Ioaõ Chrysoftomo, apartando se do seruiço de Deos verdadeiro, se entrega ao seruiço de seu dinheiro. Se não que he de peyor condiçã a auareza, que a idolatria; porque os altares desta, manchados estaõ com sangue de animaes brutos: mas os altares da cobiça, & da auareza escorrem em sangue humano, & em suores de pobres. Estas são as rezes, que os auarentos sacrificam a seu dinheiro, ao qual de dia, & de noite desueladamente seruem. Porque se de sentença do mesmo Apostolo, este vicio, & estudo de grangear interesses, he raiz de todos os males; que mal deixará de fazer quem a tal senhor serue? como reparará em regar esta raiz com suor alheyo, & com sangue de pobres, com tanto que produza fructos de interesse?

6 Nenhúa cousa, diz o Sabio que he mais iniqua que amar ao dinheiro. Iniqua dixe, porque tira o seu a seu dono, conuem a saber o seruiço, & honra ao verdadeiro Deos, & emprega tudo com o interesse, fazendo idolos de ouro, & de prata contra a lei do Exodo. Ao cortar polla lei diuina, & polla obrigaçã propria, cha-

mou Deos honrar mais o vicio, que a elle. Por tanto dixe ao Sacerdote Heli, que honraua mais a seus filhos, que a elle, por quanto trattaua mais de os não desgostar reprehendendo-os, que de os obrigar a fazer o que deuiam. Remissaõ era de pae, & descuido de prelado, que Deos estranhou dizendo: Honraсте mais a teus filhos, que ami. Porque he genero de idolatrar per afeição, o não reprehender, & castigar aos filhos, & aos subditos. Pois se tanto se queixa Deos de hum descuido, que será de hum demasiado cuidado? Como não aualiará por idolatria o tratar não só mais, mas tudo do interesse mundano, & de Deos nada? Iudas, aquelle principe de idolatras de auareza, mais honrou ao dinheiro, que a Deos; não só porque por elle deixou a Christo, se não tambem, porque lhe deu melhor lugar que a Christo, & ainda que a si mesmo: tanto como a Deos o amaua, mais que a si. Donde diz Drog. Most. *ibi.* Não lançou os dinheiros no montado, mas no templo: a esses Deoses he que haui dedicado seu coração: Porque a auareza he seruidaõ dos idolos, que cega os olhos. Mais quiz botarse a perder a si, que não perecesse o dinheiro: applicou o dinheiro ao Templo, & a si ao baraçõ. Amaua a seus herdeiros, que dalli recolheriam o dinheiro, & foise a enforçar elle, Porque ja andaua enforcado com o laço da auareza; & o que fez, foi que se foubesse em publico, o que ja em secreto haui feito. E S. Cyrillo diz, *Cyroll. lib. 9.º in Ioan. c. 35.º* que Iudas trazia ja em seu coração ao diabo, não como a familiar mas como a senhor de seus cuidados.

7 Deste modo polla demasia da auareza, chegou a contrapor o mundo esse espirito de perdiçã ao verdadeiro Deos dos espiritos. Donde diz: *Neõ podeis seruir a Deos, & ao Tam. Mamona.* Estas mesmas palauras se escreue em S. Lucas, quando tratta da esmola, & do mal da auareza. E de
cer

Henric. Gãd.
apud Lyr. in
Dent. 32.

Apoc. 20. 4.

Ephes. 5. 7. 5.

Gal. 5. 20.

Chryst. hom.

in Ephes.

1. Tim. 6. 7.

20.

1. Tim. 6. 7.

1. Reg. 1. 29. 29

Matth. 27.

27.

Drog. Most.

ibi.

Cyroll. lib. 9.º

in Ioan. c. 35.º

Luc. 16. 9.º

crer he que outras vezes diria o Senhor esta sentença: mas neste lugar he determinação daquelle primeira: Ninguem pode servir a dous senhores. E a razão he, porque ou a hum amarà, & o outro aborrecerà: ou a hum sofrerà, & ao outro desprezarà. Este hum, & outro, posto que se possa tomar geralmente por Deos, & pollo maõ espirito; toda via mais a noſſo ensino he que pollo primeiro, que pode amar, ou desprezar; se entende Deos; & pollo outro, que se pode aborrecer, ou sofrer, se entende o demonio. Onde S. Agostinho considera a propriedade das palauras, em Deos amar, ou desprezar. Ama quem o serue, & quem sabe contemplar, & estimar aquella eterna fermosura: desprezaõ quem o deixa pollos interesses mundanos. Desprezaõ, mas não o aborrece; porque aquelle summo bem conhecido como tal, não pode jamais ser positivamente aborrecido, posto que bem pode deixar de ser amado; & ainda pode ser desprezado, quando pollo peccado se deixa. Por isso não diz: A hum amarà, & ao outro aborrecerà, se não desprezarà. Poré na outra côtraposição, não diz q̄ amarà, se não que sofrerà, ou aborrecerà. Porque quem ha que ame ao diabo? com tudo o sofrem muitos miseraveis, sobre os quaes traz seu jugo durissimo, qual aquelle, que se mistura com hũa escraua, que serue ao senhor della, & o sofre como a senhor proprio, não porque o ame a elle, mas porque he força soffrello por gozar da escraua. Assi diz o Apostolo: Não sabeis que vos fazeis escrauos daquelle, a quem vos entregastes para lhe obedecer? Onde diz o mesmo S. Agostinho, que o peccador tantos senhores tem, quantos vicios serue. Daqui veyo que gabandose Alexandre a Diogenes de ser senhor de todo o mundo, lhe respondeo o Philosopho: Não sois por certo, se não seruo dos meus seruos; porque os vici-

os são meus seruos, & são vossos senhores. E mais graue sentença he a de noſſo Mestre Iesus Christo, que o que faz peccado, seruo he do peccado. E com tudo isso se não corre o homem racional de deixar ao Senhor, que o fez, & o remio, infinitamente fermoso, & bemfeitor: & servir a mesma torpeza, que deve ser eternamente aborrecida, se quer por prejudicial ao genero humano.

L I S A M I I.

Do pouco cuidado espiritual no comer, & vestir.

8 **P**rouada a impossibilidade do servir a dous senhores, começa em segundo lugar a doutrina euangelica acerca do pouco cuidado espiritual do comer, & vestir; Pollo qual se segue em o texto. *Por isso vos digo que não sejaes sollicito para a vossa alma (isto he para vossa vida) do que comais; nem para vosso corpo de q̄ vistais. Porventura a alma (ou a vida) não he mais que o comer: & o corpo não he mais que o vestido?* Por estas mesmas palauras poem esta doutrina S. Lucas no capitulo doze, usando do mesmo termo illatiuo (por isso vos digo) depois immediatamente que propoz a parabola do necio, que morreo na mesma noite, que sua auareza traçava destruir os celleiros velhos, & fabricar outros novos. São Mattheos o infere de que não se pôde servir a Deos, & à cobiça das riquezas; & S. Lucas de que he ignoracia tratar dos bens temporaes sem tratar de Deos. Por esta razão hum, & outro Evangelista concluhio de hũa mesma maneira: Buscai primeiro o Reino de Deos, & sua justiça, & todas essas outras cousas se vos juntarão. Ponde no entre meyo os documentos euangelicos de não ser sollicitos do comer, nem do vestir. Pollo que diz S. Agostinho: Por quanto assim ha via enſinado o Senhor que todo o que quer amar a Deos, & guardar-se de offendello; não cuide pode servir a dous senhores.

Aug. lib. 2.
de ser. mont
cap. 22. Cat.

Rom. 6. n. 12.

Aug. vb. sup

Aug. lib. 1.
verb. Dom.
22. Cat.

The
Cat.

1. Tin
8.

Gen. 3

Diod.
mens.
Bona

senhores. Acrecenta mais, que não sejaõ sollicitos do comer, & vestir, porque acaso o coração se não reparta, & a intenção se desuie da perfeição, ainda que não seja para procurar cousas superfluas. E Theophilo diz: pouco, & pouco vai o Senhor auante para mais perfeita doutrina. Tinha ensinado a guardar da auareza com a parábola do rico, mostrando por ella ser necio o que cobiça cousas superfluas. Depois disso vem a não consentir cuidado nem ainda das cousas necessarias: trattando de arrancar de todo as raizes da auareza. O sobre ditto he de Theophilo.

9 Bem efficaçmente tratta de extirpar, & desarraigá de todo do coração humano o cuidado do superfluo, quem poem tão apertada taxa no mais precisamente necessario. O comer, & o vestir são as duas condições, sem as quaes não pode passar a miseravel vida humana, por mais que se queira estreitar sua temperança. Assaz faz, & faz tudo o que se pode fazer, quem com o Apostolo se conforma, que diz a Timotheo: Tendo com que nos sustentemos, & com que nos cubramos, com isso nos contentamos. A nossos primeiros paes, feitos polla desobediencia indignos, & despojados de quantos bens possuíam, & podiam possuir: não se negou o mantimento ordinario, posto que no suor de seu rostro; Nem tão pouco o vestido, com que se cobrissem, para a falta do qual se lhes abriam, primeiro que tudo, os olhos, entendendo que estauam nus. E hauendo incorrido outras mil misérias, são nesta como mais precisamete digna de acodirse, & remediarse, reparará, segundo Diodoro. E hauendo elles feito ja das mesmas folhas, quanto bastasse a atalhar a vergonha, em que se acharam; o mesmo Deos lhes fez tunicas, ou vestidos em forma que os cobrissem comodamente; & de pelles para lhes permittir o reparo hu-

mano contra as inclemencias do tempo. Como dandolhes lei, que por mais miseraveis, que se vissem, soubessem que lhes era permittido o cobrir seus corpos commoda, & honestamente. Estas são as duas colunas, alem das quaes não pode passar a profissão euangelica da altissima pobreza, que renuncia de feito, & de direito tudo, quanto debaixo do Ceo pode hauer, pollo amor de seu Senhor Iesus Christo. Húa pobre, & limitada porção, com que se sustente a triste vida; & hum vilissimo habito, com que se cubra o mortal corpo. Se esse mesmo Senhor Iesus crucificado nem admittio bebida, nem recusou estar nu; foi porque o amor alli quiz mostrar que passaua os limites, & as colunas, & marcos da natureza. Não para se fazer exemplo, que se imitasse, mais que na humildade; mas por se fazer estremo, & assombro da charidade. Por isso não durou a ostentaçã desta fineza mais que tres horas, & essas da morte; porque se não cuidasse que se fazia para regra de vida, que se seguisse, pois não era proporcionada com as forças humanas, a falta do comer, & de vestir. Ditoso aquelle espirito, que com Iacob não quer mais do Ceo sobre a terra, que hum pedaço de pão para comer, & algũa cousa com que se cubra, para ter por Deos ao Senhor, que he conforme a Philo, que vsc Deos com elle, não de potencias, como Senhor; mas de fauores, & benignidades, como Deos.

10 Com ser pois tão precise isto do comer, & vestir; até disso quer o Mestre da perfeição tirat de nós o cuidado, & não quer que nisso sejamos sollicitos. Nem diz, segundo S. Chrysostomo: Não trabalheis de comer, nem de beber, nem de vestir. Mas: Não sejais sollicitos do que comereis, ou do que vistireis. Não tolhe o cuidado natural, mas o embaraço do espirito no emprego dos pensamentos. Porque he desperdicallos com o mundo, que os

K k não

Theoph. in
Cat. Luc. 121. Tim. 6. n.
8.

Gen. 3. n. 19.

Diod. in
mens.
Bonan. 12.Gen. 28. n.
21.Phil. de
Plant. Nov.Chrysost.
hom. 21. in
Cat.
Vide supra
cap. 3. n. 24.

naõ conhece; & mal se pode estimar, o que se naõ entende. Com Deos tudo se aproueita; & nem os mais miudos cuidados se perdem. Com o mundo tudo se perde, ate os mais internos pensamentos, porque naõ vè o que dentro passa, & sô o que de fôra, hûas vezes he fingido, outras mal representado. No seruiço do mundo naõ vallem os bons intentos, & propósitos, que se fazem de fazer tal, ou qual negocio: de dar tal, ou qual dadiua, se naõ chega a executar-se. Mas com Deos, porque todas as cousas saõ patentes, & manifestas a seus olhos, & he escoadrinhador dos coraçoes, nada se desperdiça, por mais miudo q o pensamento se considere. Onde canta o Psalmista ao Senhor: O pensamento do homem vos louvarà, & as reliquias de seus pensamentos vos faram dia de festa. Hûa só volta de olhos da Esposa, hûa só bõa intenção rende ao Esposo. E hum só cabelo o prende, hum só pensamento se naõ desperdiça, & o obriga. Lança pois tu todo teu cuidado em o Senhor, & elle te sustentará. A sustentação, & trabalho do comer, & vestir naõ lanças tu nelle; nem te lances a dormir a sua conta: mas lança sobre elle o cuidado, empregando só nelle. O trabalho poz. elle sobre ti no suor de teu rosto, porque em quanto tu trabalhasses de mãos, lançasses sobre elle o teu cuidado, & pensamentos. Elle quer repartir contigo a obra, quer que tenhas tu o trabalho, & elle o cuidado. Segundo o que diz S. Pedro: lançâdo nelle toda a sollicitadaõ, porque a elle toca o cuidado de vos outros.

II Seita houue de hereges, que chamaram Euehitas, de q faz menção, & reprehende S. Agostinho, & contra os quaes tratta o Concilio Niceno; que affirmauam que aos Monges, & perfeitos seguidores de Christo, & obseruantes de seus euangelicos preceitos, naõ conuinha, nem era licito

trabalhar, nem empregaremse em outra algũa occupaço corporal. Se naõ que perdido todo o cuidado das cousas temporaes, se hauiam de empregar na oraçaõ, & outros de somenos profissaõ lhes hauiam de procurar, & dar de comer, & de vestir. Com esta superstição guardauam esses mais ociosos, que religiosos, o documento deste capitulo, palliando sua ociosidade com o titulo da perfeição, como se tolhera Christo no euangelho, o que na lei natural ordenara do trabalhar, & na Euangelica confirmou com tantos suores, & tantos exemplos de seus Apostolos. Ouçam a S. Paulo, por mais que elles o expliquem necia, & torcidamente do trabalho, & operaço espiritual, & naõ queriam admittir a corporal. Bem sabeis (diz o Apostolo aos Thessalonicenses) como vos importa imitar-nos, porque naõ hauemos sido inquietos entre vos (inquietos chama aos ociosos); nem comemos de alguem o paõ de graça. Mas trabalhando em obra, & fadiga de dia, & de noite; para que naõ fossemos pesados a algũ de vds. Naõ porque naõ temos poder, mas porque nos fizessimos como fôrma, com a qual nos imitasseis. Porque he assi que estando entre vós outros, vos denunciauamos; que se alguem naõ quizer trabalhar, naõ coma. Porque temos ouuido que andã alguns entre vós inquietamente, sem fazer nada, se naõ andar curiosamente. E a estes taes denúciamos, & rogamos em nosso Senhor Iesus Christo, que trabalhando com silencio comam o seu paõ.

12 Sobre o qual diz S. Agostinho: que se pode dizer a isto, quando com seu exemplo ensinou, o que hauia mädado, conuem a saber obrando corporalmente? que quanto que obrasse corporalmente se mostra nos Actos, onde se diz que ficou com Aquila, & com Priscilla sua molher, trabalhando com elles, porque eram do mesmo officio.

Sem

Pf. 75. u. 11.

Cant. 4. n. 9.

Pf. 54. n. 23.

1. Petr. 5. n. 7.

*Aug. lib. de
heret. c. 57.
Cont. Nic.
tom. 1. pag.
401*

*1. Thessal.
3. n. 7.*

*D. Th.
pasc. 19. c.
Bon. Opus
de Paus.
Christi c.
de trib
questionib
q. 2.*

Sem embargo de que o Senhor havia ordenado ao Apóstolo como a Pregador do Evangelho, soldado de Christo, plátador da vinha, pastor do rebanho, que viuesse do Evangelho. O qual nem por isso cobrava o devido estipendio, para que se fizesse forma a aquelles que desejam cobrallo indeuidamente. Ouçam logo aquelles, que não tem este poder, que elle tinha; para que não comam o pão forro do trabalho corporal, obrando só espiritualmente. Porem se são Pregadores, se ministros do altar, dispensadores dos Sacramentos, tem este poder; pollo menos se tinham algũa cousa no mundo, com que facilmente sustentassem esta vida sem officio de trabalhar, o que conuertidos a Deos deram aos pobres: & então se ha de crer, & sofrer a sua fraqueza. Nem se ha de attentar em que lugar deram isso que tinham, pois he toda hũa Republica dos Christãos. Mas os que à profissão do seruiço de Deos vem da vida rustica, & do exercicio de mãos, & do trabalho plebéo, não podem escularse de trabalharem. Porque de nenhũa maneira conuem que naquella vida onde os Senadores são laboriosos, se façam os officiaes ociosos. E no lugar para onde vem deixadas suas delicias, os que foram senhores de fazendas; ahi os villãos sejam delicados. E quando o Senhor diz: Não sejais sollicitos: não diz nisto que estas cousas se não procurem quanto for de necessidade, donde honestamente poderam viuer; mas para que não tenham o olho nisto, nem por amor disto façam tudo, o que na pregação do Evangelho, são mandados fazer. E a esta intenção he, que pouco mais acima havia chamado, olho. O sobre ditto he de S. Agostinho. E muito discorrem depois delle acerca disto ambos os Doutores Angelico, & Seraphico.

13 Nem podia entender sua doutrina do trabalho sómente espiritual, quem mostrava as mãos, com que tra-

balhava. Dizendo na vltima fala, que fez aos de Epheso, quando se partia para Roma. Não cobicei a prata, ou o ouro de alguem; vós o sabeis muito bem: porque o que me fazia mister, & aos que comigo estauã, estas mãos o ministravam. Ditoas mãos, que se prezauam de trabalhar callejadas, quando a lingua era chaue do Ceo, & a vida celeste. Daqui aprende o a vida apostolica de todas as sagradas Religioens, a trabalhar, & fugir a ociosidade, que he inimiga da alma, como se pode ver correndo todas suas regras. Porque nem sempre se pode orar vocalmente no coro, & nos outros lugares, & tempos dos diuinos officios, & religiosos exercicios. Muito menos se pode, nem conuem vacar sempre ao estudo da oração mental, no recolhimento, & postura, que os espirituales requerem. Mas bem ora, quem bem obra; & os espiritos de altissima contemplação trabalhauam, & ensinauam a trabalhar de mãos: não só para augmentar o espirito da pobreza euangelica; mas tambem para ministrar materia de meditação, & ferrar a porta ao diabo, que polla ociosidade a acha patente para os vicios. Não queirais dar lugar ao diabo, dizia o santissimo Apóstolo. E logo prosegue como mostrando a porta, por onde elle acha esse lugar. O que furtava, ja não furte, mas antes trabalhe de mãos, no que for honesto, para ter donde possa dar ao necessitado. Como se o comer sem trabalhar seja furto, que se faz; se não a quem se leua pedindo, se não viue de esmolas; pollo menos ao necessitado, a quem puderá acodir como que trabalhara. E o proprio Christo nosso Mestre nos ensinou isto no procedimento de sua vida, pois sendo Senhor do Ceo, & da terra gastou toda sua mocidade em trabalho de mãos ajudando a seu pae Ioseph, ate os trinta annos, em que sahio a pregar. E para pregar tres annos trabalhou primeiro perto de trin-

Aff. 10. n. 33.

Reg. S. Frãc.
& Testam
De careris
omnib. Regu-
lis vide Sar-
dor. de Con-
stit. 5. Stat. 1
& plura op.

Ephes. 4. n. 27.

D. Th. o.
pasc. 19. c. 1.
Bon. Opusc.
de Paup.
Christi c. 2.
& de trib.
quæstionib.
q. 2.

ta. Se quer por amor do bom exemplo, para que se não escandalizasse a quem via hum moço, & hum mancebo sem fazer nada.

14 Quando a ociosidade não tiuera outro mal que o de dar de si mau exemplo o que viue ocioso, bastára para se fugir com o do fogo. Quanto mais quando ella he a madrastra de todas as virtudes, como diz S. Bernardo: & mestra de todos os vícios, & males, como diz S. Chryostomo. E tão pouco credito pode ter a consciencia do ocioso que dizia Menandro, que o mesmo era hum cidadão ocioso, que mau cidadão. Ferrugem, traça, & tinha dos engenhos, dos animos, & dos corpos, lhe chamam os Philosophos. Demetrio, refere Seneca, que costumaua chamar ao ocioso: mar morto; porque nem peixe, nem coufa algũa produzia de fruto. E só feruem quando muito os ociosos de afogar aos que nelles dão. Porque (como diz S. Ieronimo) nenhũa cousa he tão facil, nem ordinaria, como por se o ocioso, & que para nada presta a disputar, do trabalho, & obras dos outros. Finalmente tão encontrado he o não trabalhar polla sustentação humana, com a doutrina deste Evangelho, que he o ocioso hum Antipoda de seu intento. Porque Christo diz, q̄ não sejamos sollicitos do comer, deixando nos sômente o cuidado de trabalhar; para nós o trabalho, & para elle o cuidado, como diz S. Ieronimo. E o ocioso procede às auessas, porque tratta sômente da sollicitação do comer, & beber, & nada do trabalho, com que esse comer, & beber se grangea humanamente. Porque (como diz Cassiano) o ocioso não cuida mais que de manjares, & do ventre. E logo Deos se ha tanto pollo contrario com estes, que lhes falta com aquillo mesmo, que com ancia desejam, & com prigiça não buscam. Pollo que ensinaram os antigos Philosophos que a ociosidade, & prigiça era mac

da pobreza. Donde conclue S. Ioaõ Chryostomo, que logo o pão se ha de grangear não com sollicitoões espirituas, mas com trabalhos corporaes; o qual pão se dà polla graça de Deos, por premio aos que trabalham, & aos negligentes se nega por pena. Outros finalmente houue, que pollo contrario affirmamam que era obrigação dos perfeitos christãos trabalhar de mãos. O qual extremo não he menor erro, que confutam os mesmos Padres. Porque assi como os primeiros, diz o Doutor Seraphico, que fomentam a ociosidade, & destruem a honesta occupação: assi os segundos, diz o Doutor Angelico que afogam o espirito, & destruem o exercicio da contemplação. Por onde assentam, que aos Religiosos não corre obrigação de trabalhar de mãos, saluo aquelles, que por sua profissão na ordem estão obrigados. Ou em caso de necessidade, fóra da qual, nem de conselho euangelico tem algum obrigação de trabalhar mais, que cada hum em seu ministerio.

L I Ç A M III.

Do primeiro argumento acerca da prouidencia diuina.

15 **A**ssentada a forma do pouco cuidado acerca das cousas corporaes, cõuençe o Senhor em terceiro lugar cõ razão esse mesmo pouco cuidado espiritual, com alguns argumentos da prouidencia diuina. Dos quaes o primeiro he per razão de maior para menor, conforme se segue em o texto. *Por ventura a alma não be mais q̄ a comida, & o corpo mais que o vestido?* ou a alma neste lugar se tome no rigor da significação polla alma, ou se tome polla vida, como muitas vezes se costuma nas escitturas; sempre o argumento conuençe de maior a menor segundo S. Ieronimo, como se dixerá. Quem dá o mais não nega o menos, a alma, & a vida he mais q̄ o comer, & beber; o corpo he mais que o vestido: logo se Deos se não pode negar que deu

Chryost.
hom. 6. 1. 1.

Bon. vb. 1. 1.

D. Th. 1. 1.
q. 187. art. 1.
corp.

Senec. ep. 68

Ber. de Cons.
fid. Chryost.
hom. 14. in
Gen.
Menand. a-
pud. Stob.

Senec. ep. 68

Hieron.

Hieron. in
Cat.

Cassian. lib.
10. de Acci-
dia.

Hieron.
C. 5.

deu essa vida, essa alma, & esse corpo, certo he que darà o menos, que he cō que se essa vida subsistente, & com que esse corpo se cubra. Este argumento não conuencerà a vaidade, mas conuence a razão; porque a natureza nē naceo com superfluidades, nē se criou com demasias. Por esta razão he principio natural que a natureza se contēta cō pouco, & aborrece o superfluo. Donde, com Seneca diz bem S. Ieronimo: Se quizeres viuer segundo a opiniaõ, & costume, nunca seràs rico, se segundo a natureza nunca seràs pobre; porque a opiniaõ nunca se satisfaz, & a natureza com pouco se contenta. Todo o cuidado, & desuelo dos humanos nace de que se não querem contentar, nem accommodar com o que basta à natureza; mas entrando em vaidade, & deferindo ao appetite, se demasiam. Se os homens se contentassem com o que lhes basta, & cortassem por superfluidades, quem haueria que fosse pobre? Porque pobre he o que necessita, mas quem com o Philosopho pudesse gloriarse (despido da vaã gloria delle) & dizer quando visse muitas superfluidades: oh de quantas cousas não necessito: este nunca se teria por pobre, pois nunca se teria por necessitado. Bem se enganã os q̄ cuidam q̄ o estado religioso da altissima pobreza, he cousa mais q̄ natural, antes he o estado conforme à natureza, porque esta com pouco se contenta: com que viua, & não morra; com que se cubra, & não ande deshonesto, ou arriscado.

16 Tudo aquillo a que pode chegar a natureza humana, não só satisfeita, mas ainda abundosa; diz o Ecclesiastico que vem a ser agua, fogo, ferro, sal, leite, pão, mel, ervas, azeite; & vestido. A regiaõ, que isto tem se estimarà por abundante; mas para se auer isto, não são necessarias as diligencias, & extorsoens da cobiça, & da vaidade humana. Não he necessario correr o mundo, atrauessar mares, des-

cobrir climas, conquistar Reinos, cauar minas, inuentar manjares, mudar trajes, & espediçar laãs, & sedas. Não viuem os homens mais por mais, & deliciosamente comerem, & largamente beberem vinho, & outras castas de bebidas. Encurtaram-se as vidas depois que se alargaram os ventres. Muito mais viuem abstinentes, menos sogeitos estaõ à gotta, mais liures dos estallicidios, & apoplexias, & izentos de mil achaques, que consigo traz a demasia de comer, & beber. Nem são mais fermosos os corpos ornados com os enfeites profanos, que a vaidade inuenta. Antes não seruem mais que de enganar a vista com seus fingimentos; porque mal se pode julgar da fermosura, perfeçoens, & cores, que a natureza deu, se tudo anda sospitoso de falsidade. E assi como em tempo, que muita moeda falsa anda polla prouincia, ate a verdadeira, & legitima vem a ser sospitosa: assi também sendo taõ corrente o mundo em cobrir em os enfeites os defeitos, & as cores fingidas, as faltas naturaes; ate o que realmente serà fermoso, & verdadeiro; traz logo sospita de falso, & fingido. No estado da innocencia, que era o mais bemaueturado, & o mais ditoso, no qual não teriam os humanos achaques, nem mortes, nem desar, ou fealdade algũa; não haueria trabalho no comer, nem cuidado no vestir. E ja que a gloria daquelle estado se acabou, sempre serà mais perfeito, o que a elle mais se chegar neste miseravel. Este he sustentar a vida sem sollicitoens, & muito menos sem demasias no comer, & beber; se não com o que basta para não morrer. E essa abstinencia, & parcimonia serà o fruto da vida deste estado presente; & serà a gula, & demasia o fruto vedado, que entre experiencias do bem, & do mal do gosto, faça perder com o corpo a alma. E semelhantemente cobrir o corpo sem curiosidade, com aquillo que basta para não andar sem

honestidade, conforme ao habito de cada hum dos estados.

17 E para viuer conforme a este estado natural, & não affectado, basta tão pouco, que não se pode queixar a quem que com pouca diligencia, & trabalho corporal, & sem algũa sollicitadaõ espiritual se não ache. Porque a providencia diuina não se obrigou a demasias no comer, nem a superfluidades no vestir: mas sómente ao necessario para viuer. Tres banquetes deu nosso Deos Iesus Christo em sua vida liberalissimamente; porem nos primeiros dous não passou de pão, & peixe; porque nem com pretextõ de liberalidade, grandeza, & festa houesse sombra algũa de demasia. No terceiro com ser augustissimo, & perpetuamente continuado, não passou de pão, & vinho. E podendo instituir o mysterio de seu Corpo sacramentado em carne, o institutio só em pão; porq̃ a carne tinha sospeita de demasia, & como tal fora ja reprovada na figura, quando no deserto os Israelitas não se contentando com o pão, & paõ do Ceo; appeteceram carnes. E porq̃ estas fizeram mau proueito a quem as comeo, & se atraveessaram na garganta; perderam o direito de figura, & de materia daquelle sacramento, que sobre todos he gostoso, saboroso, & deleitoso. E se para materia do sangue sacramentado admittio vinho, cõ parecer o vinho cousa mais preciosa, & symbolo de demasias; foi porque (alem da propriedade de significação) anda o vinho ja reputado por bebida ordinaria dos homens. E quera neste sacramento figurar a vniuersalidade humana, aqual em pão, & em vinho consistia. Porque o Author do genero humano, Adam foi o primeiro que vsou de pão; & o reparador do mesmo genero humano Noe, foi o primeiro, que vsou de vinho. E por isso o Redemptor desse genero humano, em o qual se recapitulaua tudo, comprehendendo ambos os extremos,

de creação, & reparação, de Adam, & Noe. no pão, & vinho. Nem as maravilhas, que antigamente fez para sustentar aos seus, passaram de pão, ou fosse o portador o Coruo, ou o Anjo para Elias; de paës de ceuada, para Eliseo sustentar com vinte paës a cem homens. Tudo symbolos, & exemplos de parcimonia, ensinando o que basta à natureza, que o que facilmente se pode hauer sem emprego de cuidados, & não executando delicias, & superfluidades, que sem elles se não podem hauer. Donde diz Seneca: As cousas necessarias facilmente occorrem, mas as desnecessarias ha mister que sempre, & com todo o animo se busquem.

18 Semelhantemente hauendo Deos de dar vestido à nudeza dos primeiros homens, não consentio que fossem das folhas da figueira, de que elles se cobriram. Não só porque não conuinha que alguem se vestisse das folhas da mesma arvore, em que peccava, & que o mesmo em que se pecca, dá as galas a quem pecca, porque he fazer gala do peccado: mas porque segundo o veneravel Beda as folhas da figueira largas, verdes, & galantes, com sua gualhardia são symbolo da vaidade humana. Assim o entendeo naquella figueira, a quem amaldiçoou no caminho de Ierusalem, por he não achar mais que as vanissimas galas das verdes folhas, vestida, & galante sem fruto algum de proueito. Tanto são dignos da maldição do filho de Deos, os q̃ sem tratar do fruto espiritual, se empregam no cuidado do corporal vestido, & exterior ornato. De pelles de animaes mortos lhes fez os vestidos Deos aos primeiros paes, para que ensinassem a seus filhos a modestia de seus vestidos, & que escusassem buscar para elles laãs exquisitas, & desentranhar bichos, para rasgar sedas; & procurar tintas, para atrastrar purpuras; & armar teares, para romper telas. Pelles lhes deu para

1. Reg. 17. 26
2. Reg. 19. 6
4. Reg. 4. 2. 48

Senec. ep. 11.

Bed. hom. 7. 4
Quadr. 4.

Math. 23
n 20.

Gen. 3. 21.

*Eucher. ibid.
Chrysoft.
ibid.*

para perpetuo ensino seu, segundo Eucherio. Donde S. Ioaõ Chrysoftomo: Digamnos pois aquelles que usam de tanto aparato, que nem o uso de laã quer ouuir seu melindre, mas se vestẽ de seda; & a tal locura tem chegado, que entretecem ouro nos vestidos. Mas a este mimo saõ mais logoitas as molheres. Pois dizeme (te rogo) porque trattas tanto dessemelhante vestido para o corpo? Naõ sabes que o vestido se inuentou por grande castigo, polla transgressaõ do preceito diuino? O ditto he de S. Chrysoftomo. E o mesmo Author da natureza o ensinou claramente em que hauendo de dar vestido á alma humana, aqual he taõ preciosa, & inestimauel, que se iguala com os Angelicos espiritos: toda via lhe deu hum vestido taõ grosseiro, como he o corpo humano. Taõ modesto andou o Author da natureza, & taõ demasiado andas tu, author da vaidade.

ibid.

19 Olha pois o argumento, que faz o diuino Mestre Iesus Christo. A alma mais he que a comida, & o corpo mais he q̃ o vestido. Pois que deu o mais, ha de faltar com o menos? A conclusaõ deste argumento aduertio o Doutor Seraphico, que primeiro fora assentada por Christo no que immediatamente antes dixe. Por tanto vos digo que naõ seiais sollicito para vossa alma do que comereis, ou bebereis, nem para vosso corpo o que vestireis. Saluo se tua vaidade quizer negar a maior deste argumento, & que como dizem muitos defalmados, que a alma he o menos: & dizer que menos he a alma, que a comida; & menos o corpo, que o vestido. Porque de tal modo trattam alguns do comer, & do beber, & do ventre, que delle fazem seu Deos, quanto mais estimallo em menos que a alma. E de tal modo algũas pessoas trattam, & curam do vestido, & enfeites, que por hum alfine te mais, ou menos, atropellam a consciencia, desprezam a obediencia, &

perdem o temor, & a modestia. E se em estes parece a vaidade negar a maior do argumento de Christo, em outros parece negar a desconfiança a menor desse argumẽto que S. Ieronimo, & os outros Doutores fazem; conuem a saber que quem deu o corpo, & a alma, que he o mais; darã tan bem a sustentação, & vestido, que he o menos. Porque, como diz S. Chrysoftomo, se Deos naõ quizera conseruar, naõ creãra; a elles que quiz crear, conseruarã: porque daquelle he dar a conseruação, que deu o ser às cousas. E quem dà o mais, naõ nega o menos; saluo se for algum desfazozado. O que tudo largamente o Senhor confirma com exemplos dos irracionaes, como se dira na lição seguinte.

*Chrysoft. in
Cat.*

20 E a estes dous pontos de vaidade, & desconfiança, se vem a resumir toda a sollicitadaõ daquelles que com ella afogam, & mattam ao espirito, & o naõ deixam tratar das cousas eternas. Porque da vaidade nasce a vaã gloriação, & ostentação dos vestidos exteriores, com que se procuram encobrir faltas do corpo. E da desconfiança procede a auareza, & torpeancia das cousas temporaes, & o tellas em mais que a propria alma. E fazendo força à prouidencia, querem sustentar esta com demasias, & superfluos mantimentos. Donde espiritualmente falando, pollo comer entende Landulpho aos golosos, & pollo vestido aos vangloriosos, & em hũa, & outra cousa aos auarentos. E o proua bem com o que noutra parte se diz neste mesmo Euangelho de S. Lucas: Hauia hum homem rico, o qual se vestia de purpura, & olanda, & banqueteara esplendidamente cada dia. No ser rico se denota a cobiça, auareza, & desconfiança da prouidencia diuina. No vestir de purpura, & olãda, se mostra a vaidade exterior, & interior; porque a purpura he ornato exterior, & a olanda he interior vestido. E no comer esplendidamente, se ve a

*Land. cit. lib.
c. 38.*

Luc. 16. n. 19

gula,

gula, & voracidade, que necessariamente traz consigo sollicitadaõ, & cuidado superfluo. Vejam pois os Religiosos, quão longe deuem viver deste cuidado: que se no rico mundano era vicio reprehensiuo o vestir delicado, & comer esplendido; que serà no que per profissaõ crucificou sua carne com os vicios, & cobiça? Porque se conforme a aquella sentença de S. Bernardo, as zombarias entre os seculares, são zombarias; mas entre os Religiosos são blasfemias: as demasias entre os mundanos, são demasias; mas entre os Religiosos são heregias. Assi são nas pessoas religiosas reprehendidas as estamenhas, & outras materias de laãs brândas, & finas; & seriam abominaçoẽs as sedas, que nos seculares seriam sômente reprehensiuas, quando superfluas. Assi tambem são abominaçoẽs os banquetes, & demasias do comer, & beber, que no mundo são descritos da sobriedade, que deue guardar a gente honrada, & generosa.

L I § A M I V.

Do segundo argumento acerca da prouidencia.

21 **A** Sentado o primeiro argumento de maior a menor, propoem o Senhor em quarto lugar o segundo argumento de exemplo, que tambem tem a mesma força de conuencer do menos para o mais. Pollo que se segue em o texto. *Olhai as aues do Ceo, que nem semeam, nem segam, nem ajuntam em celleiros: & vosso Pae celestial as sustenta. Por ventura não sois vos mais que ellas?* Com esta razaõ quiz concluir o Senhor que se das aues do Ceo (isto he do ar) se não descuida a prouidẽcia diuina pol-la razaõ só de Senhor, & Creador seu, que as conserua, sendo ellas incapazes da industria de laurar, semear, & recolher: quanto mais dos homens racionais feitos á sua imagem, & semelhança com outra razaõ mais apertada de pae. E porque entre os

animaes volatiles dos que domesticamente se conhecem, os coruos são menos prestadios, tristes, negros, & feyos, & mais vorazes, & por respeito do calor do estamago são mais necessitados de continuo mantimento; por isso apertando mais o argumento, poem nelles especialmente o exemplo. E assi diz conforme ao texto de S. Lucas: Considerai os coruos, que não semeam, nem segam; os quaes não tem dispensa, nem celleiro, & Deos os sustenta; quanto mais a vds, que sois mais que elles. Acerca destes engrandece David a prouidencia cantando de Deos: que dà aos jumentos seu mantimento (jumentos chama a todos os animaes, que seruem ao homem) & aos polhos dos coruos, que o chamam, ou inuocam. E em Iob se escreue: quem prepara ao coruo seu mantimento, quando seus filhos clamam ao Senhor, andando por ahi, porque não tem de comer? Em o que segundo S. Gregorio, & outros Autores allude ao que os coruos passam com os filhos no ninho em quanto lhes não nadem as penas negras; porque antes de empenarem quasi desconhecendoos por filhos não curam delles, nem lhes daõ de comer. Pollo qual apertados da fome chamam muito, & como clamando ao Author da natureza, se vão sustentando, ou prouendoos de hũas àuesinhas que andam ao redor de seus ninhos, que elles apanham, como diz S. Chrystomo, ou do orualho do Ceo, como diz a Glossa. E pode ser que por isso comparou a Igreja os cabellos de seu Esposo ao coruo, como fazendoo simbolo da prouidencia, em a qual esse Esposo tanto com ella se esmera, & emprega seus diuinos pensamentos figurados nos cabellos.

22 Como as aues do Ceo tratta Deos aos seus mimosos, & delles quer que aprendam a perder o cuidado das cousas temporaes, & pollo nelle todo. Particular he das aues do Ceo buscarem

Gal. 5. n. 24.
Bern. de Con-
sid.

Luc. 12. n. 24.

Pf. 146. n. 9.

Iob. 39. n. 3.

Greg. ibid. c.

Plin. lib. 10. c.

12. Chryst.

hom. in 3.

Reg. 17. Gloss.

& Cassian.

in Pf. 146.

Cant. 5. n. 11.

Tex.

et. n. n. n.

Hic. n.